

O Ministério *da* Palavra

Vincent Cheung

Título do original:

The Ministry of the Word

“Suficiente e Proveitosa” foi primeiramente publicado em 2005.

“Pregue a Palavra” foi primeiramente publicado em 2002.

“Ensinais as Nações” foi primeiramente publicado em 2005.

Copyright © 2006 por Vincent Cheung. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida no todo ou em parte sem prévia autorização do autor ou dos editores.

Publicado originalmente por *Reformation Ministries International* (www.rmiweb.org)
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto.

Primeira edição em português: *Março de 2007*.

Direitos para o português gentilmente cedidos pelo autor ao site *Monergismo.com*.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

SUMÁRIO

1. SUFICIENTE E PROVEITOSA	3
1. AUTORIDADE	5
a. Soprada por Deus.....	5
b. Transmitida pelo Espírito.....	10
2. SUFICIENTE.....	21
a. Suficiente pra que?	23
b. Suficiente pra quem?	26
3. UTILIDADE.....	33
a. Modos de Aplicação	33
b. Esferas de Aplicação.....	36
2. PREGUE A PALAVRA.....	43
1. O MANDATO DIVINO	44
2. PREGUE A PALAVRA	45
3. SOBRE O MÉTODO DE ENSINO	48
4. APRENDENDO FAZENDO	52
5. O USO DE ESTÓRIAS	55
6. UM MINISTÉRIO ABRANGENTE	60
7. NOTAS E ENTREGA	62
8. LITERATURA CRISTÃ	65
9. REFUTE! REPREENDA! RELEMBRE!	68
10. DEUS DÁ O CRESCIMENTO	71
3. ENSINAI AS NAÇÕES	74
1. A GRANDE COMISSÃO	76
2. A MENSAGEM CRISTÃ	82
3. A PRESENÇA PERMANENTE.....	89

1. SUFICIENTE E PROVEITOSA

2 TIMÓTEO 3:14-17

Quanto a você, porém, permaneça nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção, pois você sabe de quem o aprendeu. Porque desde criança você conhece as Sagradas Letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus.

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra.¹

Esse capítulo em Segundo Timóteo começa com a advertência de Paulo: “Nos últimos dias sobrevirão tempos terríveis”. Ele prossegue para descrever “homens de mentes depravadas” que “resistem à verdade” (v. 8), “homens maus” que “irão de mal a pior, enganando e sendo enganados” (v. 13), e aqueles que “se recusarão a dar ouvidos à verdade, voltando-se para os mitos” (4:4).

Por outro lado, Paulo declara que Timóteo deveria e poderia ser diferente dessas pessoas perversas, enfatizando o contraste com três ocorrências de “mas você” (3:10, 14, 4:5). Para parafrasear, Paulo diz:

Timóteo, está vindo problemas. Haverá pessoas más – egoístas, traidoras, impuras. Elas terão uma aparência de piedade, mas negam o seu poder. Elas sempre estarão aprendendo, mas nunca reconhecerão a verdade (v. 1-9). **Mas você**, Timóteo, conhece todo o meu ensino, meu modo de vida, meu propósito, e meu caráter (v. 10-11).

Essas pessoas são impostores, e elas irão de mal a pior, enganando os outros e sendo enganadas (v. 13). **Mas você**, Timóteo, continue no que aprendeu e creu desde o princípio, assim como sua mãe e sua avó lhes ensinou as Sagradas Letras enquanto você ainda era um infante (v. 14-15).

Essas pessoas não suportarão a sã doutrina. Elas reunirão para si mesmas mestres que digam somente coisas que elas querem ouvir. Elas se afastarão da verdade e se voltarão para os mitos e fábulas (4:3-4). **Mas você**, Timóteo, mesmo quando o tempo for desfavorável, deve permanecer firme, pregue a palavra, e cumpra o seu ministério (4:5).

Essas três ocorrências de “mas você” são mais ou menos obscurecidas por algumas traduções, mas recebem grande atenção em outras, tais como a NKJ, NCV, GNT, REB, e HCSB. Wuest e Lattimore traduzem as três ocorrências como “quanto a você”, que é

¹ Uma obra anterior, *Pregue a Palavra*, trata com a passagem que se segue (2 Timóteo 4:1-3). A presente porção, então, pode ser considerada como uma introdução. Estaremos discutindo a autoridade, suficiência e utilidade da Escritura — *Pregue a Palavra* considera os princípios de pregação e educação, e assim estende e sobrepõe com a seção final. Todavia, não haverá nenhuma tentativa deliberada de relacionar um artigo com o outro.

uma boa tradução. A NLT traduz todas as três ocorrências como “mas você”, e sempre começa um novo parágrafo em cada caso.

Uma tradução adequada deveria mostrar que Paulo está fazendo contrastes rígidos, consistentes e repetidos entre o “homem de Deus”² e os homens perversos. Jay Adams traduz as três ocorrências como “você, em contraste”, “você, contudo” e “mas você”. Isso reflete o significado e até o mesmo o contraste que Paulo tenta fazer, mas obscurece sua linguagem consistente. Assim, eu sugiro que todas as três ocorrências deveriam ser traduzidas como “mas você” ou “quanto a você”.³

Nossa passagem começa com a segunda ocorrência de “mas você”. O contraste é feito contra “perversos e impostores” que “irão de mal a pior, enganando e sendo enganados” (v. 13). Paulo quer que Timóteo seja diferente dessas pessoas, mas continue no que ele aprendeu e creu. E o que ele tem aprendido e crido é a Escritura.

Assim, discutiremos a autoridade, suficiência e utilidade da Escritura, sendo esses os atributos enfatizados na passagem.

Visto que o versículo 16 diz, “Toda a Escritura é inspirada por Deus”, alguém poderia pensar que a nossa ênfase deveria ser “inspiração” ao invés de autoridade. A inspiração certamente está em vista, mas ela é mencionada aqui para fornecer o fundamento para algo mais, e assim, “autoridade” é apropriada.

A idéia de suficiência é proeminente no versículo 17. Ela também representa amplamente uma ênfase da passagem. A Escritura é a resposta suficiente contra as situações e os homens maus que Timóteo deve enfrentar, e aquele que permanece firme na sã doutrina é também aquele permanece em contraste rígido contra aqueles que “vão de mal a pior, enganando e sendo enganados” (v. 13).

A utilidade da Escritura está intimamente relacionada com sua suficiência em nossa passagem. Paulo diz que a Escritura é “útil” ou “proveitosa”. Ela não é apenas eficaz, mas adaptável também — não que seu padrão e significado sejam flexíveis, mas que sua verdade pode ser aplicada com diferentes e vários métodos, com completa rigidez no conteúdo, mas com perfeita relevância ao mesmo tempo. Assim, consideraremos seus modos e esferas de aplicação. Para isso, não nos limitaremos à nossa passagem, mas tomaremos seus versos circunvizinhos e até mesmo toda a Bíblia em conta.

² Veja o versículo 17, mas também 1 Timóteo 6:10-11: “Pois o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males. Algumas pessoas, por cobiçarem o dinheiro, desviaram-se da fé e se atormentaram com muitos sofrimentos. *Mas você, homem de Deus*, fuja de tudo isso e busque a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança e a mansidão”.

³ “Você, contudo” e “você, em contraste” são de fato traduções boas. O ponto é que todas as três ocorrências deveriam ser traduzidas da mesma forma.

1. AUTORIDADE

O versículo 16 assevera a inspiração divina da Escritura, e embora ela seja mencionada como se de passagem para introduzir outro pensamento, ela é, todavia, fundacional para todo o propósito da passagem. Sem a inspiração da Escritura, o resto seria vazio e fútil.

Começaremos, então, considerando o significado de inspiração divina, e como ela torna a Escritura suficiente e proveitosa.

a. Soprada por Deus

Embora estejamos acostumados a afirmar a “inspiração” (KJV, ARC, ARA, NVI) da Escritura, a palavra composta *theopneustos* literalmente significa “sopro de Deus ” (NIV), e visto que a terminação *-tos* indica um significado passivo, uma tradução ainda mais precisa seria “soprada [ou expirada] por Deus” (ESV).

A implicação é tremenda. A Escritura não contém mera opinião humana e nem mesmo a interpretação humana da revelação divina, mas ela veio “diretamente” de Deus, por assim dizer, e dessa forma, não há diferença entre o que a Escritura diz e o que Deus pensa ou o que Deus diz. A Escritura é o que Deus pensa e o que Deus diz.

Esse sendo o caso, não há diferença entre a autoridade de Deus e a autoridade da Escritura. Entender a Escritura é entender a mente e a vontade de Deus, e desobedecer a Escritura é desobedecê-lo. Assim como alguém não pode permanecer diante de Deus e dizer: “Eu te obedecerei, mas não obedecerei ao que tu dizes” — visto que obedecer ou desobedecer um é obedecer ou desobedecer o outro — ninguém pode dizer: “Eu obedecerei a Deus, mas não a Bíblia”, pois não há diferença.

Alguns nos ridicularizarão como seguindo um “papa de papel”, mas eu preferiria o aparentemente insulto maior de seguir um “*Deus* de papel”, visto que somente então o insulto corresponderia à posição realmente sustentada. A resposta é que não estamos seguindo um papa ou Deus de *papel*, mas seguindo a *Deus*, visto que, novamente, há diferença *zero* entre obedecer a Bíblia e obedecer a Deus. Assim, o insulto “papa de papel” não é nem de perto forte o suficiente. De fato, de acordo com o arranjo soberano de Deus, obedecer a Bíblia é a única forma de obedecer a Deus. Que os nossos oponentes, então, nos insultem por obedecer a Deus, e em fazendo isso condenem o próprio desafio deles.

Porque a palavra *theopneustos* significa “soprada [ou expirada] por Deus”, há uma objeção legítima contra traduzi-la como “inspiração”. A palavra “inspiração” vem do latim e é usada na Vulgata, e até mesmo no inglês ela tem o significado de *inspirar* — o oposto do que é transmitido por *theopneustos*.

O perigo é supor a partir dessa tradução que a Escritura é um produto meramente humano para o qual Deus soprou em seu espírito, ou que Deus meramente exerceu sua influência no processo de escrita, enquanto o produto permaneceu essencialmente ou primariamente humano na origem. Por outro lado, a tradução “soprada [ou expirada] por Deus” dificilmente permitiria tal mau entendimento.

A objeção é tecnicamente correta; contudo, o mau entendimento não parece provável ou comum. Sob “inspiração”, a idéia de “influência divina”⁴ aparece como a primeira definição no *Merriam-Webster*, mas como a quinta no *Webster's New World*. Mas mesmo no último caso, o perigo de alguém aplicar as quatro primeiras definições antes de considerar a quinta é mínima, pois a quinta definição é claramente designada como “*Teol.*” — isto é, teológica — de forma que ela seria a primeira considerada em tal contexto.

Devido ao uso e entendimento comum, a palavra inglesa [N.T.: o mesmo é verdadeiro no português] “inspiração” se tornou há muito tempo um termo teológico amplo para o que a Escritura realmente ensina sobre sua origem — que ela é o “sopro de Deus” — e assim também infalível, inerrante e carrega autoridade absoluta. Por essa razão, eu não me oporei ao uso da palavra “inspiração” aqui no versículo 16 por causa de um possível mau entendimento, visto que o significado teológico é geralmente reconhecido.

Contudo, eu me oporia a tal tradução pela simples razão de que ela não é verdadeiramente uma tradução, mas uma (correta) inferência ou interpretação do que o versículo afirma. Isto é, mesmo que concordemos que a palavra não significa “inspirar” quando usada no sentido teológico — mas amplamente se refira ao que a Escritura ensina sobre sua própria origem — ela ainda não é o que é declarado *aqui* nesse versículo. Antes, o versículo diz que a Escritura é o “sopro de Deus”, e é a partir dessa e outras passagens relevantes que derivamos a doutrina da *inspiração* divina.

Paulo escreve que “*Toda Escritura é o sopro de Deus*”. Há algum debate sobre a tradução correta de “Toda Escritura”. Certamente, devemos sempre aspirar a tradução mais precisa, mas os perigos de outras traduções para a frase têm algumas vezes sido exagerados. Que traduzamo-la como “toda Escritura” ou “cada Escritura” não faz nenhuma diferença essencial — a primeira declara que a Escritura como um todo é inspirada, e a última declara que cada parte da Escritura é inspirada. De qualquer maneira, tudo da Escritura e cada parte dela é o sopro de Deus.

É verdade que traduções tais como “cada escritura inspirada por Deus é também proveitosa” e toda Escritura inspirada tem sua utilidade” enfraquecem grandemente o versículo, visto que elas procuram permitir a possibilidade de que pelo menos algumas partes da Bíblia não sejam inspiradas. Traduzir “o que é Escritura” similarmente debilita o versículo como um texto claro em suporte da inspiração plenária da Bíblia.

Mesmo com esse problemas potenciais, nenhuma dessas traduções realmente *contradizem* a inspiração divina da Escritura. Portanto, embora o problema seja sério, o perigo real é limitado. Então, considerando o fato de que a doutrina da inspiração não depende desse versículo somente, mas é atestada por uma grande quantidade de passagens bíblicas, não devemos pensar que a própria verdade da inspiração permanece ou cai na tradução precisa desse versículo.

Ainda, algumas opções são melhores do que outras, e algumas tentativas são claras distorções. Podemos oferecer argumentos gramaticais mostrando que “Toda Escritura” (NIV, ESV) é o mais exato, e já observamos que mesmo traduzir como “cada Escritura” não mina a inspiração divina de forma alguma.

⁴ Sem dúvida, falar da Escritura como um produto de “*influência* divina” é muito fraco, a menos que esteja claro que essa “*influência*” é absoluta e exaustiva. Contudo, nesse momento a questão não é se os dicionários fornecem uma definição precisa da doutrina bíblica, mas se a palavra inspiração deve significar “inspirar”, ou se ela é facilmente construída como tal num contexto teológico.

Embora as outras opções não contradigam a inspiração nem a tornam impossível, elas não deveriam ser consideradas sérias concorrentes. Isso é verdade se por nenhuma razão além dessa, dado o contexto histórico e cultural, e mais a confiança da evidência interna da Bíblia, é impossível para Paulo ter em mente os significados fracos. De fato, a principal ênfase do versículo não é nem mesmo afirmar a inspiração divina da Escritura, como se Timóteo precisasse ser convencido; antes, Paulo meramente declara a suposição para introdução seus comentários e admoestações subseqüentes.

Não gastaremos mais tempo sobre isso, visto que, como observado, a inspiração não está em perigo, e isso é suficiente para o ponto que estou para estabelecer. Mas há mais um passo a se tomar antes disso.

Por “Toda Escritura”, é certo que Paulo está se referindo pelo menos ao Antigo Testamento, visto que, como um judeu, essa era a sua “Escritura”. Também, ele tinha acabado de mencionar “as Sagradas Letras” que tinham sido ensinadas a Timóteo por sua mãe e avó — que eram judias —, que da mesma forma eram pelo menos o Antigo Testamento. A questão é se ele tinha em mente o Novo Testamento também, ou a partir de outra perspectiva, se o que ele está dizendo sobre “Toda Escritura” pode ser diretamente aplicado ao Novo Testamento em particular.

Aqui novamente iremos recordar que a inspiração da Escritura, e agora o Novo Testamento em particular, não depende desse versículo apenas. Jesus diz que ele enviaria aos apóstolos o Espírito da verdade, que então os guiaria a toda verdade (João 16:13). E Pedro escreve que pessoas ignorantes e instáveis distorcem as cartas de Paulo, “como também o fazem com *as demais* Escrituras” (2 Pedro 3:15-16). A implicação necessária é que as cartas de Paulo já eram consideradas como parte das Escrituras. Isto é, ele diz que essas pessoas distorcem as cartas de Paulo, que são Escrituras, assim como eles fazem com *as demais* Escrituras.

Quanto a Paulo, ele estava ciente de que as próprias palavras que ele falava eram “ensinadas pelo Espírito” (1 Coríntios 2:13), e não apenas as idéias gerais. Ele se introduz como um apóstolo, pré-ordenado e chamado para ser tal por Deus e o Senhor Jesus. E ele repetidamente defende sua identidade e autoridade como um apóstolo em seus escritos. Ele diz aos coríntios: “reconheçam que o que lhes estou escrevendo é mandamento do Senhor” (1 Coríntios 14:37). Então, em Timóteo 5:18, ele prefacia tanto Deuteronômio 25:4 como Lucas 10:7 com a expressão “a Escritura diz”, efetivamente chamando o Evangelho de Lucas de “Escritura” e atribuindo a ele a mesma inspiração e autoridade divina de Deuteronômio.

É, portanto, irracional assumir que Paulo deve se referir somente ao Antigo Testamento quando ele diz “Toda Escritura”. Como Robert Reymond escreve, Paulo estaria disposto a incluir e “quase certamente incluiu, dentro da categoria técnica de ‘toda Escritura’ os documentos do Novo Testamento, incluindo os seus, também”.⁵ Visto que os documentos do Novo Testamento são considerados como inspirados e até mesmo chamados de “Escritura”, podemos com completa certa considerá-los como o “sopro de Deus”. Tanto o Antigo Testamento como o Novo Testamento são “Escritura”, e eles constituem *um livro* que é a nossa Bíblia. Portanto, não há problema em se considerar o versículo como afirmando: “A Bíblia inteira é o sopro de Deus”. De fato, não há escusa para pensar de outra forma.

⁵ Robert L. Reymond, *A New Systematic Theology of the Christian Faith* (Thomas Nelson, 1998), p. 34.

Agora chegamos ao ponto que eu queria estabelecer. Isto é, dado que toda a Bíblia é soprada por Deus — tudo a partir de uma única fonte divina — não há razão para considerar uma parte da Bíblia como mais autoritativa do que outra, ou para considerar uma pessoa inspirada falando na Escritura como mais inspirada do que outra.

De fato, se por inspiração queremos dizer o sopro de Deus, então um texto ou é inspirado ou não é inspirado, e textos inspirados são igualmente o sopro de Deus. Assim, Moisés não é mais confiável que Jeremias, ou David mais autoritativo do que Malaquias. Deus é a fonte de cada parte da Escritura, e não Moisés, Jeremias, Davi, ou Malaquias. Portanto, não há diferença na confiabilidade e autoridade entre os vários livros bíblicos e seus escritores.

Aqui eu tenho em mente a mentalidade “Bíblia com letras vermelhas”. Algumas pessoas tratam as palavras de Jesus como se elas formassem uma Bíblia dentro da Bíblia, ou como se elas fossem especialmente confiáveis e autoritativas. Se estão conscientes ao fazer isso, eles podem assumir que isso é correto e bom, e que representa uma atitude de reverência especial por nosso Senhor. Contudo, dado que o ensino da própria Bíblia é que “*Toda Escritura é o sopro de Deus*”, honrar de uma maneira *especial* as palavras de Jesus é na realidade uma negação da inspiração da Escritura.

Provavelmente mais do que umas poucas pessoas acharão essa afirmação perturbante. Alguém pode dizer: “Ele está negando que Jesus é maior do que os profetas e apóstolos? Mas Jesus é Deus, não um mero homem! Ele é maior do que Abraão e Salomão, e até mesmo Davi o chamou de Senhor”. É verdade que Jesus é maior do que todos os homens, mas levantar esse ponto *nesse* contexto é denunciar uma tendência para o erro sobre o qual estou falando.

Ao afirmar a inspiração da Escritura, não há lugar para comparar os méritos de locutores e escritores individuais, visto que a doutrina da inspiração é que “*Toda Escritura é o sopro de Deus*”, isto é, a Bíblia *inteira* vem de Deus. Em outras palavras, quando estamos comparando as palavras de Jesus com as palavras de Paulo, o fato de que Jesus é infinitamente maior do que Paulo é irrelevante. *Toda Escritura é o sopro de Deus*, de forma que a menos que neguemos a inspiração de Jesus ou de Paulo, estamos comparando as palavras de Deus com as palavras de Deus; assim, há diferença zero *em* inspiração e autoridade entre eles. Se as palavras de Paulo na Bíblia são menos autoritativas do que as palavras de Jesus, então elas não são inspiradas de forma alguma — elas não são o sopro de Deus.

Algumas vezes as pessoas tentam parecerem sábias. Referindo-se ao que considera um ensino surpreendente, um pregador diz: “Se Jesus não tivesse dito isso, eu não teria crido!”. Ele provavelmente não percebe a implicação do que ele diz, mas o significado é que se o mesmo ensino fosse afirmado somente pelos profetas e pelos apóstolos, ele teria declarado o mesmo como sendo falso. Isso implicaria que ele não crê na inspiração da Escritura *de forma alguma*, pelo menos em tudo o que não está em vermelho. Os escritos não-inspirados podem ser algumas vezes corretos e algumas vezes errados, mas uma parte do escrito ser inspirada significa que o mesmo é sempre e completamente inspirado.

Quando discutindo o assunto da revelação divina, até mesmo estudiosos evangélicos têm dito: “Os profetas e apóstolos foram inspirados por Deus, e eles falaram pelo Espírito, mas Jesus era o próprio Deus”. O ponto em si é verdadeiro, mas novamente, levantar essa questão aqui é denunciar uma tendência de pensar nas palavras de Jesus na

Bíblia como sendo superiores ao resto da Bíblia, o que equivale a uma negação da inspiração divina, ou seja, que *toda* a Escritura é soprada por *Deus*.⁶

Essa negação implícita da inspiração bíblica está de fato presente em muitas pessoas do que alguém assumiria, e isso pode impedir algumas pessoas de entenderem minha preocupação. O que poderia estar errado em se dar honra especial às palavras de Cristo? Pode parecer para eles que eu estou *rebaixando* Jesus ao nível dos profetas e apóstolos. Alguém que interpreta assim o que estou dizendo não entendeu o ponto da questão.

Se *toda* Escritura é o *sopro* de Deus, então todos os escritos dos profetas e apóstolos já carregam a autoridade *máxima*, e as palavras de Jesus não podem ser mais autoritativas porque não há lugar para algo mais alto — *cada* parte da Escritura carrega a própria autoridade de Deus. De fato, se cada parte da Escritura é revelada por Deus, então cada parte da Escritura é também, nesse sentido, as palavras de Jesus, a segunda pessoa da Trindade. E a palavra de Deus falada através do corpo humano de Jesus não pode ser superior àquela palavra de Deus falada através de Davi ou Paulo. Se um “documento” inspirado é um documento que é o “sopro de Deus”, então não pode haver graus de inspiração, mas algo deve ser inspirado ou não inspirado, e se inspirado, então é a própria palavra de Deus.

Outro ponto que é frequentemente perdido é que, enquanto o assunto for inspiração e não os méritos de indivíduos, não estamos comparando Jesus com os profetas e apóstolos, mas Mateus, Marcos, Lucas e João com os outros escritores da Escritura. Sem hesitação, reconhecemos a superioridade absoluta de Cristo sobre todos os homens, mas a questão é se Mateus, Marcos, Lucas e João eram inspirados. Visto que eles eram, então os documentos que eles produziram, que incluem as palavras de Jesus, carregam a autoridade máxima, assim como os escritos dos profetas e apóstolos carregam a autoridade máxima, e assim como qualquer outra palavra da parte de Deus carregaria a autoridade máxima. Não há espaço para um ser superior ao outro. Visto que todos carregam a autoridade de Deus, nenhum pode ser maior ou menor em autoridade.

Podemos até conceder que, se a “inspiração” se aplicasse a ele, ela ocorreria diferentemente em Jesus do que nos profetas e apóstolos. Entre outras coisas, ele não tinha nenhum pecado, cujos efeitos o Espírito deveria ter sobrepujado ou suspenso para assegurar a perfeita comunicação da mente de Deus. E ele poderia falar por sua própria autoridade divina em harmonia com a vontade do Pai. Assim, o modo de operação era certamente diferente. Todavia, o produto é o mesmo — palavras infalíveis e inerrantes que são o “sopro de Deus”. O ponto é que fazer qualquer distinção entre Deus e a Escritura, ou Jesus e a Escritura, é também negar a inspiração da Escritura.

Desconsiderando por ora as ramificações dessa verdade para a teologia, hermenêutica, e outras disciplinas, ela tem relevância imediata para o nosso texto. Paulo diz que toda Escritura é o sopro de Deus e é “útil” ou “proveitosa” para os propósitos que ele enumera. Segue-se que não devemos considerar as palavras de Jesus na Bíblia como mais úteis ou proveitosas do que as palavras de escritores humanos inspirados no resto da Bíblia.

⁶ Hebreus 1:1-2 diz: “Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo”. A ênfase aqui é que *Deus* falou-nos, e o fez através da pessoa superior de Cristo, e não que as palavras de Cristo eram de alguma forma mais inspiradas. Se os profetas falaram da parte de *Deus*, então nada poderia ser mais inspirados. Também, nosso tópico é a inspiração e autoridade da Escritura, mas isso não é o que essa passagem de Hebreus está tratando. Nada na passagem indica que as palavras de Cristo eram mais verdadeiras ou inspiradas do que as dos profetas, ou que as palavras dos profetas na Escritura tinham algo menos do que a autoridade de Deus.

De fato, uma exposição do nosso texto não requer estritamente de nós a menção dos escritores humanos de forma alguma, ou o considerar como a inspiração divina ocorreu neles. Isso porque a palavra “sopro de Deus” não tem referência a nenhum papel ou agência humana na produção da Escritura. O termo enfatiza a natureza da Escritura — dada por Deus —, e que ela é diretamente dada por Deus em termos de conteúdo. Deus escreveu sobre as tábuas de pedra quando ele deu os Dez Mandamentos, mas o resto da Bíblia veio dele tanto quanto aqueles, de forma que não haveria nenhuma diferença essencial se Deus tomasse uma caneta e escrevesse toda a Escritura sem usar escritores humanos. A palavra “sopro de Deus” nos proíbe de formar uma conclusão mais fraca.

Todavia, a maioria das porções da Escritura de fato veio através de escritores humanos inspirados antes do que por uma voz do céu, por ditação, ou pelo dedo de Deus, e é frequentemente observado que as várias partes da Bíblia refletem as diferentes circunstâncias, panos de fundo, e personalidades dos escritores inspirados. Nosso texto não menciona ou explica isso sobre a Bíblia, mas ao chamá-la de o sopro de Deus, ele enfatiza a divindade da fonte e a pureza do produto. Aprender sobre como Deus escreveu seus pensamentos através de escritores humanos inspirados, e duma forma que a Bíblia pode ser chamada de o sopro de Deus sem qualificação, exigirá que façamos um breve desvio para outra passagem bíblica.

b. Transmitida pelo Espírito

Ao explicar a verdadeira origem e natureza da Escritura, Pedro escreve: “Antes de mais nada, saibam que nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal, pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo” (2 Pedro 1:20-21).

Essa importante passagem é tão rica quanto o nosso texto principal de 2 Timóteo, e tomaria muita atenção fazê-la justiça. Mas como isso é algo como uma digressão, todos os detalhes fascinantes terão que esperar outro momento. Por ora tomarei tempo para extrair não muito mais do que é necessário para tratar do assunto mencionado acima — isto é, o papel dos escritores humanos na formação da Escritura, ou a relação entre os escritores humanos e a inspiração divina.

Para começar, Pedro se refere à “profecia da Escritura”. Ele poderia estar falando sobre porções específicas do Antigo Testamento que são num sentido estrito consideradas como profecias. Mesmo se esse fosse o caso, isso ainda incluiria muito mais da Bíblia do que muitas pessoas percebem, visto que profecias não se referem somente a predições, mas o termo se refere às expressões e escritos inspirados pelos quais Deus comunica através de seus agentes, quer essas expressões e escritos sejam preditivas em conteúdo ou não.

Contudo, é provável que Pedro tivesse em mente algo mais amplo, de forma que pela expressão ele pretenda colocar a ênfase sobre a natureza profética da Escritura (como em “a palavra profética” no v. 19, NASB), que é uma revelação de Deus. Dado o contexto, isso não seria surpresa, visto que ele está combatendo falsos mestres e falsos profetas que reivindicavam falar a verdade, quando eles poderiam oferecer somente suas próprias opiniões e especulações.

Mesmo se essa visão mais estreita fosse verdadeira — embora o oposto pareça ser o caso — a aplicação não pode ser limitada a somente certas porções da Escritura. Temos estabelecido a partir de Paulo que *toda* Escritura é inspirada, e Pedro está nos falando

aqui algo sobre como a inspiração ocorreu; portanto, o princípio deve se aplicar a tudo da Escritura. De fato, embora Pedro esteja escrevendo contra “falsos mestres” e “falsos profetas” (2:1), ele não diz: “nenhuma profecia verdadeira provém de interpretação pessoal do profeta”, mas “nenhuma profecia *da Escritura* provém de interpretação pessoal do profeta” (NIV). Seu foco é sobre o produto escrito.

À primeira vista, a última parte do versículo 20 parece oferecer vários significados possíveis. As várias traduções e comentários favorecem significados diferentes e os perpetuam.

A Bíblia de Jerusalém traduz: “a interpretação da profecia escriturística nunca é uma questão para o indivíduo”, e isso tem sido usado para ensinar a doutrina católica de que indivíduos ordinários não podem simplesmente pegar a Bíblia e entender o que ela diz — somente a Igreja pode interpretá-la para eles. Os Reformadores lutaram contra essa falsa doutrina, e defenderam o direito dos indivíduos de ler a Bíblia.

Então, a KJV diz, “nenhuma profecia da escritura é de interpretação privada de alguém”. Isso poderia ser construído como acima também, mas os Protestantes tendem a pensar que essa é um repúdio de um entendimento subjetivo e relativista da Escritura. De fato, muito dano tem vindo da maneira americana de pensar, de que cada pessoa tem sua opinião, e de que cada pessoa tem o direito de contribuir para uma determinada discussão, até mesmo na igreja. A Bíblia nega ambos — cada pessoa deve afirmar o que a Palavra de Deus diz, e qualquer um que ignore a Palavra de Deus deve ser ignorado (1 Coríntios 14:38).

Em muitas igrejas, os estudos bíblicos são realizados permitindo-se que os participantes dêem suas interpretações privadas da Escritura. Eles começam dizendo: “Eu penso que isso significa...” ou “Para mim isso significa...”. Ninguém nunca está errado e nenhuma visão é denunciada como herética, mas o moderador constrói todas as visões apresentadas, de forma que elas são todas corretas e estão todas em concordância umas com as outras.⁷ Mas então eles poderiam muito bem escrever a própria Escritura deles, visto que em efeito é o que eles já estão fazendo. Em todo caso, os Reformadores defenderam o direito de indivíduos lerem a Bíblia, mas não de violar o texto e atribuir significados a ele.

Assim, essa segunda opção é verdadeira o suficiente em si mesma. Cada passagem da Escritura tem um significado pretendido e fixado, de forma que uma abordagem subjetiva e relativista ao se ler a Bíblia deve ser denunciada como um assalto à palavra de Deus. Todavia, é improvável que seja isso o que o versículo 20 transmite.

A palavra “interpretação” pode significar “explicação”, mas pode significar também “desprender”, “soltar” ou “liberar”. No Novo Testamento, o substantivo é usado somente aqui, enquanto o verbo aparece em Marcos 4:34 e Atos 19:19. Em Marcos 4, o verbo significa “expor” ou “explicar”, e em Atos 19, ele significa “decidir”. Seu significado em nosso versículo deveria ser determinado pelo contexto.

O contexto imediato tem a ver com como a “Escritura provém” (v. 20), e Pedro insiste que “jamais a profecia teve *origem* na *vontade humana*” (v. 21). A questão é a origem da Escritura e sua relação com a vontade do homem, e não a interpretação do produto da inspiração. Portanto, a “interpretação” está se referindo aos *escritores* da Escritura e não aos *leitores* da Escritura.

⁷ Veja Vincent Cheung, *The Parables of Jesus* para comentários adicionais.

Quanto ao contexto mais amplo, Pedro afirma no versículo 16: “De fato, não seguimos *fábulas* engenhosamente *inventadas*, quando lhes falamos a respeito do poder e da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”. Ele está contrastando sua própria pregação e as palavras dos profetas na Escritura com a dos “falsos profetas” e “falsos mestres” (2:1) que exploravam pessoas “com *histórias quem eles tinham inventado*” (2:3).

Com o acima exposto em mente, podemos parafrasear Pedro (1:20): “Os falsos profetas e falsos mestres explorariam vocês com histórias que eles inventaram, mas nós não inventamos o que lhes dissemos sobre a transfiguração de Cristo e a voz de Deus dos céus. Da mesma forma, nada na Escritura proveio de decisão ou entendimento pessoal do homem. A Escritura foi produzida de uma forma muito diferente de como esses falsos profetas e falsos mestres operam, visto que eles inventam suas doutrinas e histórias, mas tudo na Escritura provém de Deus”.

A. T. Robertson escreve: “Nenhuma profecia da Escritura proveio de descoberta privada, nem de interpretação privada”.⁸ Gordon Clark sugere a tradução: “Nenhuma profecia escrita jamais veio à existência por qualquer liberação do indivíduo [ou, mais literalmente] por comunicação privada”.⁹ A ênfase seria que a Escritura não veio por decisão do homem (“nunca teve sua origem na vontade do homem”, v. 21), ou simplesmente porque uma pessoa “queria profetizar” (NLT).

Eu deveria adicionar que até mesmo se a palavra “interpretação” for tomada como significando “explicação” aqui, isso não faria nenhuma diferença essencial. A ênfase mudaria levemente para o fato de que a Escritura não proveio do entendimento humano sobre eventos históricos e assuntos atuais, ou da especulação humana sobre o futuro. Wuest toma essa perspectiva e traduz: “nenhuma profecia da escritura se originou de alguma interpretação privada [sustentada pelo escritor]”.¹⁰

Ambas as idéias são encontradas no versículo 21, que diz que “jamais a profecia teve origem na vontade humana” (não pela *iniciação* humana), mas que “homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo” (não por *interpretação* humana).

Assim, ao declarar a inspiração da Escritura, Pedro primeiro faz uma importante negação. Ele nega que a Escritura seja um produto de iniciação e interpretação humana, diferentemente de todas as religiões e filosofias não-cristãs. Mas então, ele faz uma afirmação sobre a origem da Escritura que nos diz algo sobre a natureza da inspiração. A Escritura “proveio” (v. 20), ele explica, à medida que “homens falaram *da parte de Deus*” (v. 21). As palavras da Escritura vieram de Deus, e não dos próprios homens.

Nós podemos aprender algo sobre a natureza das verdadeiras expressões proféticas notando como as falsas profecias são descritas e condenadas na Escritura. Por exemplo, Jeremias 23:16 diz: “Não ouçam o que os profetas estão profetizando para vocês; eles os enchem de falsas esperanças. Falam de visões inventadas por eles mesmos, e que não vêm da boca do Senhor”. Os falsos profetas falam coisas “inventadas por eles mesmos”, mas os verdadeiros profetas falam o que “vêm da boca do Senhor”. O Novo Testamento diz que “Deus... falou através de Davi” (Hebreus 4:7), e que “o Espírito Santo falou a verdade... por meio do profeta Isaías” (Atos 28:25).

⁸ A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, Vol. 6 (Broadman Press, 1960), p. 158.

⁹ Gordon H. Clark, *New Heavens, New Earth: A Commentary on First and Second Peter* (The Trinity Foundation, 1993), p. 192-193. Parênteses no original.

¹⁰ Kenneth S. Wuest, *The New Testament: An Expanded Translation*. Parênteses no original.

Foi Deus quem falou, não os homens — ele falou *por meio de* homens. A implicação é clara — as palavras da Escrituras são tanto “da parte de Deus” que é como se elas tivessem vindo diretamente “da boca do Senhor”, e de fato, elas vieram. Portanto, não devemos fazer nenhuma distinção entre as palavras da Escritura e as palavras de Deus.

De fato, nós podemos — nós *devemos* — regularmente e em vários contextos usar Deus e Escritura como termos intercambiáveis, pois essa é também a prática da própria Bíblia. Gênesis 12:1-3 diz, “O SENHOR disse...”, mas referindo-se à mesma ocasião, lemos em Gálatas 3:8: “Prevendo a *Escritura*... anunciou”. Êxodo 9:13-16 diz “Então o SENHOR disse... apresente-se ao faraó e diga-lhe...”, mas referindo-se ao mesmo acontecimento, lemos em Romanos 9:17: “Pois a *Escritura* diz ao faraó...”.

Na Bíblia, “Escritura” é personificada e algumas vezes usada no lugar de “Deus”. Isso é somente correto e natural se a Escritura for *exatamente* a palavra de Deus, de forma que haja diferença zero entre elas em pensamento e autoridade. E é apenas correto que nós como cristãos adotemos a mesma prática. Ela reflete nossa crença na inspiração divina da Escritura para pensar de Deus e a Bíblia como intercambiáveis. Nós nos referimos à ambas como poderosa, penetrante, justa, pura e santa. Gálatas 3:8, citado acima, atribui presciência à Escritura. Podemos até mesmo nos referir à Escritura como o juiz da humanidade: “Se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, eu não o julgo; porque eu não vim para julgar o mundo, e sim para salvá-lo. Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue; a própria palavra que tenho proferido, essa o julgará no último dia” (João 12:47-48, ARA).

Tudo isso não se aplica somente ao Antigo Testamento, como se o Antigo e o Novo fossem dois livros separados reunidos de maneira forçada, ao invés de um todo orgânico pré-ordenado, desenvolvido e preservado por Deus. Como Pedro escreve: “Para que vos recordeis das palavras que, anteriormente, foram ditas pelos santos profetas, bem como do mandamento do Senhor e Salvador, ensinado pelos vossos apóstolos” (2 Pedro 3:2, ARA). Os apóstolos também “falaram da parte de Deus”. Suas palavras inspiradas não vieram deles, mas da boca do Senhor, e assim carregam a autoridade de Deus (1 Coríntios 2:13, 14:37).

A Escritura “proveio” quando “homens falaram da parte de Deus”, de forma que a Escritura carrega autoridade absoluta, e o termo pode ser até mesmo personificado para ser usado intercambiavelmente com Deus. As ramificações para a suficiência e utilidade da Escritura deveriam ser tão óbvias quanto elas são numerosas. Mas antes de tomar esse próximo passo, devemos recordar, antes de tudo, o propósito para esse retorno à 2 Pedro, que é explicar o papel humano na inspiração divina e a composição da Escritura.

Pedro de fato diz que a Escritura veio à medida que “homens falaram *da parte de Deus*”, de forma que ela não veio por iniciação ou interpretação humana. Mas ele diz também que “*homens falaram da parte de Deus*”, de forma que os homens estavam envolvidos na composição da Escritura. Qual era esse papel? O que eles fizeram? Em que sentido e de que forma eles estavam envolvidos? Pedro continua para nos dizer. Ele escreve: “Homens falaram da parte de Deus, *impelidos* pelo Espírito Santo” (v. 21).

A tradução “movidos” (KJV, NASB, ARA) pelo menos indica que os homens foram passivos, de forma que eles *agiram de acordo* com o Espírito, e essa é certamente uma ênfase principal aqui. Mas a tradução “impelidos” (NIV, ESV, NVI) pinta um retrato melhor do que a palavra significa. Ela é uma metáfora tomada do mundo náutico, e descreve como um navio é impelido e compelido pelo vento. Assim, em Atos 27:15 e

17, a palavra é traduzida como “arrastado” (NIV, ESV, NVI). Nessa passagem, o navio não é auto-movido, nem ele coopera *ativamente*, mas ele é passivo — agindo de acordo e sendo influenciado pelo vento, que é ativo.

Da mesma forma, quando homens falaram da parte de Deus e escreveram a Escritura, eles eram passivos e o Espírito era ativo. De fato, os homens eram tão passivos com relação ao Espírito que eles foram descritos como sendo “impelidos”, como se o Espírito estivesse debaixo deles, levantando-os e carregando-os para os seus próprios propósitos. Eles foram os objetos passivos carregados inteiramente pelo poder do Espírito, e esse foi o papel e envolvimento deles.

Como Edward J. Young escreve: “Se uma pessoa levanta algo e a sustenta, ela o faz pelo seu próprio poder. O que é levantado e sustentado, contudo, é absolutamente passivo. Assim, os escritores da Escritura que falaram da parte de Deus foram passivos. Foi o Espírito de Deus quem os sustentou. Era ele quem estava ativo, e eles passivos”.¹¹

Alguns comentaristas insistem que as palavras “homens falaram” concede um papel ativo aos profetas, mas em que sentido eles foram ativos? Se eu tomar uma caneta e escrever uma carta, certamente a “caneta escreve”, mas seu papel é ativo somente com relação a si mesma e com relação a quando ela não está escrevendo de forma alguma. Com relação a mim, a caneta é inteiramente passiva, e não pode nem mesmo ser dito que ela está cooperando ativamente. Para aqueles que parecem sempre interpretar incorretamente analogias, eu não estou dizendo que um homem é exatamente como uma caneta,¹² mas estou dizendo que nós não podemos inferir muito das palavras “homens falaram” em si mesmas, mas o sentido e a extensão dessas palavras são restringidos pelo contexto.

Pedro qualifica “homens falaram” dizendo que o Espírito os *impeliu*, de forma que até mesmo o falar deles foi realizado sob essa condição passiva. Assim, os homens falaram, mas somente à medida que eles eram impelidos pelo poder ativo de Deus. Isto é, o ato de falar deles era ativo somente com relação a não falar nada, mas eles não eram em nenhum sentido auto-movidos ou auto-capacitados quando falavam, nem eles tinham um “livre-arbítrio” do qual Deus devia obter cooperação. Assim, o verso inteiro fala de homens como passivos, e Deus como ativo.

Talvez motivado por seu preconceito teológico, à medida que ele oferece sua exposição sobre esse mesmo versículo, Michael Green escreve: “Pois revelação não é uma questão de recepção passiva: ela significa co-operação ativa”.¹³ Contudo, isso é o próprio oposto do que Pedro enfatiza no versículo. Green não faz nenhuma menção do sentido obviamente passivo de “impelidos”, ou como ele pode derivar cooperação humana a partir do texto. Certamente, Green serve somente como uma ilustração aqui em nossa discussão, visto que muitos outros descrevem a inspiração divina de tal maneira.

Que crenças e suposições Green está tentando proteger, de forma que ele as afirmaria mesmo quando elas não sejam encontradas no versículo, nem ao redor do mesmo? Ele continua: “O fato da inspiração não significa uma supressão dos funcionamentos mentais normais do autor humano... Além do mais, ele não usou *qualquer* homem, mas

¹¹ Edward J. Young, *Thy Word is Truth* (The Banner of Truth Trust, 1957), p. 25.

¹² Veja Vincent Cheung, “Mais do que um Oleiro”.

¹³ Michael Green, *2 Peter and Jude* (William B. Eerdmans Publishing Company, 1987), p. 103.

homens santos, aqueles que eram dedicados e comprometidos com o seu serviço. E mesmo com tais homens, ele não violentou suas personalidades...”.¹⁴

Green está preocupado em preservar os “funcionamentos mentais” e as “personalidades” dos escritores humanos, e também o fato de que eles eram homens santos. E a partir disso ele infere que a revelação não pode ser “uma questão de recepção passiva”, mas demanda a “cooperação ativa” do homem. Para colocar isso de outra forma: ele quer prevenir o mau entendimento de que os escritores humanos estavam inconscientes, sem pensar, desapercebidos ou em transe quando eles falaram e escreveram da parte de Deus.

Contudo, a inferência de Green não se segue de sua preocupação. Quando eu escrevo, certamente a “caneta se move”, e quando eu jogo tênis, certamente a “raquete balança”. Num sentido, tanto a caneta como a raquete são ativas, mas elas são ativas somente em relação a si mesmas, e em relação à condição anterior de descanso delas. Com relação a mim, elas são completamente passivas, sendo impelidas pela minha força e meu objetivo, para cumprirem a minha ordem. Elas “cooperam”? Certamente! Mas isso não é por que eu cortesmente requeira a assistência delas, para que me permitam canalizar meu pensamento e energia através delas. Elas “cooperam” porque eu tenho controle sobre elas.

Tal analogia provocará muita indignação: “Quão maior é um homem do que uma caneta, e um ser inteligente pensante é de uma categoria inteiramente diferente comparado a uma raquete de tênis!”. Antes do que forçar uma visão correta do homem, essa objeção denuncia uma falsa visão de Deus. Pois se você pensa que Deus precisa que você esteja num transe ou algo parecido para tirar sua mente do caminho, e assim exercer controle exaustivo sobre você, então sua visão de Deus é pequena demais.

Certamente a “mente pensa”, mas o que a faz pensar? E o que a faz pensar certo pensamento de certa forma em cada momento da vida do homem? Você pensa que Deus não controla os estados de consciência mental do homem? Certamente Deus falou através de homens santos, mas o que fez com que eles fossem santos? Eles se criaram ou se fizeram santos, ou Deus, como diz a Escritura, a partir do mesmo barro criou alguns para propósitos nobres e outros para uso comum? “Pois é Deus quem efetua em vocês tanto o *querer* quanto o *realizar*, de acordo com a boa vontade dele” (Filipenses 2:13). É Deus quem opera no homem para produzir decisões e ações santas.

Além do mais, embora ele raramente o faça, Deus poderia falar tão facilmente suas palavras através de um homem ímpio, exercendo controle exaustivo sobre ele assim como ele o faz sobre todas as suas outras criaturas, incluindo os santos profetas, de forma que ele falaria suas palavras tão infalivelmente como os profetas o fizeram. Balaão é um exemplo de tal caso. Porque a inspiração não é uma questão de cooperação do homem, mas o poder do Espírito para *impelir* a pessoa a fazer e dizer tudo o que Deus quer. E o controle de Deus sobre o homem é tão exaustivo que ele não precisa suspender o pensamento e a personalidade da pessoa para falar através dela exatamente o que ele quer, visto que até mesmo o pensamento e a personalidade da pessoa estão debaixo do seu controle direto e contínuo.

Portanto, o fato de que os profetas retiveram seus “funcionamentos mentais” (na maioria das vezes), suas personalidades, e de que eles eram santos homens, não tem

¹⁴ Ibid.

relevância imediata com o fato de se eles ofereceram cooperação ativa — Deus teve acesso direto e controle total sobre todos esses fatores. Antes, devemos perguntar a Pedro o que aconteceu à medida que os profetas falavam, e ele nos diz que eles estavam sendo “impelidos pelo Espírito Santo”, como se fossem navios passivamente levados pelo vento.

Agora, porque os cristãos afirmam que Deus inspirou cada palavra na Bíblia e não apenas as idéias gerais, os críticos algumas vezes alegam que isso equivale a reivindicar que Deus deu a Escritura por *ditação*, enquanto os profetas serviram como secretárias e as transcreveram. Então, sobre essa base, os críticos atacam a inspiração da Escritura apontando que tal teoria da ditação é inconsistente com as características reais da Escritura. E isso porque os vários documentos na Bíblia aparentemente refletem diferentes panos de fundos, personalidades, condições, e circunstâncias dos escritores humanos. Mas se a Escritura veio por ditação de Deus, então supostamente não deveria haver essas variações.

Teólogos rapidamente negam essa teoria de inspiração por ditação, acusando os críticos de atacar um espantalho. Muitos deles abordariam a questão a partir de uma perspectiva similar à de Michael Green, declarando que a inspiração não implica em ditação, mas embora ela tenha requerido a cooperação ativa dos escritores humanos, somente Deus “supervisionou” os escritos deles, de forma que o produto é tanto humano como divino, e ao mesmo tempo exatamente o que Deus pretendeu que fosse escrito.

Contudo, isso fica longe de uma resposta bíblica, e é em si, cheia de falsas suposições. Nós já temos dito algo sobre isso acima, quando interagimos com Michael Green, mas aqui aplicaremos e estenderemos o que dissemos para trata com a teoria da ditação em particular.

Mas antes de explicar o porquê devemos rejeitar a teoria, devemos apontar que não há nada *inerentemente* errado, repugnante ou impossível sobre a ditação. Se Deus tivesse escolhido falar suas palavras aos profetas e fazer com que eles escrevessem o que ouviam, então isso seria como a Bíblia teria sido escrita, e não haveria nada errado nisso. De fato, algumas partes da Bíblia foram aparentemente escritas dessa forma. Os profetas diriam algo sobre os contextos e as circunstâncias, e então relacionariam uma citação literal do que Deus lhes disse.

Mesmo se fossemos aplicar a ditação a toda a Bíblia, ainda não haveria nenhuma dificuldade inerente. A objeção se origina a partir do fato de que a Bíblia reflete uma variedade de estilos e personalidades. Contudo, Deus não é um homem, e não tem as limitações e estreitezas da mente de um homem. Ele poderia ter ditado diferentes partes da Bíblia de diferentes formas para refletir sua imensidão intelectual. A questão essencial é se essa revelação multifacetada, todavia, exhibe uma harmonia interna perfeita. Se não, então se Deus deu a Escritura por ditação é o menor dos nossos problemas; mas se sim, então essa variedade harmoniosa encontrada na Escritura não pode ser usada para se argumentar contra uma teoria de ditação da inspiração.

Embora não haja nenhum problema inerente com a ditação, há de fato vários razões definitivas para se rejeitá-la como uma descrição ou explicação da inspiração bíblica. Nós discutiremos somente três — a teoria é falsa, irrelevante e fraca. Qualquer uma dessas razões seria suficiente como uma base para rejeitá-la.

Primeiro, devemos rejeitar a teoria da ditação simplesmente porque ela é falsa. Não que a ditação seja impossível em princípio, mas ela não é a forma como a Escritura foi escrita — ela não é a forma como a escrita aconteceu. Nós mencionamos que algumas partes da Escritura foram escritas quando os profetas registraram literalmente o que eles ouviram de Deus, mas o todo da Bíblia não foi escrito dessa forma, de forma que a teoria falha em descrever ou explicar a inspiração de toda a Bíblia. Contudo, mesmo que toda a Bíblia fosse escrita dessa forma, a ditação ainda falharia em descrever ou explicar a inspiração, pelo menos por causa das duas razões seguintes.

Segundo, a teoria da ditação é irrelevante. Embora ela seja chamada de a teoria de ditação da *inspiração*, ditação tem pouco ou nada a ver com inspiração. Ditação descreve como Deus fala a uma pessoa ou transmite *que* Deus fala a uma pessoa, mas inspiração refere-se ou deve incluir o que Deus faz para uma pessoa à medida que essa pessoa fala e escreve as palavras de Deus para produzir um produto preciso. Paulo refere-se à Escritura como soprada por Deus — algo que veio diretamente de Deus. E Pedro fala que homens falaram da parte de Deus à medida que eles foram impelidos. Em outras palavras, Deus não levou simplesmente os profetas a *ouviem* suas palavras, e então deixou que eles relatassem o que ele disse da melhor forma que a capacidade humana deles permitiu, mas Deus os conduziu à *medida* que eles estavam falando e escrevendo suas palavras.

Deus poderia ditar suas palavras para um indivíduo *não-inspirado* e a pessoa poderia escrever o que ela ouviu, mas o produto ainda seria um documento *não-inspirado*, visto que sem inspiração no momento da escrita, a autenticidade e autoridade do documento dependeria da capacidade humana da pessoa não-inspirada de lembrar, arranjar e registrar o que ela pensava ter Deus revelada. E não há nenhuma garantia de que ela não subtrairia ou adicionaria algo do que ela ouviu.¹⁵ De fato, Deus poderia falar dos céus, e alguns diriam que foi um trovão (João 12:29). Paulo diz que a *Escritura* é soprada por Deus, e não que os profetas ouviram as palavras sopradas por Deus, as quais eles tentaram então relatar sem qualquer garantia divina de sucesso ou perfeição.

Por essa razão, eu escrevi anteriormente:” Se Deus tivesse escolhido falar suas palavras aos profetas e fazer com que eles escrevessem o que ouviam, então isso seria como a Bíblia teria sido escrita, e não haveria nada errado nisso. De fato, algumas partes da Bíblia foram *aparentemente* escritas dessa forma”. Eu disse “aparentemente” porque a verdade é que, quando o assunto é inspiração, *nenhuma parte* da Bíblia foi realmente escrita por mera ditação. Mesmo quando a ditação esteve envolvida, se formos associar “inspiração” com o que Paulo e Pedro estão falando nas passagens que examinamos, então inspiração deve pelo menos se referir a como Deus conduziu os escritores humanos à medida que eles estavam falando e escrevendo as palavras de Deus, e não apenas quando eles estavam ouvindo a ditação.¹⁶

Portanto, se a Escritura não foi nada mais do que ditada, então ela não é inspirada. E mesmo que a ditação original fosse soprada por Deus, a menos que Deus tenha assegurado por sua onipotência que suas palavras foram fielmente registradas à medida que os escritores humanos escreveram, ainda não podemos dizer que o produto escrito é soprado por Deus. A teoria da ditação é irrelevante porque ela trata de outra coisa que

¹⁵ Certamente, a pessoa ainda não é autônoma nesse caso, mas seria Deus quem o controlaria para produzir um documento falho. Mas se esse é o caso, então o documento não é corretamente descrito como inspirado, e ainda menos infalível, inerrante ou soprado por Deus. Ele seria apenas outro pedaço de escrito produzido sob a providência ordinária de Deus.

¹⁶ Poderia ser que eles foram “impelidos” por Deus à medida que eles estavam ouvindo suas palavras, mas permanece que a única questão de relevância *imediate* é se eles foram impelidos à medida que estavam falando e escrevendo.

não a questão sob consideração, isto é, se o *produto escrito* é a revelação infalível e inerrante de Deus. Como temos visto, a resposta de Paulo é que “Toda Escritura é soprada por Deus”, a despeito de que ela seja ditada ou não, ou se estamos nos referindo às narrativas, profecias ou genealogias.

Terceiro, a teoria da ditação é muito fraca para descrever ou explicar a inspiração divina da Escritura. Isso poderia surpreender algumas pessoas, visto que elas pensam que a ditação teria sido o método mais forte possível para Deus produzir a Bíblia através de escritores humanos. Contudo, temos mostrado que, se a Bíblia não fosse nada mais do que ditada de Deus para os homens, então ela não seria inspirada de forma alguma. Pois se tal fosse o caso, embora a ditação seria de fato soprada por Deus, e assim infalível e inerrante, nós não seríamos capazes de dizer o mesmo sobre o produto escrito.

As pessoas geralmente se opõem à teoria da ditação porque elas pensam que a ditação pura teria obscurecido as características pessoais dos escritores humanos, mas visto que a Bíblia exhibe essas características, é dito que as Escrituras não foram dadas por ditação. A inerrância não está em questão aqui, como essas pessoas poderiam também afirmá-la, mas estamos tentando certificar o que aconteceu na inspiração, e a implicação dessa perspectiva é que a ditação é muito “forte” para descrever ou explicar a inspiração.

Contudo, o oposto é verdadeiro. O exposto acima falha em considerar de onde essas características humanas vieram antes de tudo. Elas não foram auto-criadas, e os escritores humanos não eram autônomos. A ditação não é falsa porque ela minimiza o papel humano, embora o papel humano foi meramente ser “impelido”, mas a teoria é falsa porque ela mina a soberania de Deus. Ela é falsa não porque dá pouca liberdade ao homem, mas porque ela atribui um controle muito pequeno a Deus.

Considere o relacionamento entre um empregador e sua secretária, não somente no nível interpessoal, mas no nível metafísico também. Em primeiro lugar, eles têm se que se encontrar. O empregador coloca um aviso de vaga, e uma pessoa interessada solicita o trabalho. Após examinar suas qualificações, o empregador aceita ou rejeita o candidato. Isso continua até que o empregador encontra uma candidata satisfatória e a contrata.

À medida que ela começa a trabalhar para esse empregador, a secretária traz para o seu trabalho sua educação, experiência, personalidade, sistema de crença, e até mesmo sua saúde – o empregador não tem nenhuma influência sobre esses fatores previamente determinados. Ele atribui várias tarefas para ela fazer, e um dessas é provavelmente escrever sua ditação. Ele ditaria à secretária memorandos, cartas e vários documentos. Para o nosso propósito, podemos até mesmo assumir que a sua ditação é sempre perfeita, de forma que toda a necessidade da secretária é escrever suas palavras exatamente como faladas. O produto escrito, certamente, deveria refletir somente a personalidade, vocabulário, e outras características do empregador, e não daquela secretária.

Após o trabalho, a secretária vai para casa. O empregador não tem acesso à sua vida privada, aos seus pensamentos internos, decisões pessoais e condição física. Ele não tem o direito ou poder de determinar quantos filhos ela tem, onde elas irão estudar, onde o seu marido trabalha, quais amigos ela faz, e quando a mãe dela morrerá. Tudo o que ele pode fazer é ditar suas palavras para ela, mas ela tem que escrever de sua própria

vontade (o empregador humano não tem controle direto sobre a vontade dela)¹⁷ e de acordo com sua capacidade.

A relação entre Deus e os escritores humanos da Escritura é totalmente diferente. Em primeiro lugar, Deus não *encontrou* os escritores humanos, como se eles fossem criados e desenvolvidos aparte de Deus, somente para descobri-los mais tarde, mas ele os *fez* de acordo com suas especificações. Comentando sobre um assunto relacionado, Geerhardus Vos escreve: “A revelação não brotou do caráter; pelo contrário, o caráter foi pré-determinado pelas necessidades da revelação”.¹⁸

Alguns teólogos são encontrados usando “propagação natural” para explicar as características humanas, incluindo a pecaminosidade universal do homem.¹⁹ Contudo, a propagação natural é, na melhor das hipóteses, relativa — isto é, descreve a relação entre as gerações passadas e a atual — ela não funciona como a explicação metafísica da propagação dessas características, a relação entre Deus e os seres humanos, ou a relação entre Deus e a depravação humana.

De qualquer forma, Romanos 9:21 poderia se referir somente a Adão e Eva na melhor das hipóteses, mas certamente isso é impossível — o contexto imediato, bem como toda a Bíblia, proíbe tal interpretação, nem eu alguma vez li alguém propor tal absurdo. Aqueles que fazem da propagação natural quase uma explicação absoluta das características humanas, parecem ignorar totalmente esse versículo e outros como ele, e dão sua teoria; isto é, de fato, o que eles precisariam fazer. Também, essa perspectiva nunca foi capaz de explicar a origem do pecado. Seus proponentes devem relegá-la ao mistério completo.

Antes, esse versículo, bem como toda a Bíblia, afirma o controle direto e total de Deus sobre as características e destinos de todas as criaturas humanas.²⁰ E *isso* é tanto a explicação imediata como a última de todas as características humanas, e para a origem e a perpetuação da depravação humana. Como Lutero escreve: “os filhos da ira ” são “*criados assim pelo próprio Deus*”, segundo o padrão de Adão.²¹

Portanto, as várias características humanas exibidas na Escritura nunca podem minar sua inspiração, pois essa variedade é parte do desígnio de Deus. Deus não ditou a Escritura usando somente uma série de características (personalidade, vocabulário, etc.), nem ele a ditou usando várias séries de características. Antes, se desejamos falar em termos de ditação, *toda a criação* é “ditação” de Deus, incluindo esses escritores humanos que exibiram características diferentes, visto que essas próprias características foram “ditadas” por Deus. Ele não somente ditou as palavras da Bíblia, mas ele “ditou” as próprias *pessoas* que falaram suas palavras e usaram suas canetas para escrevê-las. E ele até mesmo os “impeliu” à medida que eles o faziam.

Este é o porquê uma teoria de mera ditação verbal é muito fraca para descrever ou explicar a inspiração bíblica, visto que por detrás da produção da Escritura está o controle exaustivo e abrangente de Deus sobre toda a história e toda a humanidade, incluindo a ascensão e queda de nações, cada ato bom, cada pensamento mal, o curso de

¹⁷ Aqui não estamos falando da relação dela com Deus, que exerce controle direto, total e contínuo sobre sua vontade.

¹⁸ Geerhardus Vos, *Biblical Theology* (The Banner of Truth Trust, 1975), p. 91.

¹⁹ Por exemplo, veja William G. T. Shedd, *Dogmatic Theology* (P & R Publishing, 2003).

²⁰ Veja Vincent Cheung, “Mais do que um Oleiro”.

²¹ Martin Luther, *The Bondage of the Will* (Fleming H. Revell, 1957), p. 314. Lutero não trata aqui do que causou Adão cometer o primeiro pecado, visto que ele está discutindo Efésios 2:3 e não Adão, mas ele afirma que todos os descendentes de Adão são *criados como pecaminosos* por Deus. Teólogos inferiores preferem se ocultar atrás da “propagação natural”, de forma que eles podem distanciar Deus do mal.

cada gota de água, e o comprimento e número preciso dos cabelos de uma pessoa. E mesmo agora ele sustém todas as coisas por sua palavra (Hebreus 1:3).

Que insulto, então, seria dizer que ele ditou as palavras para escritores humanos, ou que esses escritores humanos “ativamente cooperaram” com Deus. Não, Deus primeiro “escreveu” os próprios profetas e então “impeliu-os” a escrever a Bíblia. Ele criou, causou, e impeliu os homens a escreverem suas palavras. Nenhuma descrição ou explicação mais fraca pode fazer justiça à inspiração da Bíblia.

Para sumarizar nossa posição sobre a inspiração e autoridade da Escritura, Edward Young está correto quando ele diz que a Bíblia “não é um livro mágico que caiu do céu”;²² contudo, o resultado é o mesmo. A Bíblia que temos agora é tão absolutamente infalível, inerrante e autoritativa que ela é como se Deus tivesse tomado uma caneta e escrito ele mesmo todo o livro, e então jogasse ela dos céus para nós. Mas nós já fizemos a declaração mais forte possível sobre isso bem antes, isto é, quando nos referimos à Bíblia num sentido personificado, Deus e a Escritura são intercambiáveis.

²² Young, *Thy Word is Truth*, p. 25.

2. SUFICIENTE

Embora não seja o foco principal da nossa passagem (2 Timóteo 3:14-17), gastamos muito tempo sobre a inspiração da Escritura pois, além de sua importância inerente, ela é o fundamento para uma visão apropriada da suficiência e da utilidade da Escritura. Dada suas reivindicações e propósitos, a Bíblia pode ser suficiente e proveitosa somente à extensão em que ela é autoritativa, de forma que uma visão falsa da inspiração limitaria e distorceria todos os aspectos de nossa relação com a Escritura — isto é, todos os aspectos de nossa vida e relacionamento cristão com Deus.

A Escritura é a própria palavra e mente de Deus, e assim como é uma contradição dizer que amamos uma pessoa, mas odiamos tudo sobre ela (visto que tudo sobre ela *é* ela), nosso amor, fé, e reverência para com Deus nunca pode ser mais alto do que nosso amor, fé e reverência para com a Bíblia. Assim, somente a visão mais alta e mais extrema da inspiração pode servir como um fundamento apropriado para a nossa vida cristã. À medida que procedermos, tornar-se-á evidente como a suficiência e utilidade da Escritura são dependentes de sua inspiração divina e autoridade absoluta.

Agora, quando diz respeito à suficiência da Escritura, não podemos simplesmente dizer que “a Escritura é suficiente”, e parar nesse ponto. E isso porque a idéia de suficiência permanece vazia e sem significado, a menos que perguntemos: “Para *o que* a Escritura é suficiente?” e “Para *quem* a Escritura é suficiente?”. Algo que é “suficiente” é suficiente *para alguma coisa*, e não “suficiente” em geral ou de forma abstrata. A Bíblia contém as respostas, mas quais são as perguntas?

Isso trás à mente um problema pastoral comum. Os cristãos freqüentemente fazem perguntas que, antes de tudo, eles nem mesmo deveriam fazer, ou que estão latentes com falsas suposições e preocupações anti-bíblicas, de forma que, desde o início, a abordagem deles cega-os para o que a Escritura está realmente dizendo.

Por exemplo, alguém poderia se queixar: “Eu entendo que a Bíblia é suficiente, mas ela não me diz quais ações devo comprar”, ou menos reverentemente: “*Você diz* que a Bíblia é suficiente, mas ela não me diz quais ações comprar”. Certamente, as pessoas fazem perguntas sobre todos os tipos de assuntos. Outra poderia ser: “A Bíblia não me diz com quem devo casar, assim, supõe-se que eu devo decidir”. Dessa forma, eu não estou somente pensando sobre ações, mas há problemas comuns com essas perguntas; assim, com as adaptações apropriadas, a seguinte resposta se aplicará a todas elas.

Primeiro, como a maioria das pessoas, essa pessoa provavelmente nunca leu toda a Bíblia, assim, ela está apenas assumindo que a Bíblia não especifica, até mesmo por nome, quais ações ele supostamente deve comprar. E mesmo se ela leu toda a Bíblia, ela não pode dizer que já derivou tudo o que é possível dela. Na maioria dos casos a Bíblia tem algo muito específico para dizer sobre a pergunta, e uma pessoa pode sempre derivar alguns princípios definidos que lhe fornecerão a escolha correta óbvia ou pelo menos limitará grandemente as opções admissíveis. O problema é que essa pessoa tem um conhecimento muito pequeno do que a Bíblia diz.

Segundo, a pessoa assume um objetivo e os meios para esse objetivo que ela provavelmente não derivou da Bíblia, e então espera que a Bíblia a instrua sobre como conseguir esse objetivo por tais meios. Ela deseja um lucro financeiro, e pensa que comprar as ações certas seria o modo instantâneo de alcançar esse objetivo, e visto que a

Bíblia é infalível, ele se aproxima dela para encontrar a resposta. Mas a Bíblia aprova ou ordena tal objetivo? Se sim, ela diz que esse é o modo instantâneo correto de alcançá-lo? O que dizer sobre loteria? A Bíblia é insuficiente se ela não disser quais números você deve escolher?

Muitas pessoas primeiro definem o que elas querem ou necessitam aparte da Bíblia, e então vão à Bíblia para encontrar as respostas. Numa situação financeira, eles pensariam: “A Bíblia é supostamente suficiente para toda a situação que eu enfrentar na vida, e para me relatar a opinião de Deus sobre o assunto. Com esse problema que estou enfrentando, o que eu devo fazer para *conseguir um lucro* ou *para não sofrer prejuízo*?”.

Eles parecem buscar direção a partir da Bíblia, mas eles já assumiram o resultado apropriado que a Bíblia deve supostamente ajudá-los a alcançar. Contudo, eles nunca perguntam à Bíblia se Deus deseja que eles obtenham lucro ou que eles sofram perdas. Seu respeito e dependência da Bíblia não começam a partir *do topo* de suas prioridades e do processo de raciocínio deles, mas somente quando eles já fizeram suposições suficientes aparte da Bíblia, a qual eles estão dispostos a considerar agora para satisfazer aquelas suposições.

Mas a Bíblia poderia não lhes oferecer as respostas que eles procuram, visto que, antes de tudo, ela provavelmente nunca aprovou o que gerou as perguntas. Ou, em nosso exemplo, mesmo que a Bíblia declarasse o lucro como um objetivo apropriado, ela poderia o fazer por uma razão diferente, ou a partir de outra perspectiva, adicionando diferentes motivos e suposições antecedentes.²³

O ponto é que a Bíblia nos fala sobre seus próprios propósitos e poderes, para o que ela é e o que ela pode fazer. A Bíblia nos diz quais são as coisas importantes na vida e quais perguntas devemos fazer sobre elas, e então ela responde essas perguntas. E visto que a Bíblia é a própria palavra e mente de Deus, é Deus quem está dizendo essas coisas para nós.

Portanto, a Bíblia deve definir *tanto* as perguntas como as respostas. Ela é autoritativa e suficiente para nos dizer quais perguntas fazer e então responder essas perguntas. A Bíblia é suficiente pois ela é ao mesmo tempo a revelação de Deus das perguntas corretas e a revelação de Deus das respostas corretas para essas perguntas. Se a Bíblia não trata de alguma coisa, então quem disse que precisamos saber tal coisa? Mas se há necessidade de conhecê-la, então como a Bíblia pode ser insuficiente por não tratar dela? Em contraste, a filosofia humana faz as perguntas erradas, e então ela não pode nem mesmo responder essas perguntas erradas.

Aqueles que vão para a Bíblia somente para as respostas e não para as perguntas, revelam uma reverência fingida. Eles não estão tratando Deus como Deus, mas como um mero expert que eles desejam consultar para obter seus próprios objetivos. Por detrás de tudo isso está a rebelião e incredulidade deles — eles recusam deixar Deus definir seus objetivos ou eles duvidam que a vontade de Deus seja melhor, ou ambas as coisas.

Em nosso exemplo, o objetivo de obter um lucro é tão precioso para o coração da pessoa que ao invés de deixar a Escritura desafiá-lo ou modificá-lo, ela até mesmo defendê-lo-ia da Escritura. O objetivo é sustentado tenazmente, e não aberto para discussão — a pessoa apenas deseja saber como alcançá-lo. Esse objetivo dirige tanto a

²³ Veja Vincent Cheung, “Biblical Guidance and Decision-Making” em *Godliness with Contentment*.

sua agenda que a pessoa pensa em até mesmo perguntar se a Bíblia está certa, ou se ela está pensando sobre a Bíblia da maneira correta.

Novamente, aqui não estão considerando o que a Bíblia diz sobre riqueza e ações, mas estamos estabelecendo o ponto de que a Bíblia deve definir tanto as nossas perguntas como as nossas respostas desde o próprio início do nosso pensamento. Nós também mencionamos uma pergunta sobre com quem se casar. Aplicando nosso ponto a essa pergunta, estamos dizendo que ao invés de levar para a Bíblia tudo o que a pessoa *pensa* que ela sabe sobre casamento e então demandar que ela lhe diga com quem se casar sobre tal base, a pessoa deve começar estudando o que a Bíblia ensina sobre Deus e o homem, então sobre homens e mulheres, sobre Cristo e a Igreja, e sobre o pacto do casamento em geral. Então, ao invés de demandar que a Bíblia responda uma pergunta que ela nunca faz, ou pelo menos na forma e com as suposições que essa pessoa faz sua pergunta, a resposta sobre com quem ele deveria se casar deve ser uma aplicação lógica do que a Bíblia ensina sobre casamento.

Uma pessoa que não presta atenção quando a Bíblia fala sobre o que é casamento não pode esperar derivar corretamente uma resposta a partir da Bíblia sobre com quem ela deveria se casar. Mas para alguém que começa com a Bíblia sobre o assunto, a resposta é fácil — aplicando o que a Escritura diz sobre casamento ao que a providência arranjou em volta de uma pessoa, frequentemente elimina todas as outras possibilidades, exceto uma.²⁴ Pastores e conselheiros algumas vezes assumem que a Bíblia oferece somente direção geral sobre um assunto, mas isso não é verdade. A Bíblia dá muitas instruções e critérios específicos, e a providência nunca nos confunde com muitas opções.

De forma consistente com o que ensinamos aqui, até mesmo a idéia de suficiência a seguir é derivada de nossa passagem, e as perguntas “Suficiente pra que?” e “Suficiente pra quem?” também surgem dela. Paulo nos diz que a Escritura é soprada por Deus, e por causa disso, ela é útil ou proveitosa, e também suficiente. Mas ele nos diz mais do que isso, ao afirmar também para o que e para quem a Escritura é suficiente.

Certamente, para aprender tudo para o que a Escritura é suficiente, a pessoa deve ler a Bíblia toda e observar todos os assuntos, situações e pessoas que ela trata. Mas nosso projeto e muito mais modesto — nos limitaremos a 2 Timóteo 3 e 4.

a. Suficiente pra que?

Paulo diz que os “escritos sagrados” (NASB, ESV) são “capazes de te fazer sábio para salvação através da fé em Cristo Jesus” (2 Timóteo 3:15). A salvação é uma das principais preocupações da Escritura, e Paulo afirma que ela é “capaz” de nos dar a resposta para esse assunto totalmente importante. Ela faz a pergunta: “Se tu, Soberano Senhor, registrasses os pecados, quem escaparia?” (Salmo 130:3). E então ela responde: “Mas contigo está o perdão para que sejas temido” (v. 4). Ela nos diz como Deus pode ser ao mesmo tempo “justo e aquele que justifica” pecadores (Romanos 3:26).

A declaração de Paulo sobre a Escritura é feita em contraste contra as pessoas descritas em 3:1-13. Entre outras coisas, essas pessoas são “homens de mentes depravadas” (v. 8). Eles são “homens perversos e impostores” que estão “enganando e sendo enganados” (v. 13), “tendo uma forma de piedade mas negando seu poder” (v. 5). Portanto, à medida que Paulo afirma a suficiência da Escritura quando diz respeito à

²⁴ Veja Vincent Cheung, “Unfading Beauty” in *Renewing the Mind*.

salvação, ele está ao mesmo tempo condenando qualquer forma de religião e estilo de vida que não é derivado dela. É a Bíblia que nos leva à salvação, e é isto que nos faz diferente desses homens perversos.

A Escritura é a luz da salvação. A Bíblia nos fornece as categorias e conceitos de bom e mal, lei e pecado, salvação e condenação, e então nos dá a verdade sobre esses assuntos. Aparte dela, o homem permanece envolto em trevas. Sem ela, o homem permanece preso por sua própria especulação tola, de forma que não há salvação para aqueles que rejeitam seus ensinamentos.

A filosofia humana tem sido um fracasso lúgubre. Mesmo que o homem produza as perguntas corretas, ele certamente não tem as respostas consigo mesmo, e todo seu esforço é nada mais do que cegueira e rebelião, levando ao desespero, morte e condenação. Consequentemente, é uma traição espiritual que cristãos professos admitam que há alguma sabedoria em toda religião e filosofia. Ter uma mente dúbia sobre esse assunto é enfraquecer e confundir a mensagem de salvação.

Essa mensagem é clara, específica e exclusiva, pois Paulo diz que a sabedoria da Escritura nos leva à salvação "através da fé em Cristo Jesus" (v. 15). E por todas as suas cartas, Paulo não deixa dúvida sobre o que ele quer dizer por "fé em Cristo Jesus". Uma pessoa não deve somente crer na graça de Deus e na expiação de Cristo, mas essa fé deve excluir a dependência de qualquer outra coisa. Em adição, essa é uma fé que Deus soberanamente dá aos seus escolhidos — ela não é algo que uma pessoa ímpia e incrédula possa simplesmente decidir de repente gerar por si mesma.

A sabedoria humana tentará adicionar à essa fé as boas obras, os rituais sagrados, a graça infundida, e tudo o mais que eles possam imaginar, mas então eles retornam ao "tendo uma forma de piedade, mas negando seu poder". Qualquer mensagem de salvação que demande mais ou menos do que a "fé em Cristo Jesus" soleta a condenação para aqueles que a pregam e a seguem (veja Gálatas 1:8-9). É a "vida e doutrina" bíblica que "salvará tanto a si mesmo quanto aos que o ouvem" (1 Timóteo 4:16).

De acordo com alguns, o caminho para salvação é tão simples, mesmo de uma perspectiva humana e natural, que "até mesmo os loucos, nele não errarão" (Isaías 35:8, ARA), no sentido de que até mesmo os loucos podem entender o evangelho e não cometer engano sobre ele. Contudo, o versículo está dizendo exatamente o oposto: "E ali haverá uma grande estrada, um caminho que será chamado Caminho de Santidade. Os impuros não passarão por ele; servirá apenas aos que são do Caminho; os insensatos não o tomarão" (NVI). Isto é, "o Caminho" (Atos 9:2, 19:9, 23, 24:14, 22) é reservado para aqueles a quem Deus escolheu e Cristo redimiu, de forma que os impuros e os loucos não entrarão nele, e nem mesmo tropeçam sobre ela ou vagam por ela por engano.

Os loucos espirituais nunca podem encontrar a salvação por si mesmos. Eles estão tão longe do seu alcance que nem mesmo tropeçam nela. Todos são loucos espirituais por natureza, mas a Bíblia pode tornar uma pessoa sábia para a salvação através da fé em Cristo Jesus.²⁵ Assim, a Bíblia é suficiente para a salvação.

²⁵ Em conexão com 2 Timóteo 3:15, veja também meu livro *On Good and Evil*, onde eu corrijo uma interpretação anti-intelectual de João 5:39-40.

Então, Paulo escreve “Toda Escritura...é útil...para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra” (v. 16-17). A NIV obscurece a tripla ênfase sobre a suficiência da Escritura nesse versículo. A NKJ é melhor — ela diz, “para que o homem de Deus possa ser *completo, plenamente preparado para toda boa obra*”.

A palavra “completo” pode significar “adequado”, “preparado”, e “capaz” (ESV: “competente”). A KJV tem “perfeito”, que carrega o mesmo significado no inglês antigo. A palavra traduzida “plenamente preparado” ou “completamente equipado” é ainda mais descritiva no original. Juntas com “*toda boa obra*”, Paulo está obviamente fazendo um esforço especial para enfatizar a suficiência da Escritura. Ela é suficiente. Ela é completa. Você não precisa de mais nada.

O versículo 17 está principalmente se referindo a Timóteo em sua capacidade como um ministro — isto é, como um “homem de Deus”. Assim, a Escritura é suficiente para equipar completamente Timóteo para toda “boa obra” que ele precisaria realizar no ministério. Contudo, não devemos isolar essa declaração dos versículos ao redor. Paulo também faz um contraste entre Timóteo e os homens perversos que ele tinha estado descrevendo. Nos versículos 1-13, Paulo menciona pessoas que são, entre outras coisas, “amantes de si mesmas”, “amantes de dinheiro”, “amantes mais do que prazer do que de Deus”, “tendo uma forma de piedade, mas negando seu poder”, “homens perversos e impostores”, que estão “enganando e sendo enganados”. E é contra esse pano de fundo que Paulo diz a Timóteo: “Quanto a *você*, porém, permaneça nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção”, e por isso ele quer dizer “as Sagradas Letras” (v. 15) e “Toda Escritura” (v. 16).

Portanto, Paulo não está somente dizendo a Timóteo que a Bíblia é suficiente para equipá-lo como um ministro para efetuar a santificação em outros, mas ele está dizendo também que a Bíblia pode torná-lo o oposto daquelas pessoas más que ele tinha acabado de descrever. Isto é, se Timóteo persistisse em seguir seus ensinamentos, a Bíblia o tornaria um amante de Deus mais do que um amante do mundo, e ele teria o poder e realidade da piedade, ao invés de uma mera aparência dela. Ao invés de ficar “enganando e sendo enganado”, ele seria capaz de salvar a si mesmo, bem como aqueles que o ouvissem (1 Timóteo 4:16).

Paulo aplica a suficiência da Escritura para o “treinamento na justiça” e “toda boa obra”. A Escritura é, assim, uma revelação completa e suficiente da vontade de Deus pelo fato dela poder sempre nos mostrar o caminho *certo*, isto é, o caminho que leva à *justiça*. Muitas pessoas lutam com a suficiência da Escritura, constantemente se queixando sobre o que a Bíblia não lhes diz, pois eles querem-na para apontar o caminho para a prosperidade, um resultado favorável, ou alguns outros efeitos que eles desejam. Mas o ponto de Paulo é que se a Escritura for perfeitamente seguida, então nós nunca faremos algo que é pecaminoso, e tudo o que fizermos será uma “boa obra” aos olhos de Deus.

Certamente, com a pecaminosidade remanescente nos crentes, a perfeita obediência à Escritura não é alcançada nessa vida, mas o ponto é que a informação necessária para definir a justiça perfeita para cada situação, e cada área da vida e pensamento, está de fato contida na Escritura. A Bíblia é suficiente para santificação. Isso significa que ela pode nos fazer crescer em conhecimento e santidade, e nos proteger do engano e contaminação. Se pecamos, se falhamos, e se não conhecemos o caminho certo, nunca é porque a Bíblia carece de advertências e instruções relevantes.

b. Suficiente pra quem?

Visto que a Bíblia é a palavra de Deus, e visto que Deus tem o direito, o poder e a sabedoria para definir nossas necessidades e satisfazer essas necessidades, os cristãos corretamente assumem que a Bíblia é para todos. Por isso queremos dizer que toda pessoa deve aprender a partir da Bíblia quais são suas necessidades e então derivar a partir dela a sabedoria para satisfazer essas necessidades, e que ela deve aprender a partir da Bíblia quais são os seus deveres e extrair dela a força para cumpri-los.

A despeito de tempos e culturas, a Bíblia exerce autoridade absoluta sobre todo ser humano. Toda pessoa deve crer nela, obedecê-la, e então ser julgado por ela. Nela está a mensagem que salva alguns para o céu e condena todos os outros para um inferno sem fim. Qualquer que se aproxime de Deus deve vir até ele através da fé na Bíblia. Ela governa a humanidade, e nela está escrito o destino do mundo. Quer estejamos nos referindo a crentes ou incrédulos, eles estão agindo exatamente da maneira que a Bíblia diz que eles iriam agir, e seus respectivos destinos também serão exatamente aqueles que a Bíblia prediz. Ninguém está isento, e ninguém pode escapar — você cairá sobre a Rocha e será despedaçado, ou a Rocha cairá sobre você e te reduzirá ao pó.

Os pecadores zombam da noção de que a humanidade possa ser governada por um livro, mas como a Escritura diz, a sabedoria de Deus soa como loucura para aqueles que estão em direção à condenação, não que Deus seja louco, mas são os pecadores que são muito estúpidos e ludibriados para reconhecerem a verdadeira sabedoria. Além do mais, como já temos mencionado mais de uma vez, visto que a Bíblia é a revelação exata e direta de Deus, dizer que a Bíblia governa o mundo é dizer que Deus governa o mundo. Não há diferença.

Com tal poder e relevância, certamente a Bíblia é suficiente para todas as pessoas. Por que, então, ainda fazemos a pergunta: “Suficiente pra quem?”. Mesmo que fosse necessário responder antes, agora que já temos declarado uma resposta geral que abrange toda pessoa, precisamos ir mais adiante?

Para os propósitos mais gerais, podemos de fato parar nesse ponto, visto que não há nenhuma exceção para o que temos dito. Contudo, a própria Bíblia reconhece diferentes categorias de pessoas, e fornece informação específica sobre elas e instruções direcionadas para elas. Ela se dirige a reis, juízes, e outros em autoridade, delineando tanto seus poderes como seus deveres. Ela fala a maridos e esposas, distinguindo seus papéis e posições no lar. Ela menciona diferentes tipos de pecadores, tais como assassinos, ladrões, homossexuais, ordenando-lhes que se arrependam dos seus atos maus, creiam no evangelho, e então mudem seus comportamentos.

Em outras palavras, embora a Bíblia seja suficiente para toda pessoa, e embora toda pessoa precise da Bíblia, prestar atenção a instruções específicas na Escritura sobre diferentes grupos de pessoas nos capacita a fazer aplicações deliberadas e eficazes. Agora, para listar todos os diferentes grupos especificados na Bíblia requereria abordar toda a Bíblia. Trataremos apenas com aqueles mencionados e implicados em nossa passagem e versículos circunvizinhos.

No versículo 15, Paulo diz a Timóteo: “*desde a infância* você conhece as sagradas Escrituras” (NIV). Outra boa tradução seria “desde um infante”. A palavra refere-se a uma criança em gestação em Lucas 1:41 e 44, onde ela é traduzida por “bebê” ou “neném”. Em Lucas 2:12 e 16, a palavra refere-se a alguém que acabou de nascer.

Ela é traduzida como “recém-nascidos” em Atos 7:19. Ali o contexto é a ordem de Faraó para matar todas as crianças do sexo masculino nascidas dos Hebreus (Êxodo 1:16). A ordem parecia demandar ação imediata, visto que supostamente as parteiras deveriam observar o sexo dos bebês nos próprios “assentos” (ARC). A mãe de Moisés o escondeu por três meses após ele nascer (2:2). O texto é claro que, com relação à ordem de Faraó, não lhe era permitido esperar esse tempo. É possível que a palavra incluía levemente uma criança mais velha em Lucas 18:15, mas permanece que a palavra refere-se a uma criança *muito pequena*.

Ao invés de “desde a infância” ou “desde um infante”, várias traduções dizem “desde a meninice” ou “desde uma criança”. A primeira definição no *Merriam-Webster* para “criança” é “uma pessoa em gestação ou recentemente nascida”, e a segunda é “uma pessoa jovem, especialmente entre a infância e a adolescência”, mas não exclui o infante. Usar “criança”, portanto, não é necessariamente errado, mas a menos que seja entendido que o significado é uma criança muito jovem; é mais claro e preciso usar “infância” ou “infante” em nosso versículo (2 Timóteo 3:15).

As crianças judias aprendiam a Escritura numa idade muito precoce, provavelmente tão logo elas pudessem entender o idioma. De fato, é provável que elas aprendessem o próprio idioma a partir da Escritura. É sugerido que a frase incomum para a Escritura, traduzida como “as sagradas letras” em nosso versículo, poderia significar que Timóteo aprendeu a ler e escrever com a Bíblia como o seu livro-texto. Mas quer isso seja o que o versículo implica ou não, é claro a partir do Antigo Testamento que os judeus eram ordenados a educar diligentemente seus filhos na Escritura.

Desde o princípio, o povo de Deus tem sempre enfatizado o transmitir a sua fé para as gerações futuras. Como Deus diz com respeito a Abraão em Gênesis 18:18: “Pois eu o escolhi, para que ordene aos seus filhos e aos seus descendentes que se conservem no caminho do SENHOR, fazendo o que é justo e direito, para que o SENHOR faça vir a Abraão o que lhe prometeu”.

Os judeus enfatizavam veementemente a educação religiosa precoce das crianças. Há várias características essenciais sobre o método deles. Primeiro, ela envolve imersão completa:

“Ouça, ó Israel: O SENHOR, o nosso Deus, é o único SENHOR. Ame o SENHOR, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças. Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar. Amarre-as como um sinal nos braços e prenda-as na testa. Escreva-as nos batentes das portas de sua casa e em seus portões” (Deuteronômio 6:4-9; veja também 11:18-20)

Cada situação e cada momento do dia fornece o contexto para ensinar às suas crianças a Escritura.

Além do mais, elas não eram encorajadas a serem originais e criativas, a produzirem suas próprias respostas às coisas espirituais, ou a explorar as várias opções oferecidas pelas nações pagãs ao redor delas. Pelo contrário, elas eram ensinadas sobre o que crer, como se comportar, e o que evitar e se opor. Elas não eram ensinadas a “pensarem por

si próprias”,²⁶ como se crianças pecadoras pudessem responder às questões últimas aparte da revelação, ou como se elas pudessem ditar a Deus como Deus deveria ser adorado. Não, elas eram ensinadas a pensar o que Deus lhes dizia para pensar.

Esse método de educação é extremamente uma transmissão de fatos precisos e conhecimento, um método que a mente ocidental contemporânea detesta, que é também o porquê o conhecimento e inteligência mediana da mente ocidental contemporânea parece ter mergulhado num nível baixo irrecuperável.

Como Hendriksen escreve:

Quando à metodologia, como regra geral, os israelitas não tinham aversão pela memorização. Até certo ponto, a necessidade exigia e o senso comum ditava que a memorização recebesse um lugar de proeminência no sistema educativo (Is 28:10). Às vezes esse método podia receber uma ênfase indevida, assim como na atualidade se põe *bem pouca* ênfase sobre ele.

A noção de que educadores só deviam fazer aquelas perguntas que ninguém senão a criança deve responder (!) só era favorecida por homens como Eli (“Por que fazem tais coisas?”, 1Sm 2:23), que fracassou miseravelmente na tarefa de criar seus filhos. *Deus exigia que, ao fazer perguntas, fossem dadas respostas definidas* (Êx 13:8; Dt 6:7; 6:20-25; 11:19; Js 12:26-28); que aos filhos fossem ensinados os estatutos de Jeová; que se transmitisse de geração em geração um corpo de verdade em relação às palavras e aos feitos de Jeová.²⁷

A força e a fraqueza desse método é a mesma — ele é somente tão bom quanto os conteúdos que são ensinados. Mas quando o que é tão rigidamente ensinado é, de fato, a própria palavra e mente de Deus, nenhum outro método e nenhuma perspicácia humana pode rivalizar seu poder e excelência. Ele é o único método apropriado para ensinar um livro perfeito. Assim, a Bíblia deve ser dogmaticamente impressa sobre as crianças, tanto em programas sistemáticos como em conversações diárias, antes do que criativamente subvertida por teorias modernas, que encorajam as crianças a darem plena expressão aos seus corações perversos e tolos.²⁸ Isso não precisa ser feito de uma maneira forçada e maçante, mas quando propriamente realizada, pode ser feito de uma forma muito natural e agradável.

Contra esse método de imersão religiosa dogmática precoce, muitos cristãos professos dizem que eles preferem esperar até que suas crianças se tornem mais velhas, de forma que elas possam estudar as várias religiões e filosofias, e então “decidir por si mesmas”. Esse tipo de pensamento, certamente, tem sido adotado da filosofia de criação de filhos dos incrédulos, embora ela nunca seja realmente praticada por eles. Antes, as crianças são imersas em suas crenças e valores anti-bíblicos. E quando os pais “cristãos” tentam evitar o ensino da religião às suas crianças, o que essas crianças acabam aprendendo? Quer certo ou errado, bíblico ou anti-bíblico, é impossível que as crianças não aprendam *nada* até que se tornem adolescentes ou adultas — elas não viverão na suspensão espiritual.

²⁶ Incrédulos têm influenciado os cristãos a ensinarem dessa forma quando diz respeito à religião, mas não é assim que eles ensinam a evolução.

²⁷ William Hendriksen, *Exposition of The Pastoral Epistles* (Baker Books, 1957), p. 298.

²⁸ Para mais sobre as teorias de educação, veja Vincent Cheung, *Pregue a Palavra*, e Gordon Clark, *A Christian Philosophy of Education*.

Os pais que evitam a doutrinação bíblica das suas crianças estão em direto desafio contra os mandamentos de Deus. Isso deveria ser suficiente para condenar a negligência, que é uma forma de abuso espiritual infantil. E como mencionado acima, isso é muitas vezes praticado *deliberadamente*, e até mesmo crido como sendo uma forma superior de criar os filhos. Assim, eles não somente desobedecem a Deus, mas esses pais pensam que sabem mais do que ele sobre como amar e criar as suas crianças.

Essa prática de reter os ensinamentos bíblicos das crianças denuncia outro problema. Tão claramente como o exposto acima, isso também questiona a fé pessoal dos pais. Parte do método bíblico de total imersão religiosa tem a ver com responder as perguntas das crianças sobre a fé dos pais. Como Deus declara em Êxodo:

“Obedeçam a estas instruções como decreto perpétuo para vocês e para os seus descendentes. Quando entrarem na terra que o SENHOR prometeu lhes dar, celebrem essa cerimônia. Quando os seus filhos lhes perguntarem: ‘O que significa esta cerimônia?’, respondam-lhes: É o sacrifício da Páscoa ao SENHOR, que passou sobre as casas dos israelitas no Egito e poupou nossas casas quando matou os egípcios”. Então o povo curvou-se em adoração. (12:24-27; veja também 13:14-16)

Se os pais praticam sua fé de alguma forma, as perguntas religiosas das crianças são inevitáveis. Os pais vão à igreja, recebem comunhão, lêem a Bíblia, fazem petições a Deus, pregam o evangelho aos seus vizinhos? Se eles fazem qualquer uma dessas coisas, então as crianças irão lhes fazer perguntas sobre isso. Elas dirão: “Que lugar é esse? Por que vamos à igreja? O que você está lendo? Eu posso ler? Com quem você conversa quando abaixa sua cabeça assim? E quem é esse Jesus sobre quem você estava falando com o Tio Bob?”.

E esses pais alguma vez exibiram uma integridade que intrigou suas crianças? “Mãe, por que você devolveu o dinheiro quando a pessoa do armazém te deu um troco a mais?”. Ou, o que esses pais dizem quando eles falam para suas crianças não mentir, e elas perguntam: “Por que?”. A resposta será teocêntrica ou antropocêntrica. Ela será baseada na revelação bíblica e nas leis morais absolutas, ou em preocupações pragmáticas e em mera conveniência. As crianças serão doutrinadas de uma forma ou de outra.

Pais que pensam que a religião é muito difícil ou entediante para as crianças denunciam uma ignorância fundamental tanto de religião como de crianças. Deus declara que a religião é um assunto apropriado de conversação *todo o tempo*. Era esperado que essas crianças aprendessem sobre Deus, o Egito, a escravidão, liberdade, graça, poder, oração, e rituais, bem como as proibições contra coisas tais como homossexualidade de bestialidade. Se ensinado propriamente a partir da Bíblia, e se ensinado dentro da estrutura da cosmovisão cristã, nenhum assunto é muito adulto para as crianças ouvirem.

Quanto aos pais cujas vidas nunca geram perguntas religiosas em suas crianças de forma alguma, muito provavelmente eles não são cristãos em primeiro lugar. Eles são apenas falsos conversos tentando evitar agir como crentes verdadeiros. Porque se eles de fato percebessem a religião como uma questão de salvação ou condenação, antes do que uma questão de mera preferência e bem-estar mental, então sem dúvida eles ensinariam seriamente todo o conselho de Deus às suas crianças, e a praticar a fé diante delas.

Agora, mesmo que as crianças tenham sido propriamente instruídas desde a infância, haverá um tempo quando o mundo as desafiará e se oporá ao que lhes tem sido ensinado. A fé delas será testada. Como Paulo escreve em nossa passagem: “todos os que desejam viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2 Timóteo 3:12). A solução é simplesmente “permaneça nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção” (v. 14). A Bíblia é suficiente para ensinar até mesmo infantes, e se eles continuarem no que aprenderam, isso será visto através de perseguição e tempos desfavoráveis.

Finalmente, o fato da Bíblia ser suficiente para ensinar crianças também implica que os materiais extra-bíblicos são desnecessários para alcançar o resultado desejado. É desnecessário suplementar as instruções verbais dogmáticas com desenhos, fantoches, brinquedos e todos os tipos de acessórios. O método correto é imergir as crianças nos ensinamentos bíblicos, e lhes impor com disciplina.

Como mencionei anteriormente, o “homem de Deus” no versículo 17 está se referindo principalmente a Timóteo como um ministro ou pregador, ao invés de a um cristão em geral. Certamente, muito do que se aplica a um ministro também se aplica a qualquer cristão, e o que é suficiente para um pregador deveria ser suficiente para qualquer crente. Todavia, Paulo está de fato tratando de alguns problemas prementes com relação à situação de Timóteo como um ministro, e visto que não podemos reservar tempo para dar uma exposição completa, podemos considerar somente a ênfase primária do versículo.

Observe novamente os problemas e as pessoas que Paulo tem mencionado até aqui. Ele menciona pessoas que são “antes de si mesmas”, “amantes de dinheiro”, “não amantes do bem”, “mais amantes dos prazeres do que amigos de Deus”, e “tendo aparência de piedade, mas negando o seu poder”, eles são “perversos e impostores” que estão “enganando e sendo enganados”.

Contra os “tempos terríveis” (3:1) nos quais Timóteo deve viver, Paulo lhe lembra que seria suficiente se ele “permanecer nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção” desde a infância. Quando Paulo diz isso, certamente ele tinha em mente os deveres e as dificuldades ministeriais de Timóteo. Assim, “as sagradas letras” que Timóteo tinha aprendido desde que ele era um infante seria suficiente para sustentá-lo, como um cristão e como um ministro, nesses “tempos terríveis”. A Escritura é suficiente para sustentar o ministro como um crente individual, de forma que ele se torne e permaneça o *oposto* desses homens perversos que Paulo tinha acabado de descrever.

Então, Paulo adiciona que pela Escritura “o homem de Deus pode ser plenamente equipado para toda boa obra” (v. 17). Embora a Escritura seja certamente suficiente para uma santificação individual, aqui a “boa obra” se refere principalmente ao que Timóteo deve fazer como um ministro. Paulo está dizendo que a Escritura é suficiente também para equipar Timóteo para seu ministério entre outras pessoas.

Assim, a Bíblia não é somente suficiente para *treinar e sustentar* o ministro, mas é também suficiente para ser *usada pelo* ministro. Agora, *como* ele deveria usar a Escritura no ministério entre outras pessoas é um assunto que reservaremos para a seção sobre a utilidade da Escritura (veja v. 16). Por ora, consideraremos brevemente as implicações da Escritura como sendo suficiente para equipar o ministro para toda boa obra.

Nossa passagem e seus versículos subseqüentes (3:16-4:5) mostram que a tarefa de Timóteo é de forma muito proeminente um ministério da palavra de Deus. Uma das formas principais pelas quais Deus alcança o mundo através dos seus ministros é pela pregação, e em nossa passagem, a pregação é evidentemente a solução primária para ser aplicada contra todos os problemas e pessoas que Paulo já tinha descrito. A questão, então, é se a Bíblia fornece os materiais necessários que o ministro necessita em seu ministério de pregação.

Quando a isso, Paulo escreve que “Toda a Escritura é soprada por Deus e útil... para que o homem de Deus possa ser plenamente equipado para toda boa obra” (v. 16). O versículo não apresenta nenhuma exceção, e a afirmação inquestionável é que a Bíblia é suficiente para tudo o que o ministro precise realizar. Isto é, seja qual for o dever do ministro, ele pode tomar a Bíblia e aplicá-la a essa necessidade, e ela será uma solução adequada.

Segue-se, portanto, que materiais extra-bíblicos são desnecessários. Em seu ministério, *nunca* é necessário que o ministro tenha estudado as disciplinas de psicologia, sociologia, física, biologia, astronomia ou até mesmo história secular e cultura contemporânea. Nesse ponto, não estamos dizendo nada se essas disciplinas podem ser úteis ao ministro, mas ecoamos a tríplice ênfase de Paulo de que a Bíblia é suficiente para o ministro, de forma que ele possa ser *completo*, e *plenamente equipado* para *toda* boa obra. E isso significa que nenhum conhecimento suplementar é necessário. Afirma outra coisa é negar a suficiência do equipamento que a inspiração divina insiste ser suficiente.

Em seu ministério, Timóteo teria que tratar com muitas pessoas que eram inimigas da fé cristã. Visto que já temos nos referido a isso várias vezes, não repetiremos a descrição de Paulo desses “homens de mentes depravadas” (3:8). Mas além do que ele disse em 3:1-13, Paulo adiciona em 4:3-4 à sua descrição do tipo de pessoas que Timóteo teria que enfrentar: “Pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina. Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; ao contrário, sentindo coceira nos ouvidos, juntarão mestres para si mesmos, segundo os seus próprios desejos. Eles se recusarão a dar ouvidos à verdade, voltando-se para os mitos”.

É em tal contexto que Paulo intima Timóteo a “Pregar a Palavra” (4:2).²⁹ Ele deve fazê-lo “a tempo e fora de tempo”, quer os tempos sejam favoráveis ou desfavoráveis. Essa é uma intimação considerável, e muito instrutiva para o nosso tempo. Você não pode ver o que Paulo está dizendo? Ele diz a Timóteo que a Escritura é útil e suficiente para equipar o ministro para “toda boa obra”. E então ele adiciona que a Bíblia é suficiente, que ela é a *resposta*, mesmo quando as pessoas recusam escutar o que a Bíblia diz!

Para parafrasear, Paulo está dizendo a Timóteo: “Tempo terríveis estão chegando, quando todos os tipos de pessoas perambularão pela terra e pela igreja. Quando isso acontecer, Timóteo, apenas continue no que você tem aprendido e se torne convicto disso. Eu estou me referindo à Escritura que você tem conhecido desde quando era um infante. Ela lhe conduzirá através desses tempos terríveis; ela assegurará sua fé em Deus e manterá seu caráter santo. Além do mais, a mesma Bíblia funcionará como um equipamento adequado com o qual você pode ensinar e corrigir outros. Agora, chegará o tempo quando as pessoas não desejarem ouvir o que a Bíblia tem para dizer. Mas você

²⁹ Veja Vincent Cheung, *Pregue a Palavra*.

deve pregar a palavra de Deus, quer os tempos sejam favoráveis ou desfavoráveis. Mesmo quando as pessoas recusam escutar o que a Bíblia diz, pregue a Bíblia ainda mais — ‘seja moderado em tudo, suporte os sofrimentos, faça a obra de um evangelista, cumpra plenamente o seu ministério’ (4:5). Mesmo quando seu ministério de pregação não é bem recebido, apenas continue fazendo o que você supostamente deveria fazer”.

Mas Paulo *não* diz: “Se as pessoas recusarem escutar a pregação da Bíblia, então você deve acomodá-las e alcançá-las onde elas estão. Você deve diluir a mensagem de certa forma, para que você não as ofenda diretamente. Você deve fazer sua busca de novos membros amigavelmente, de forma que até mesmo aqueles que odeiam a Bíblia venham e se sintam confortáveis, e que até mesmo aqueles que reúnem mestres para si, os quais dizem o que eles querem ouvir, te aceitarão de certa forma. Se eles não gostam da Bíblia, talvez você possa tornar seus sermões mais curtos, ou não pregar de forma alguma. Talvez você possa tocar um tipo de música que eles desfrutarão. E se você oferecer um café *dentro* da igreja, então isso tornará a experiência com a igreja ainda mais agradável para as pessoas”.

Muitas igrejas têm se desviado do que o apóstolo prescreve. Ele diz: “Se as pessoas não querem ouvir a Bíblia, *continue pregando-a*. Cumpra todos os deveres do seu ministério”. A Bíblia é suficiente para todos — para ensinar crianças, para equipar ministros e para confrontar apóstatas endurecidos e detratores hostis.

3. UTILIDADE

A utilidade da Escritura não pode ser separada de sua suficiência. Como veremos, a Escritural é útil porque ela é inspirada e suficiente, e ela é suficiente porque ela é inspirada. Por utilidade da Escritura, temos em mente o fato da prestimosidade da Escritura bem como as formas que ela é usada e aplicada. Temos em mente a questão de como esse livro *suficiente* se torna *eficiente* em nossas vidas e ministérios.

A essa questão, Paulo escreve: “Toda a Escritura é soprada por Deus e *útil* para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça” (2 Timóteo 3:16). No contexto, Paulo está dizendo a Timóteo que a Escritura é capaz para acompanhá-lo durante os “tempos terríveis” e é “útil” para equipá-lo plenamente para o ministério. Certamente, a inspiração da Escritura não é um ensino novo para Timóteo, mas Paulo a menciona aqui para explicitamente basear a prestimosidade da Escritura sobre sua inspiração e autoridade. Consideraremos porque ele faz isso e o que isso significa brevemente.

A palavra traduzida como “útil” aqui significa “útil”, “proveitosa”, “benéfica”, “vantajosa” e assim por diante. Ela também aparece em 1 Timóteo 4:8 e Tito 3:8, e é consistentemente traduzida como “proveitosa” na KJV e na NASB [N. do T.: Bem como na ARA e ARC). Em 1 Timóteo, ela se refere ao “valor” duradouro e abrangente da piedade, “tendo a promessa da vida presente e da que há de vir”. Em Tito, parece que a palavra refere-se a um caráter santo, à sã doutrina, e a “fazer o que é bom”, com Paulo dizendo que “estas coisas são excelentes e proveitosas aos homens”. Não há problemas interpretativos com essa palavra em 2 Timóteo. O que precisamente “útil” e “proveitosa” significa aqui é definido pelo contexto.

a. Modos de Aplicação

Além do que podemos derivar do contexto mais amplo, Paulo imediatamente lista várias coisas para as quais a Escritura é útil e proveitosa.³⁰ Ele diz: “Toda a Escritura é soprada por Deus e útil para o *ensino, repreensão, correção e instrução na justiça*, para que o homem de Deus possa ser completo e plenamente equipado para toda boa obra”. A palavra “para” (*pros*) aparece antes de cada um dos itens listados no versículo 16, mas a NIV omite isso [N. do T.: A versão brasileira, ou seja, a NVI, não apresenta esse “problema”]. Essa parte do versículo literalmente diz: “proveitosa *para* o ensino, *para* a repreensão, *para* a correção e *para* a instrução na justiça” (NASB).

Já temos tratado com a ênfase tríplice sobre a suficiência da Escritura no versículo 17 - é uma declaração inequívoca que a Bíblia é uma ferramenta *todo-suficiente* para o ministro. Ela é suficiente para tratar cada uma das necessidades. Aqui, voltaremos nossa atenção para os quatro itens na segunda parte do versículo 16.

A Escritura é útil “para o *ensino*”. A palavra aparece também em 1 Timóteo 4:6, 13, 16, e 6:3. Como ela é “um termo técnico nas [Epístolas Pastorais] para a formulação doutrinária da Escritura”,³¹ outra boa tradução é “doutrina”, que é como a palavra é

³⁰ Veja também 2 Timóteo 4:2: “corrija, repreenda e encoraje”. Eu dei uma exposição disso em *Pregue a Palavra*.

³¹ William D. Mounce, *Pastoral Epistles* (Thomas Nelson, Inc., 2000), p. 570.

frequentemente traduzida. Aqui ela se refere à tarefa positiva de ensinar as doutrinas bíblicas, ou o sistema de verdade que Deus revelou na Escritura. Ela é a exposição positiva de todo o conselho de Deus. Como Gordon Fee observa, essa é a “responsabilidade primária”³² do ministro.

Se a Escritura é meramente “útil” para o ensino, então permanece a possibilidade de que ela precise ser suplementada com algo mais que também seja útil para o ensino. Mas Paulo não permite tal inferência, visto que nesse versículo ele declara que a Escritura é útil para o ensino e outras coisas, *para que* o homem de Deus possa ser *completo*, e *plenamente* equipado para *toda* boa obra. Em outras palavras, a Bíblia não é apenas “útil” para o ensino, mas ela é também suficiente e completa, contendo tudo o que é necessário para o ministério de ensino.

Há também um relacionamento essencial entre a utilidade e a suficiência da Escritura com sua inspiração e autoridade. A Escritura é útil para o ensino não somente porque ela contém informação doutrinária suficiente, mas ela é suficiente também em outro sentido, a saber, que ela é “soprada por Deus”, e, portanto, fala com autoridade última. Assim, a Escritura é útil e suficiente para o ensino porque, se a Bíblia afirma algo, ela é a palavra de Deus sobre o assunto, e isso determina a questão. Nenhuma confirmação adicional é requerida, e qualquer evidência extra-bíblica citada como suporte carregaria, de fato, uma autoridade infinitamente inferior, de forma que seu valor racional seria insignificante.

Então, a Escritura é útil “para *repreensão*”. Várias traduções inglesas favorecem “para reprovar”. Essa tradução pode ser enganosa, e, na melhor das hipóteses, transmite somente parte do que a palavra significa. O original tem o sentido de processar um caso contra erro, de forma que Jay Adams a traduz como “acusação”.³³ Isso deve ser tomado primeiro no sentido objetivo, como acusar alguém no tribunal de justiça.³⁴ Somente num sentido secundário, ou como um subproduto da acusação objetiva, a palavra se refere a um sentimento de culpa subjetivo ou admissão de delito.

Aqui a palavra refere-se principalmente a oposição do ministro contra os falsos mestres e suas doutrinas, ao invés do comportamento pecaminoso de pessoas (que é abordado pelo próximo item). Paulo está dizendo que, além de oferecer um sistema construtivo de verdade, a Bíblia também é suficiente para “a acusação de falsa doutrina”.³⁵ Portanto, Lenski sugere a palavra “refutação”.³⁶

Assim como a Bíblia é tanto suficiente como proveitosa para o ensino, ela é também suficiente e proveitosa para refutar o erro. Lattimore até mesmo oferece a tradução “útil... para *argumentar*”. Guardando em mente que Paulo a considera “útil” na extensão de ser “completa”, ele está dizendo que a Escritura supre tudo o que é necessário para realizar tal tarefa, de forma que o ministro não requer nenhum material extra-bíblico.

Também, visto que ele baseia a utilidade e suficiência da Escritura para refutar o erro sobre o fato de que a Escritura é “soprada por Deus”, isso significa que uma vez que

³² Gordon D. Fee, *1 and 2 Timothy, Titus* (Hendrickson Publishers, 1988), p. 279.

³³ Jay E. Adams, *The Christian Counselor's New Testament and Proverbs* (Timeless Texts, 2000).

³⁴ Jay E. Adams, *How to Help People Change* (Zondervan Publishing House, 1986), p. 113-115

³⁵ Mounce, p. 570. Also, Fee, p. 280, and Donald Guthrie, *The Pastoral Epistles, Revised Edition* (William B. Eerdmans Publishing Company, 1999), p. 176.

³⁶ R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. Paul's Epistles to the Colossians, to the Thessalonians, to Timothy, to Titus, and to Philemon* (Hendrickson Publishers, 2001), p. 846.

uma posição tem sido refutada pela Escritura, ela tem sido declarada falsa por Deus. Nada mais pode ser adicionado à autoridade de Deus, e assim, nada mais pode reforçar a refutação. Qualquer crença que tem sido rejeitada pela Escritura é uma posição morta. Possuindo uma autoridade infinitamente inferior, ou nenhuma, a filosofia humana e as ciências naturais não podem ressuscitar nenhuma posição que tem sido refutada pela Bíblia, nem podem torná-la mais falsa ou absurda. A palavra de Deus é verdadeira e final, e assim, a Escritura é suficiente e proveitosa para refutação, para o combate doutrinário.

Paulo então passa do doutrinário para o ético. A Escritura, ele diz, é útil “para *corrigir*”. A palavra significa restaurar a uma posição correta, e denota reforma moral. “Corrigir” algo implica na existência de um delito, e assim, essa palavra refere-se ao aspecto negativo da autoridade e orientação moral da Escritura.

Porque a Escritura é “soprada por Deus”, ela carrega a autoridade do próprio Deus sobre as questões morais. Portanto, quando a Escritura expõe o pecado e corrige o erro, o próprio Deus está falando. Isso dá fim a todos os debates e especulações morais. Se a Bíblia diz que algo é bom e correto, então ele algo é bom e correto. Se a Bíblia diz que algo é mau e errado, então ele é mau e errado. Nada pode adicionar ou tirar algo da autoridade e certeza das declarações da Escritura sobre as questões morais. A Bíblia é suficiente e proveitosa para correção.

A Escritura é útil também “para *treinamento* na justiça”. A palavra para “treinamento” é *paideia*. Ela pode se referir a instrução [N. do T.: como na NVI], disciplina ou a todo o programa de treinamento para o jovem, de forma que algumas traduções preferem a palavra “educação”. Mas Paulo está falando sobre um treinamento e educação “na justiça”, e assim, a frase denota a instrução ética positiva, ou o outro lado da “correção”.

Novamente, visto que Deus é a única autoridade moral, visto que suas declarações morais são absolutas e finais, e visto que a Bíblia é a própria palavra e mente de Deus em todas as questões reveladas através dela, isso significa que os ensinamentos morais da Bíblia são autoritativos, absolutos e finais. Não há diferença de forma alguma entre o que a Bíblia diz e o que Deus pensa com respeito às questões morais.

Além do mais, a Bíblia contém informação suficiente para que o homem de Deus possa ser plenamente equipado para toda boa obra. Em outras palavras, a Bíblia contém um sistema moral completo. Ela é suficiente e proveitosa para fornecer instrução e orientação moral, e para definir o bem e o mal. Ela é a primeira e a última palavra em todas as considerações morais, e ela deve ser a primeira e última corte de apelo para todos os debates e discussões morais.

Reunindo tudo o que foi exposto acima, o versículo nos ensina que a Escritura é soprada por Deus, e, portanto, ela é proveitosa para tratar dos aspectos positivos e negativos tanto do credo como da conduta. Além do mais, ela é proveitosa numa extensão extrema, de forma que com ela, o homem de Deus é completo e plenamente equipado para o ministério. Ele não precisa de nada mais.

Isso nos fornece discernimentos essenciais para um ministério fiel e eficaz, embora os princípios sejam também relevantes para qualquer cenário no qual a palavra de Deus é aplicada. O ponto óbvio, que temos repetidamente enfatizado, é a suficiência da Escritura, e temos notado também o que essa suficiência significa. Mas Paulo é mais

específico, e as instruções específicas nos capacitam a sermos mais precisos e deliberados em nosso uso da Escritura. Ele nos diz que a Escritura pode de ser usada para tratar tanto do credo como da conduta, não simplesmente de um dos dois. Então, quer estejamos tratando de credo ou conduta, ele nos diz que a Escritura tem tanto usos construtivos como destrutivos.

Deveríamos examinar como estamos usando a Escritura à luz dessa informação, e alinhar o foco e a agenda do nosso ministério com ela. Para ilustrar, alguns ministros se focam quase que exclusivamente em refutar erro doutrinário, seitas ou falsas religiões. Eles estão fazendo um serviço importante ao Corpo de Cristo, mas ao mesmo tempo, esse desequilíbrio pode infligir grande prejuízo e impedir o progresso completo do evangelho.

Dos quatro itens listados no versículo, o primeiro é o fundacional — isto é, o ensino construtivo da Escritura. Hendriksen concorda que “isso é sempre básico a tudo mais”.³⁷ O erro doutrinário é discernido e refutado somente com relação a um padrão absoluto de verdade doutrinária. Da mesma forma, tanto os aspectos positivos como os negativos dos princípios éticos na Escritura são encontrados sobre a autoridade da revelação positiva de Deus. Sem o ensino positivo e construtivo da Escritura, os outros itens careceriam do ponto de referência necessário a partir do qual eles devem operar.

Mesmo assim, os usos negativos da Escritura não devem ser negligenciados. Certamente o homem de Deus deve confrontar heresias e pecados com a Bíblia, mas isso somente porque elas desvirtuam ou vão contra os ensinamentos positivos da Escritura. Como Paulo escreve: “E apegue-se firmemente à mensagem fiel, da maneira como foi ensinada, para que seja capaz de encorajar outros pela sã doutrina e de refutar os que se opõem a ela” (Tito 1:9). O ministro deve refutar aqueles que se opõem à sã doutrina, mas isso significa que a sã doutrina deve ser previamente definida, e é a sã doutrina que buscamos sustentar, mesmo quando estamos refutando.

Assim, quer estejamos nos referindo à nossa pregação, ao exercício da nossa paternidade, ou ao nosso crescimento espiritual individual, nossa obra é inferior e incompleta se aplicamos a Bíblia somente para refutar erros e negligenciamos fornecer ensinamentos construtivos, ou vice-versa. Da mesma forma, devemos fazer os ajustes apropriados se observarmos que estamos tratando apenas de assuntos de conduta, e não de credo, ou vice-versa (veja também Jeremias 1:10). Então, estaremos bem em nosso caminho tendo o que Spurgeon chama de um “ministério abrangente”.³⁸³⁹

b. Esferas de Aplicação

Quando diz respeito à suficiência da Escritura, temos dito que a própria Escritura deve definir tanto as questões como as respostas. A Escritura nos diz quais assuntos são importantes e então nos diz o que crer sobre eles. E embora ela seja suficiente para todos, ela especifica várias categorias de pessoas, de forma que podemos ser mais conscientes e deliberados em nossa aplicação dos ensinamentos bíblicos.

³⁷ Hendriksen, p. 303. Também, Fee, p. 279.

³⁸ Charles H. Spurgeon, *An All-Round Ministry* (The Banner of Truth Trust).

³⁹ Nesse ponto, o plano original para essa exposição continua para discutir várias formas ou modos pelos quais a Escritura é apresentada — a saber, falando, escrevendo e lendo. Contudo, devido à falta de tempo, esqueceremos esses itens e nos moveremos para a próxima e última seção.

O mesmo é verdade com a utilidade da Escritura. Porque a Escritura nos diz sobre seus próprios e variados usos — tais como ensinar, refutar, corrigir e educar — podemos ser muito mais deliberados em nossa aplicação, e nos tornaremos, com uma probabilidade muito maior, cientes da nossa negligência e desequilíbrio.

Por essa razão, nos beneficiaria considerar também as diferentes esferas nas quais a Escritura pode ser aplicada. Por “esferas”, nos referimos aos contextos ou círculos sociais nos quais as pessoas agem. Uma definição simples no dicionário seria “lugar na sociedade” ou “modo de vida”. Por exemplo, a escola e o trabalho representam duas esferas ou círculos sociais diferentes.

As várias esferas acomodam diferentes tipos de relacionamentos e funcionam por regras diferentes, e elas apresentam diferentes oportunidades bem como dificuldades, desafios e tentações. Certamente elas se sobrepõem, e o que acontece a uma pessoa numa esfera social implica na outra. Todavia, elas são frequentemente bem definidas o suficiente para serem discutidas separada e especificamente. Novamente, isso nos capacita a nos tornarmos mais deliberados em nossa aplicação da Escritura, e também mais cientes da nossa negligência.

Embora já tenhamos afirmado que a Escritura tem aplicação universal, e que ela demanda a atenção e obediência de toda pessoa, bem como categorias de pessoas, ela também reconhece diferentes esferas sociais. Aqui discutiremos as três principais, mas somente em resumo, e levantaremos somente alguns dos assuntos que devem ser tratados. Esses devem ser tratados aplicando-se o que já temos discutido acima, e refletindo sobre todo o ensino da Bíblia com respeito a cada uma dessas áreas da vida.

As esferas sociais que discutiremos são o lar, a igreja e o mundo. É dentro desses contextos que devemos usar a Escritura para ensinar, refutar, corrigir e educar a nós mesmos e aos outros, e para promover a salvação e a santificação.

O lar, ou a família, é o menor círculo em nossa lista, mas ele é também o elemento fundamental dos outros. A Escritura é autoritativa, suficiente, e proveitosa para definir a relação da família com Deus, a igreja, e o mundo, a estrutura autoritária entre os membros, o relacionamento entre o marido e a esposa, o relacionamento entre pais e filhos, a autoridade e as responsabilidades dos pais, como viúvas dentro de uma família devem ser tratadas, e todas as outras questões relacionadas. Ela deve regular também a família nas áreas da educação, trabalho, dinheiro, sexo, alimento, saúde, tempo, recreação e entretenimento.

Em outras palavras, a autoridade e utilidade da Escritura toca cada aspecto da vida familiar. A maioria das famílias não fazem quase nada para reforçar os ensinamentos bíblicos no lar. Há muito mais do que ir à igreja juntos, orar juntos e ler a Bíblia juntos. Por exemplo, a maioria dos homens provavelmente não sabe nada sobre tratar com os sogros ímpios, exceto praticar os princípios bíblicos mais gerais tais como o amor, perdão, ou “uma resposta suave desvia a ira”, e geralmente, até esses são entendidos e aplicados de maneira errônea por eles. Esse é o porquê as famílias devem *deliberadamente* estudar e aplicar o que a Bíblia tem para dizer sobre como o lar deve funcionar.

Embora a família seja o fundamento da igreja, ela geralmente funciona em conexão com e até mesmo debaixo da influência e autoridade da igreja. Sim, a família pode funcionar em independência *relativa* da igreja como uma unidade auto-suficiente, de

forma que uma igreja que procura exercer autoridade *absoluta* sobre uma família é realmente uma seita, mas a ordem da Bíblia para obedecer líderes da igreja e servir aos interesses da comunidade do pacto se aplica às famílias individuais que compõem tal comunidade.

Além do mais, a igreja é onde a palavra de Deus é autoritariamente pregada e reforçada. Certamente, a palavra de Deus deve ser pregada e reforçada também na família, mas a igreja é uma instituição maior que prega e reforça a palavra de Deus *para* a família. Enquanto o marido é a corte final de apelo no lar, se surgir a necessidade, apelos especiais podem ser feitos à igreja, de forma que sob a autoridade da Escritura, a igreja pode oferecer conselho ou lançar um veredicto, e em casos extremos, até mesmo excomungar o ofensor.

Por exemplo, o marido pode apelar à igreja se sua esposa persistentemente recusa lhe obedecer, ou a esposa pode apelar se seu marido abusa dela — isto é, não como ela define abuso, mas como a Bíblia o definiria. Famílias hostis que não podem resolver suas disputas por si mesmas podem também apelar à igreja. Isso pode funcionar muito bem até mesmo quando as famílias envolvidas pertencem a igrejas diferentes, isto é, se ambas as igrejas são comprometidas em reforçar os princípios bíblicos da disciplina eclesiástica. Contudo, é difícil para muitas famílias encontrar *alguma* igreja que sequer saiba o que a Bíblia ensina sobre o assunto, para não dizer uma que reforce tal ensino. Isso contribui para a forma como os cristãos frequentemente desonram o reino de Cristo diante dos tribunais do mundo, como se a igreja não pudesse resolver nem mesmos as questões triviais entre os seus membros.

Então, como mencionado, a tarefa primária da igreja é pregar e reforçar a palavra de Deus, isto é, a Bíblia. Ela é “o pilar e o fundamento da verdade” (1 Timóteo 3:15). Sob essa descrição geral, há muitas tarefas que ela deve realizar. O sermão de Domingo é óbvio, e ela deve fornecer também conselho individual, aulas de teologia e treinamento no ministério.

Há maneiras diferentes de aplicar a suficiente palavra de Deus em contextos diferentes, sob níveis diferentes, e para pessoas diferentes. Mas a suficiência e utilidade da Escritura não somente implica *que* essas coisas devem ser feitas pela igreja, mas também *como* elas devem ser feitas. Por exemplo, porque a Bíblia é suficiente para equipar completamente o homem de Deus para toda boa obra, as teorias e métodos seculares são desnecessários e até mesmo indesejáveis ao conselheiro da igreja. Se o filé mignon fosse perfeito, espalhar estrume de cavalo nele não tornaria o seu gosto melhor.

Além do mais, visto que a própria Bíblia reivindica que ela torna o homem de Deus *completo*, e *plenamente* equipado para *toda* boa obra, então a igreja deveria ser capaz de treinar seus próprios ministros sem mandá-los para o seminário. Se o seminário serve um propósito legítimo é uma questão separada, mas ele não deveria ser *necessário*. Se o seminário é *necessário* para equipar plenamente o homem de Deus, isso pode significar apenas que a igreja não ensina eficazmente toda a palavra de Deus.

Nesse caso, a solução é reparar a igreja, e não construir um seminário. E isso não é dizer que se deve tomar uma pessoa treinada no seminário para reparar a igreja, visto que esse argumento funcionaria por uma geração, na melhor das hipóteses — se o

ministro treinado no seminário reparasse o problema, essa deficiência na igreja não deveria existir mais na próxima geração.

Agora, se o seminário é apenas uma extensão da igreja, então eu não tenho problema com ele. Contudo, seria desnecessário então chamá-lo de um seminário — ele seria apenas parte do que a igreja está fazendo para treinar seus próprios ministros. Também, ele deve então funcionar realmente como parte da igreja. Ele não deveria cobrar mensalidade,⁴⁰ e deveria ser supervisionado por presbíteros da igreja, não por deões e diretores. As pessoas que ensinam nele devem ser ministros de verdade, não simplesmente professores. Ao invés de conceder graus, ele deveria emitir cartas de recomendação personalizadas, atestando tanto a ortodoxia como o caráter dos discípulos, para promovê-los ao presbiterato ou enviá-los para outros lugares. Em adição, a disciplina eclesiástica deveria ser reforçada, e não deveria ser permitido que aqueles que afirmam heresias ou persistem em vícios conhecidos se “graduassem”. Ele deve ser um programa de discipulado (com o mais rigoroso treinamento acadêmico), não um programa acadêmico. A verdade é que a maioria dos seminários não são assim, mas o sistema inteiro deles é padronizado de acordo com instituições seculares, e a maioria dos seus graduados são inadequados para o ministério.⁴¹

Uma esfera ainda maior do que a igreja é o mundo. Por mundo, podemos nos referir a todos os seres humanos em geral, incluindo tanto cristãos como não-cristãos, ou não-cristãos em particular. Algumas vezes podemos estar nos referindo a um círculo que está fora da igreja, mas que pode incluir tanto cristãos como não-cristãos, tais como a escola, o trabalho, ou o governo.

A Bíblia traça uma linha clara separando a igreja e o mundo. Ela nos diz para permanecermos no mundo, mas não sermos contaminados por ele. Reagindo contra o hermetismo, muitos crentes se lançam no mundo, participando de quase tudo o que ele tem para oferecer. Como resultado, eles terminam no outro extremo, aquele de ser amigo do mundo, e usando com uma escusa a reivindicação de que eles estão abraçando a criação de Deus e funcionando como sal e luz do mundo. Se isso é o que eles estão realmente fazendo, então o mundo ou mudaria, ou vomitá-los-ia. Mas o mundo é confortável com eles, pois eles *são* o mundo. Não nos enganemos. A Bíblia diz que devemos permanecer no mundo para que possamos pregar para ele, ser uma testemunha *contra* ele, levar as pessoas *para fora das* suas trevas, mas não de forma que possamos brincar com ele.

A Bíblia é suficiente para se dirigir a todas as pessoas, mesmo incrédulos, escarnecedores e apóstatas hostis. Ela fornece materiais suficientes para um sistema completo de apologética, e um método e uma mensagem completa para evangelismo. Mas quando estamos falando de todas as coisas fora da igreja, a Bíblia não é somente boa para apologética e evangelismo, mas ela define e regula sobre todos os aspectos de todas as pessoas. Isso significa que ela é o padrão definidor para arte, ciência, comércio e até mesmo governo.

Falando do governo, há muita discussão e debate sobre a separação da igreja e o Estado. A controvérsia nesse país tem muito a ver com o significado e interpretação da Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos. Sobre esse ponto, eu

⁴⁰ Contudo, a igreja poderia requerer um padrão fiel de oferta de seus estudantes como parte do treinamento de caráter deles e ajudá-los a se tornarem bons exemplos para os outros.

⁴¹ Veja Vincent Cheung, “Church and Seminary”, em *Doctrine and Obedience*.

concordo que a Primeira Emenda pretende proteger a igreja do Estado, ou na melhor das hipóteses um do outro, mas não eliminar a religião de todos os programas e atividades patrocinadas pelo governo, tais como o sistema de escola pública.

Contudo, a Primeira Emenda tem apenas uma relevância local, legal e prática. Ela não tem nenhuma relação com se algo é certo ou errado a partir da perspectiva do padrão revelado absoluto de Deus. A questão prévia é, antes de tudo, se a Primeira Emenda é bíblica. Se ela for anti-bíblica, então ela é errada, e os crentes devem se opor a ela. Mas se ela é bíblica, então ela é correta, e os crentes devem advogar o que ela diz, mesmo que não houvesse tal emenda na constituição. A despeito do que a lei humana realmente diz e significa, a questão mais importante, universal e espiritualmente relevante é o que a Bíblia ensina sobre o relacionamento apropriado entre a igreja e o Estado.

Agora, suponha que concordemos que a igreja e o Estado são duas instituições diferentes com funções diferentes, e que uma não deve usurpar a autoridade da outra. Por exemplo, a igreja tem o poder pra excomungar um assassino, mas ela não tem o direito de executá-lo. Isso realmente responde algumas questões, mas algumas vezes as pessoas perdem o ponto mais amplo, e, portanto, chegam a conclusões errôneas sobre como o governo deveria funcionar. Elas tendem a esquecer que simplesmente porque a igreja não pode controlar ou substituir o governo não significa que o governo está livre da autoridade de Deus, ou do que é equivalente nesse contexto, a autoridade da Bíblia.

Legisladores, políticos, juízes, oficiais de polícia, e assim por diante, são todos indivíduos humanos, e como tais, eles *nunca* estão isentos de crer no evangelho e se comportarem como cristãos. Eles não são moralmente livres para serem ateístas, para ignorar preceitos bíblicos, ou para seguir religiões e filosofias não-cristãs simplesmente porque eles trabalham para o Estado. Toda lei anti-bíblica e toda opinião anti-bíblica é pecaminosa quando encontrada em qualquer contexto e em qualquer pessoa, e será julgada por Deus de acordo com o padrão que ele tem revelado na Escritura.

Assim, um governo ou está por Cristo ou contra ele. Assim como nenhum indivíduo humano pode ser neutro para com Cristo, nem pode um governo, que consiste de indivíduos humanos, ser neutro. Qualquer governo que reivindica ser religiosamente neutro já tem se colocado contra Cristo. De fato, como é verdade com indivíduos humanos, qualquer governo que falha em explicitamente prometer fidelidade a Cristo é um inimigo de Cristo.

Portanto, pelo menos dessa perspectiva, é irrelevante que o Estado seja uma instituição separada da igreja, e que a igreja não tenha nenhuma autoridade sobre ele — o governo está *diretamente* sob a ameaça da maldição divina para seguir *tudo* o que a Bíblia ordena em *tudo* o que ele faz. O fato de que ele não é responsável diante da igreja não faz nenhuma diferença, visto que ele ainda é diretamente responsável diante de Deus, e Deus condena todas as leis, todas as opiniões, e todas as ações que não sejam aquelas que ele aprova e permite através da Escritura. Assim, se o governo não aprende suas obrigações para com Deus a partir da igreja, ele ainda deve aprendê-las diretamente a partir da Bíblia.

Muitos cristãos são cautelosos quanto à teonomia, mas como o Estado pode racionalmente justificar as leis contra assassinato, roubo, estupro, perjúrio ou qualquer

coisa semelhante, sem apelar à Escritura? De fato, como o governo pode justificar sua própria existência aparte da Bíblia? Aqui não temos que discutir os acertos e os erros da Teonomia Reformada, mas não há como negar o fato de que o governo não pode justificar sua própria existência, entender seu próprio propósito e mandato, ou definir os vários crimes e a severidade de cada crime sem a Bíblia.⁴² Se devemos chamar isso de uma forma de teonomia, então que seja.

Muitos cristãos não têm nenhuma idéia de pelo o que eles estão lutando. Eles reivindicam rejeitar todas as formas de teonomia, e eles querem liberdade religiosa total para todo mundo, mas então eles desejam lutar para que o governo sancione a exibição pública dos Dez Mandamentos. Eles não vêem que não há tal coisa como os “Dez Mandamentos” de forma abstrata? O que são esses dez mandamentos? Se eles estão lutando pela direito de exibir duas tábuas de pedra com dez letras romanas gravadas nelas, então eles não estão lutando pelos dez mandamentos bíblicos de forma alguma. Eles frequentemente falam de como nossas leis são baseadas em “valores judaico-cristãos”. Mas não há nenhum valor em “I, II, III, IV....”.

Os Dez Mandamentos não são apenas as palavras “Dez Mandamentos”, mas há realmente *dez mandamentos* que Deus revelou a Israel no meio de uma exibição espetacular de poder e glória. Citar o primeiro mandamento seria suficiente para estabelecer o ponto: “Não terás outros deuses além de mim” (Êxodo 20:3). Lutar pela permissão ou sanção do governo para exibir publicamente os Dez Mandamentos não é lutar pelo direito de exibir duas tábuas brancas de pedra ou as palavras “Os Dez Mandamentos”, mas os dez mandamentos *reais*, incluindo esse primeiro. Lutar por “valores judaico-cristãos” não é lutar por uma expressão sem sentido, mas lutar pelas leis morais reveladas na Bíblia, incluindo o primeiro mandamento.

Qual é o significado de tudo isso? Significa que se você está lutando pelos Dez Mandamentos como uma mera abstração, ao invés de lutar pela sanção do governo para *declarar* e *reforçar* os dez mandamentos reais, então o esforço não é digno, visto que você está lutando por uma causa que não tem significado nem conteúdo, e que não tem nada a ver com o Cristianismo.

Por outro lado, se você está exigindo que o governo sancione e patrocine uma declaração pública dos Dez Mandamentos como os dez mandamentos reais, começando com “Não terás outros deuses além de mim”, então entenda que você não está simplesmente lutando para criar um espaço para o Cristianismo como uma opção entre muitas, mas você está lutando pelo direito — pela sanção do governo, sobre a propriedade do governo — de publicamente condenar todas as religiões não-bíblicas, todas as filosofias não-bíblicas, e todos os seus aderentes, para exaltar o Cristianismo como a única religião verdadeira e a única base legítima para a civilização humana. Agora, *essa* sim é uma causa que eu posso apoiar.

O fato do governo admitir que ele é fundado sobre princípios cristãos é também declarar que seu próprio fundamento condena todas os princípios não-cristãos, tal como uma condenação é fundamental para o Cristianismo. E embora tal governo possa não persegui-los ativamente, todos os não-cristãos que vivem sob tal governo são, todavia, governados e julgados por princípios explicitamente cristãos. Isso é o

⁴² Para defender essa declaração, precisamos apenas aplicar nossa posição usual da apologética pressuposicional bíblica na área da política. Se todas as cosmovisões não-cristãs falham desde o início, então não pode haver nenhuma justificação racional para nenhuma teoria não-cristão sobre qualquer coisa, e isso inclui política. Veja Vincent Cheung, *Ultimate Questions, Presuppositional Confrontations, e On Good and Evil*.

que demandamos que nosso governo diga ao mundo quando exigimos que ele reconheça suas raízes cristãs. E que monstro grotesco nosso governo pareceria, se a partir de raízes cristãs ele produzisse não somente frutos cristãos, mas também muçulmanos e budistas. A Bíblia é suficiente e proveitosa para edificar uma nação, e se o fundamento é verdadeiramente cristão, então exclusão deve ser parte desse fundamento.

2. PREGUE A PALAVRA

Pregue a Palavra era originalmente um ensaio contínuo sobre pregação e educação. Sendo assim, pode ser aparente ao leitor que cada capítulo tem uma íntima conexão com o anterior. Dividir o ensaio em capítulos corre o risco de comprometer o senso de continuidade; todavia, divide o texto para torná-lo mais fácil de ler.

Esse ensaio é estruturado ao redor de 2 Timóteo 4:1-3, e discute a pregação e a educação cristã. No processo, ele critica as teorias seculares sobre o método de aprendizagem, e exige um ministério de ensino e escrita abrangente da parte dos pregadores do evangelho. É meu desejo que esta obra desperte o pregador para a seriedade de sua tarefa, e o crente para a sua responsabilidade de estudar as palavras da Escritura com toda diligência e reverência.

1. O MANDATO DIVINO

Invocar a deidade para testemunhar uma comissão formal ou um juramento é uma coisa séria, e, portanto, devemos perceber um dever da mais solene natureza sagrada quando Paulo começa o capítulo final de 2 Timóteo com as palavras: “Na presença de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos por sua manifestação e por seu Reino, eu o exorto solenemente...” (2 Timóteo 4:1). Sejam quais forem as próximas palavras, é certo que alguém que teme a Deus e respeita a autoridade apostólica ficará totalmente alerta com um prefácio tão solene.

Esse encargo (NIV)⁴³ é dado “na presença de Deus e de Cristo Jesus”, fazendo com que Timóteo se tornasse extremamente consciente da examinação de Deus dos seus pensamentos e ações, à medida que ele recebe e cumpre o juramento feito sobre ele. Trazendo um foco cristológico para a invocação da deidade, Paulo designa Cristo como aquele que “há de julgar os vivos e os mortos”. O texto, dessa forma, lembra Timóteo que ele permanece responsável a Cristo em sua função como o juiz de todos, e o coloca sob esse juramento solene por “sua manifestação” e “seu Reino”. Esses termos ressoam com o tema escatológico nessa segunda carta a Timóteo.

Dizer que Cristo “julgará os vivos e os mortos” se tornou uma “fórmula semi-credal”⁴⁴ familiar na história da igreja primitiva. Por exemplo, *A Epístola de Barnabé* contém a seguinte declaração: “Se o Filho de Deus, que é Senhor e *julgará os vivos e os mortos*, sofreu para nos dar a vida por meio de seus ferimentos, acreditamos que o Filho de Deus não podia sofrer, a não ser por causa de nós”.⁴⁵ Policarpo, que segundo a tradição foi um discípulo de João, escreveu aos filipenses dizendo: “Por causa disso, cinjam suas cinturas...acreditado naquele que ressuscitou nosso Senhor Jesus Cristo da morte, e lhe deu a glória, e um trono a sua direita. Por ele todas as coisas no céu e na terra estão subordinadas..... ele vem como o *juiz dos vivos e dos mortos*...”.⁴⁶ Em adição, o Credo dos Apóstolos afirma: “Ele há de vir julgar os vivos e os mortos”.

Cristo julgará tanto aqueles que estiverem vivos em “sua manifestação”, bem como aqueles que tiverem morrido antes desse tempo, e que serão ressuscitados para julgamento. Ninguém escapa de sua autoridade e domínio — todos são responsáveis diante de Cristo pelo que eles crêem e fazem, mesmo quando eles negam isso no presente.

No mínimo, devemos dizer que tal apelo ao testemunho divino não ocorre casualmente, mas é reservado somente para questões de extrema importância e urgência. Sabendo que tudo isso fez com que Timóteo tomasse o que se segue seriamente, esse é também o modo como devemos considerar o encargo que Paulo dá a Timóteo no próximo versículo.

⁴³ Nota do tradutor: As citações desse livro, quando não informadas, são todas da NVI (Nova Versão Internacional). O autor usa a NIV (New International Version), a qual não é uma versão idêntica à NVI. Portanto, a indicação NIV durante o presente livro indica os casos nos quais essas diferenças ocorrem, onde eu forneço uma tradução diretamente da NIV.

⁴⁴ Gordon D. Fee, *New International Biblical Commentary: 1 and 2 Timothy, Titus*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 1988; p. 284.

⁴⁵ *Early Christian Writings: The Apostolic Fathers*; New York: Penguin Putnam Inc., 1987; p. 167.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 119.

2. PREGUE A PALAVRA

Imediatamente após a invocação de Deus como testemunha, o versículo 2 diz: “Pregue a Palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina”. Tendo criado uma ávida expectativa e até mesmo alguma apreensão na mente do leitor, Paulo anuncia o que é que ele considera tão importante. “Pregue a Palavra”, ele diz. Sem dúvida a tendência comum em cristãos professos de hoje é rebelar-se contra tal mandamento, que o velho apóstolo ousou sugerir que a comunicação verbal das verdades bíblicas é o ministério supremo. Nós devemos, portanto, gastar um determinado tempo para absorver o significado e as implicações do que é pregar.

Uma análise completa da palavra traduzida por *pregar* pode necessitar de uma discussão mais longa do que aquela que é desejável nessa ocasião. Kittel fez tal estudo, e eu me oponho a várias das reivindicações principais de seu extenso artigo.⁴⁷ O “proclamar segundo a maneira de um arauto” de Thayer⁴⁸ é padrão, mas não significa muito para aqueles que falham em entender o que *proclamar* e *arauto* implicam.

Kenneth Wuest explica: “Imediatamente [a palavra] recordou à mente [de Timóteo] o Aauto Imperial, porta-voz do Imperador, proclamando numa maneira formal, grave e autoritária o que deve ser ouvido, a mensagem que o Imperador lhe deu para anunciar... Esse deve ser o padrão para o pregador hoje. Sua pregação deve ser caracterizada por aquela dignidade que vem da consciência do fato que ele é um arauto oficial do Rei dos reis. Isso deveria ser acompanhado por aquela nota de autoridade que ordena o respeito, a cuidadosa atenção e a reação apropriada dos ouvintes. Não há lugar para palhaçadas no púlpito de Jesus Cristo”.⁴⁹

Essa é uma descrição geral excelente de pregação, e prenuncia algo do que direi nas próximas páginas. Contudo, eu pretendo, nesse estudo, não me confinar no que o termo significa estritamente. Ao invés disso, usarei o significado comum para a palavra *pregar* com relação ao seu uso no inglês. Essa não é uma forma pobre se admitida explicitamente, e é feita de forma que eu possa expor de uma maneira geral tudo o que se quer dizer quando nos referimos a pregação, ensino e educação.

Didaskalia, do grego, é traduzida por *ensino* em 1 Timóteo 5:17, e alguém pode discutir seu significado como oposto àquele designado por *pregar*. Sem ser ignorante das distinções entre essas e outras palavras relacionadas, nosso estudo continuará com o todo da instrução cristã em mente, quer na pregação, quer no ensino. Em outras palavras, eu estou interessado em discutir o que é comum ao escopo inteiro das instruções cristãs. Isso nos concede a oportunidade de introduzir palavras tais como *sermões* e *palestras* também. O leitor pode considerar isso como usando 2 Timóteo 4:2 como um ponto de partida para discutir diversos assuntos amplos que se aplicam a todos os discursos cristãos.

Muitos consideram um sermão como diferente de uma palestra. O primeiro é o que alguém ouve na igreja de um pregador — a estrutura retórica seguida, o conteúdo como qual é investido e o intento baseado no qual ele é entregue, são todos muito diferentes de uma

⁴⁷ Gerhard Kittel, ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. 3; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1965; p. 697-714.

⁴⁸ Joseph H. Thayer, *Thayer's Greek-English Lexicon of the New Testament*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 2002 (original: 1896); p. 346.

⁴⁹ Kenneth S. Wuest, *The Pastoral Epistles in the Greek New Testament*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1999 (original: 1952), p. 154.

palestra. Sermões nem mesmo se assemelham, e pensamos que não deveriam, às palestras entregues em seminários cristãos. Nos seminários, o professor *palestra* aos seus alunos de forma que eles possam no futuro *pregar* às suas congregações. Alguns podem adicionar que as palestras tendem a serem tediosas, enquanto que os sermões podem pelo menos ocasionalmente serem interessantes, e eles são interessantes na extensão em que eles não se assemelham às palestras teológicas. Contudo, essa distinção é falsa, e perpetua um pensamento obscuro nas congregações bem como a mentalidade anti-intelectualista que procura dar-lhe justificação.

Visto que estarei interagindo com um ponto que Jay Adams faz em seu livro *Preaching with Purpose* [Pregando com Propósito], devemos começar primeiramente deixando-lhe definir seu uso da palavra *pregação*. A explicação é útil para ilustrar algo declarado logo acima, e, portanto, eu o citarei com certa extensão:

Estritamente falando, as principais palavras bíblicas traduzidas por “pregação” não correspondem exatamente àquela atividade a qual afixamos o rótulo. Elas são de certa forma limitadas em escopo. Essas palavras, *kerusso* e *euangelizo*, são usadas no Novo Testamento para descrever o ato de “proclamar” e “anunciar o evangelho”. Elas se referem a atividades evangelísticas. A primeira sempre tem a ver com proclamação pública das boas novas, enquanto que a última pode ser usada para descrever o ato de fazer o evangelho conhecido tanto a grupos como a indivíduos não-salvos...

Por outro lado, a palavra *didasko*, traduzida como “ensinar”, corresponde mais ao nosso uso moderno da palavra pregar, e tem a ver com a proclamação da verdade entre aqueles que já crêem no evangelho... Embora às vezes *didasko* pareça também ser limitada ao falar evangelístico, e ocasionalmente seja possível que *kerusso* possa se referir à pregação aos santos...⁵⁰

Há, então, dois tipos de pregação (por causa de um uso profundamente impregnado da palavra inglesa, eu usarei o termo “pregação” para cobrir tanto o falar evangelístico como o pastoral): a pregação evangelística (proclamar, anunciar as boas novas) e a pregação pastoral ou de edificação (ensino).⁵¹

Isso não somente nos fornece o entendimento de Adams do uso bíblico dos termos, mas também proporciona justificação para o nosso procedimento presente, que é discutir pregação em geral como se referindo a todas as oratórias cristãs — quer com propósitos evangelísticos, quer para instruir e edificar os crentes.

Então Adams explica a diferença entre palestrar e pregar dessa forma: “[Na palestra] o pregar faz um bom trabalho de considerar a exegese histórico-gramatical da passagem que está sendo pregada, considera-a teologicamente e retoricamente, e então — simplesmente diz à sua congregação o que ela significa. Sua resposta, e conseqüentemente a deles também, é dizer: ‘Bem, agora eu a entendo’, e é isso! Isso não é pregação. A verdadeira pregação faz tudo descrito acima, mas ela também identifica o *telos* (propósito) da passagem, constrói a mensagem ao redor dele, e chama a congregação a uma resposta que seja apropriada a ele. Ele trabalha para mudança”.⁵²

⁵⁰ Adams cita nosso texto, 2 Timóteo 4:2, como um exemplo onde *kerusso* significa a “pregação” que é direcionada aos crentes. O versículo não se refere somente à pregação evangelística, visto que o contexto dita de outra forma.

⁵¹ Jay E. Adams, *Preaching With Purpose*; Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1982; p. 5-6.

⁵² *Ibid.*, p. 43.

Será instrutivo ver o que está errado com o exposto acima. Adams reivindica que a palestra tem como objetivo dar entendimento, enquanto que a pregação dá *tanto* entendimento, como também “trabalha para mudança”. Eu recuso essa forma de distinção entre os dois visto que ele ignora os significados ordinários de ambas as palavras no inglês, constrói suas próprias definições, e apresenta-as novamente para destacar a diferença.

*Merriam-Webster's Collegiate Dictionary*⁵³ define a palavra *pregar* como “entregar um sermão” e por *sermão* quer-se dizer “um discurso religioso entregue em público, geralmente por um clérigo, como uma parte de um serviço de adoração”. Ele define *palestra* como “um discurso dado diante de uma audiência ou classe especialmente para instrução”. De acordo com essas definições, um *sermão* é meramente uma *palestra* com intento e conteúdo religioso, assim, fazendo do primeiro um sub-sistema do último, e não um tipo totalmente diferente de discurso. Adams, portanto, meramente impõe sobre nós suas definições privadas desses termos.

Também, note que até mesmo quando o pregador diz à congregação o que o texto significa numa palestra, Adams implica que ele esconde de sua audiência a pesquisa realizada nos bastidores. Os ouvintes são privados do seu “considerar a exegese histórico-gramatical da passagem que está sendo pregada”, bem como dos assuntos teológicos e retóricos. Ele “considera” os materiais, mas não os apresenta a eles. Mas essas coisas não são benéficas para os crentes aprenderem?

Minha definição de uma palestra, e assim, de um sermão também, permite a inclusão da pesquisa de fundo na entrega, bem como os elementos comuns tais como uma exposição do tópico ou do texto. Ela tem como objetivo informar e persuadir, e certamente “trabalhar para mudança”. Todavia, ela ainda é uma palestra em cada aspecto — conteúdo, estrutura, estilo e assim por diante. Contudo, reconhecemos que a maioria dos *insights* teológicos e exegéticos falham em se tornar parte do produto final. Isso é somente devido à sensibilidade para com os ouvintes menos avançados, e também pela impossibilidade de incluir todas as informações relevantes numa apresentação relativamente breve. Tal conteúdo nunca é excluído como uma regra, mas somente devido às restrições necessárias.

Em seu livro sobre palestrar, Donald Bligh escreve: “Na política as palestras são chamadas de discursos. Nas igrejas elas são chamadas de sermões. Chame-as do que você quiser; de fato, elas são exposições mais ou menos contínuas de um orador que quer que a audiência aprenda algo”.⁵⁴ Assim, eu não estou sozinho em declarar que um sermão é uma palestra. Mas até mesmo Bligh impõe restrições às palestras que são injustificadas.

Se afirmar que uma palestra tem a intenção de que a audiência “aprenda algo” é dito como uma restrição, então isso deve ser negado. Porque “aprender”, para usar o primeiro significado do *Merriam-Webster's*, ou seja, “ganhar conhecimento ou entendimento de, ou habilidade, em estudo, instrução, ou experiência” é muito restrito. Mas o terceiro significado é aceitável: “vir a conhecer”. A palestra tem a intenção de comunicar algo, de forma que a audiência possa “vir a conhecer” os pensamentos do orador. Nós ignoraremos os outros defeitos da obra de Bligh por ora.

⁵³ *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary, Tenth Edition*; Springfield, Massachusetts: Merriam-Webster, Inc., 2001.

⁵⁴ Donald A. Bligh, *What's The Use of Lectures?*; San Francisco, California: Jossey-Bass Publishers, 2000; p. 4.

3. SOBRE O MÉTODO DE ENSINO

Uma palestra não é limitada à apresentação de fatos, mas também de argumentos e exortações. Isso é frequentemente feito até mesmo nas salas de aula seculares, assim, é estranho como alguém possa definir uma palestra de outra forma. Muitos são preconceituosos contra algo que carregue uma conotação acadêmica, como a palavra *palestra* carrega, e assim, eles a definem de uma forma que a torne vulnerável às críticas deles. Eles protestam contra minha definição de sermão como uma palestra porque isso torna a pregação muito acadêmica em natureza. Mas essa é minha afirmação, que o sermão deve ser mais acadêmico do que comumente concebido. Não é suficiente fornecer à audiência somente as descobertas mais superficiais de nossa pesquisa bíblica.

Os pregadores devem aplicar aos seus sermões a recomendação de Mortimer Adler com respeito à palestra:

Sempre arrisque falar acima das cabeças deles!... Não prejudicará se algumas das coisas que você disser possam estar além do alcance delas. É muito melhor para eles ter o senso de que tiveram sucesso em adquirir alguma iluminação pelo esforço deles de captar (mesmo que tenham também o senso de que algumas coisas que deveriam ser entendidas escaparam deles) do que se eles se assentassem ali se sentindo insultados pela maneira condescendente na qual você lhes fala.

Os livros verdadeiramente grandes, eu tenho dito repetidamente, são os poucos livros que estão acima da cabeça de todos durante o tempo todo. Isso é o porquê eles são interminavelmente relidos como instrumentos a partir dos quais você pode continuar aprendendo mais e mais a cada nova leitura. O que você chega a entender cada vez é um passo ascendente no desenvolvimento de sua mente; assim também é sua compreensão de que resta ainda algo a ser entendido por esforço adicional da sua parte.

... O que é verdade de livros para serem lidos, é verdades de palestras para serem ouvidas. As únicas palestras que são intelectualmente proveitosas para alguém ouvir são aqueles que aumentam o conhecimento e alargam o entendimento de uma pessoa.⁵⁵

Pregar é dar uma palestra, e deve ser algo intelectualmente maduro em conteúdo. Certamente, ao orador é permitido ajustar o conteúdo ao nível de entendimento atual da audiência e outras limitações (tal como atenção), mas não ao ponto em que se torne inteiramente confortável, e assim, não promova nenhum crescimento neles para acomodar mais materiais avançados no futuro.

Embora para muitos seja anátema sugerir que a Bíblia ordena o crescimento intelectual, e duma forma definitiva o equacione com a santificação, isso é de veras o que ela ensina: “Portanto, deixemos os ensinamentos elementares a respeito de Cristo e avancemos para a maturidade” (Hebreus 6:1); “Quem se alimenta de leite ainda é criança, e não tem experiência no ensino da justiça. Mas o alimento sólido é para os adultos, os quais, pelo exercício constante, tornaram-se aptos para discernir tanto o bem quanto o mal” Hebreus 5:13-14);

⁵⁵ Mortimer J. Adler, *How to Speak, How to Listen*; New York: Touchstone, 1983; p. 61-62.

“Irmãos, deixem de pensar como crianças. Com respeito ao mal, sejam crianças; mas, quanto ao modo de pensar, sejam adultos” (1 Coríntios 14:20); “...e se revestiram do novo, o qual está sendo renovado em conhecimento, à imagem do seu Criador” (Colossenses 3:10).

Há muitas outras passagens relevantes disponíveis, mas procederemos agora a um exame e refutação de diversas objeções e teorias alternativas, e no processo refinaremos nosso entendimento da tarefa de pregação como tem sido estabelecida até aqui. Nós nos depararemos com as idéias que as pessoas têm com respeito à pregação e educação que resultarem de teorias seculares sobre educação, antes do que de modelos bíblicos.

Embora os professores ainda achem o palestrar indispensável na sala de aula, os modelos de educação contemporânea tendem a favorecer o papel da discussão e da participação ativa. Presumivelmente, isso estimula os estudantes ao pensamento original, mas o observador honesto deve admitir que o que acontece como um pensamento criativo na sala de aula é mais frequentemente tolice cultivada novamente.

Para citar o grande teólogo e educador J. Gresham Machen:

O estudante não graduado de hoje em dia está ouvindo que ele não precisa tomar notas do que ele ouve na sala de aula, que o exercício da memória é uma coisa infantil e mecânica, e que o que ele realmente tem de fazer no colégio é pensar por si mesmo e unificar o seu mundo. Ele frequentemente faz um pobre negócio unificando o seu mundo. E a razão é clara. Ele não tem sucesso em unificar o seu mundo pela simples razão de que ele não tem nenhum mundo para unificar. Ele não adquiriu um conhecimento de um número suficiente de fatos para ao menos aprender o método de colocar os fatos juntos. Está sendo lhe dito para praticar o negócio de digestão mental; mas o problema é que ele não tem alimento para digerir. O estudante moderno, contrário ao que é dito, está sendo realmente privado de desejar fatos...

Nós professores levantamos de nossas mesas de professor, é dito, e começamos a palestrar. É esperado que os estudantes indefesos não somente ouçam, mas tomem notas... Tal sistema — assim a acusação corre — reprime toda originalidade e toda vida... Uma quantidade de detalhes armazenadas na mente em si mesma não produz um pensador; mas por outro lado, o pensamento é absolutamente impossível sem essa quantidade de detalhe. E é justamente essa última operação impossível, de pensamento sem os materiais de pensamento, que está sendo advogada pela pedagogia moderna e sendo colocada em prática também pelos estudantes modernos... Na presença dessa tendência, cremos que os fatos e o trabalho duro devem novamente recuperar os seus direitos: é impossível pensar com uma mente vazia.⁵⁶

Tal ponto simples escapa de especialistas em educação. Machen publicou pela primeira vez o seu livro em 1925. Os estudantes têm se tornado mais idiotas durante décadas, mas o sistema continua a privá-los de informação prontamente disponível se eles apenas permitirem muitas horas de palestras e leituras de compêndios.

Ao acima, eu adicionarei somente que até mesmo o próprio pensamento pode ser ensinado e demonstrado através de palestras e compêndios. Por outro lado, numa sala de aula que favorece a discussão como um dispositivo pedagógico, não é, todavia, muito importante discutir se os estudantes não conhecem algo sobre o assunto em pauta. Antes do que aprender

⁵⁶ J. Gresham Machen, *What is Faith?*; Carlisle, Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, 1991 (original: 1925); p. 16-17, 19-20.

primeiro do instrutor, e então talvez refinar e até mesmo corrigir seu ensino, os estudantes ignorantes são encorajados a fingirem ser especialistas.

O mesmo problema existe na igreja hoje. Os pregadores são ensinados a se focarem na aplicação das verdades bíblicas, mas o problema é que tanto eles como as suas congregações conhecem muito pouco sobre a Bíblia para que algo seja aplicado. Machen também disse algo sobre isso:

Se o crescimento de ignorância é lamentável na educação secular, ele é dez vezes pior na esfera da religião cristã e na esfera da Bíblia. As salas de aula da Bíblia de hoje frequentemente evitam um estudo dos conteúdos reais da Bíblia, assim como eles evitariam a peste ou a doença; para muitas pessoas na Igreja, a noção de pegar os simples conteúdos históricos da Bíblia é uma idéia inteiramente nova.

Quando alguém é solicitado a pregar numa igreja, o pastor algumas vezes pede ao pregador visitante para conduzir sua sala de aula da Bíblia, e algumas vezes lhe dá uma dica de como a sala é ordinariamente conduzida. Ele diz que a torna muito prática; que dá à classe dicas de como viver durante a semana seguinte. Mas quando eu, da minha parte, conduzo tal sala de aula, eu mais enfaticamente não darei aos membros dicas de como viver durante a semana seguinte... uma sala que não recebe nada mais do que direções práticas está muito pobremente preparada para viver. E assim, quando eu conduzo uma sala de aula, eu tento dar-lhes o que eles não adquirem em outras ocasiões; eu tento ajudá-los a captar diretamente em suas mentes os conteúdos doutrinários e históricos da religião cristã.⁵⁷

Minhas longas citações de Machen são justificadas por quão peculiar as visões que ele expõe devem soar a muitos crentes. Mas eu não estou sozinho em pensar dessa forma, e certamente não sou o primeiro a identificar o problema, nem o seu remédio.

A educação cristã não deve ser uma democracia, onde todos são considerados como tendo idéias valiosas para contribuir; ela não é primariamente pragmática, onde alguém é controlado pelo “dá-me algo que eu possa usar!”, mentalmente tão comum na audiência influenciada secularmente. Mas nós estamos argüindo contra os sintomas aqui: o acusado real é o anti-intelectualismo, do qual as idéias tolas sobre pregação e educação crescem, e a solução é o intelectualismo bíblico.

Brookfield e Preskill produziram um volume chamado *Discussion as a Way of Teaching: Tools and Techniques for Democratic Classrooms*.⁵⁸ O título revela que “a discussão como um caminho de ensino” é governada por e pressupõe a democracia como um ideal, e aplica-a até mesmo à aquisição de conhecimento. Contudo, o conhecimento cristão é baseado na revelação e autoridade, não na democracia. Nem todos têm direito à sua opinião. Nós temos que crer no que Deus nos diz para crer, e muitos sofrerão a condenação eterna por crer nas coisas erradas. Além do mandamento bíblico para obedecer e ouvir os seus líderes espirituais, a maioria dos cristãos está automaticamente excluída de falar muito na igreja devido às suas crenças errôneas. Eles devem permanecer quietos, e aprender. Em conexão com isso, aquelas sessões de estudos da Bíblia que permitem expressões irrestritas das opiniões de todo mundo são muito destrutivas.

⁵⁷ Ibid., p. 20-21.

⁵⁸ Stephen D. Brookfield and Stephen Preskill, *Discussion as a Way of Teaching: Tools and Techniques for Democratic Classrooms*; San Francisco, California: Jossey-Bass Publishers, 1999.

Sem a troca de idéias na sala de aula, se não na igreja, como os estudantes têm que supostamente interagir com outras idéias além daquelas expostas pelo professor? A discussão democrática entre colegas incompetentes é a pior forma de responder a essa questão. Por que não ouvir mais de um professor palestrando sobre o mesmo assunto? Ou porque não ler livros-textos de especialistas no campo?

Robert Hutchins chama a troca de idéias efetuada através de obras intelectuais produzidas na história ocidental de “The Great Conversation” [A Grande Conversação]⁵⁹. Tal conversação é maior do que qualquer uma que possa acontecer nas salas de aula de cursos de colégios. Meu conselho é desenvolver pensadores cristãos: fale menos⁶⁰, leia a Bíblia e as grandes obras teológicas, e leia os clássicos.

⁵⁹ *The Great Conversation*; Encyclopedia Britannica, Inc., 1994 (original: 1952); p. 46-73.

⁶⁰ Veja Provérbios 10:19, 13:3, 15:2, 17:27, 21:23; Eclesiastes 5:2; Tiago 1:26, 3:2.

4. APRENDENDO FAZENDO

Outro modelo educacional favorito é “aprendendo fazendo”, ou aprender por experiência. Para aprender dessa forma, alguém deve interagir com o objeto do qual ele procura conhecimento, seja ele um esforço atlético, um experimento científico, uma situação social ou a vida em geral. Através dos desafios e *feedbacks* de tais experiências, o estudante supostamente deriva princípios apropriados para retenção, os quais ele pode aplicar a outras situações similares.

Este método de aprendizagem é impossível. Alguém que não sabe como realizar uma dada tarefa de forma alguma, não pode nem mesmo começar, a menos que alguém, através de instruções verbais, seja na forma de palestras ou livros (ou outros equivalentes informais), lhe conte os princípios elementares. Quando isso é feito, a pessoa não está mais aprendendo por experiência, mas através de comunicação intelectual. Ele está meramente aplicando o que ele aprendeu à experiência. E se ele pode ser informado sobre os fundamentos, ele talvez possa aprender também as matérias mais avançadas de uma maneira similar.

Contudo, alguns podem objetar: mesmo que alguém deva primeiro aprender o suficiente para começar, ele não aprende mais tarde a partir de sua experiência, enquanto aplicando o seu conhecimento? O problema com isso é que ninguém pode, sem ter antes conhecimento ou pressuposições relevantes, escolher dos muitos eventos e fatores singulares dentro das suas experiências e derivar objetivamente proposições verdadeiras delas. Um número infinito de proposições podem ser derivadas de cada experiência, e o que uma pessoa “aprende” de cada uma dessas depende de sua cosmovisão, já pressuposta. A mesma série de circunstâncias pode instilar paciência num, e cinismo noutro.

Arthur Holmes aponta: “..supor ser a própria experiência não-analisada um professor todo-competente pressupõe uma teoria empirista de conhecimento, que é hoje em dia altamente suspeita. A visão do século XVIII de que podemos reunir dados fragmentados e aparecer com generalizações e explicações causais simplesmente não suporta o exame detalhado. A observação empírica não é inteiramente objetiva mas seletiva, guiada por suposições teóricas e interesses pessoais. Isto se tornou evidente na obra recente sobre a história da ciência: e se a experiência não é suficiente para a ciência, como ela pode ser suficiente para a educação?”.⁶¹

Ele está correto com a qualificação de que o empirismo é “altamente suspeito” somente em certos círculos acadêmicos, e permanece popular entre a população menos informada. Geralmente leva muitos anos para que as idéias gotejem da desprezada “torre de marfim” — que é na verdade o centro de comando do mundo — para aqueles que são desinteressados em debates acadêmicos, e que falsamente se imaginam relativamente livres da influência dos eruditos obscuros. Permanece que ninguém pode jamais aprender a partir da própria experiência, mas todo observador traz sua cosmovisão inteira para a situação, e a avalia através de suas pressuposições, que por sua vez, governam o modo como ele processa toda informação encontrada.

Quando esta dificuldade é pressionada contra a educação secular, ela pode somente resultar em completo cepticismo com respeito à realidade. Por outro lado, quando o cristão é desafiado com tais assuntos, ele responde com a revelação verbal lhe dada pelo onipotente criador: Deus. Todas as proposições dedutíveis da revelação divina são corretamente

⁶¹ Arthur F. Holmes, *The Idea of a Christian College*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1999 (revised: 1987; original: 1975); p. 89.

consideradas conhecimento. Mas se é assim, o conhecimento vem da revelação e não da dedução, nem da experiência.

Holmes, numa seção chamada, “Pragmatismo na Educação Experimental”, descreve a teoria da aprendizagem por experiência da seguinte forma: “Experiência é uma imersão num processo natural, ou senso de segurança desafiado por problemas imprevistos que demandam solução... Todo aprendizado é, portanto, situacional... Aprender é aprender ajustar. Até mesmo a sala de aula simula a experiência de vida, antes do que explorar uma herança da verdade e valores”.⁶²

Para dizer algo mais sobre a torre de marfim, a maioria das pessoas se esquecem que o aprendizado por experiência é uma filosofia secular promovida por John Dewey que, como Holmes então diz, estava “em [seu] pensamento, simplesmente uma aplicação da teoria da seleção natural”⁶³ — isto é, uma doutrina evolucionista. Ela é baseada em suposições filosóficas não-cristãs.

A atitude desenfreada nas igrejas de hoje de que devemos “experimentar a Deus” antes do que falar sobre Ele, além de exibir um falso senso de piedade, é baseada num sistema filosófico hostil à fé cristã. Nós crescemos no conhecimento de Deus lendo a Escritura, ouvindo pregadores que respeitam a autoridade bíblica, ocupados com reflexões teológicas, e constantemente discutindo as coisas de Deus com cuidado e reverência.

Outro escritor tem isto para dizer: “Um *slogan* liberal popular tem sido ‘aprender fazendo’. Assim, os garotos de dez anos de idade fumam maconha, provam o sexo e cravam uma faca na costela de outro garoto. Eles aprendem fazendo. Aparentemente alguns educadores nunca suspeitaram que algumas coisas não deveriam ser feitas e nem aprendidas. Mas o pupilo não é competente para decidir tais questões”.⁶⁴ De modo oposto, “O educador cristão...está convencido que o popular *shibboleth*, aprender fazendo, é desmascarado quando vemos que o mal, aprendido de tal maneira, causa um dano irreparável”.⁶⁵

O estudo atual diz respeito principalmente com a pregação, e embora discutir as teorias da educação não seja tanto um rodeio, uma filosofia completa da educação deve ser reservada para outro cenário. Por ora, é suficiente dizer que aprender fazendo é uma teoria anti-cristã, e até mesmo esporte e carpintaria pode se ensinar de uma forma consistente com o modelo bíblico. Nós fornecemos primeiro a base teológica, e então, se houver tempo, a aplicação. O desenvolvimento adicional ocorre através de reflexões teóricas adicionais. Esse modelo invariavelmente implica que uma pessoa apropriadamente educada possuirá muito mais conhecimento do que sua vida e vocação requerem dele.

Pela razão de que o conhecimento de alguém não deve ser limitado por preocupações pragmáticas, eu julgo o “aprendendo fazendo”⁶⁶ de Jay Adams inadequado também. Ele falha em produzir um estudante superior porque como certo conhecimento pode ser aplicável nem sempre é óbvio; isso é verdade até mesmo de doutrinas bíblicas. Se formos limitar nosso aprendizado somente ao conhecimento que pode ser aplicado, nossas vidas limitadas implicariam num escopo igualmente restrito para a aquisição de conhecimento e habilidade.

⁶² Ibid., p. 88-89.

⁶³ Ibid., p. 89.

⁶⁴ Gordon H. Clark, *A Christian Philosophy of Education*; The Trinity Foundation, 2000 (original: 1946); p. 52.

⁶⁵ Ibid., p. 134.

⁶⁶ Jay E. Adams, *Back to the Blackboard: Design for a Biblical Christian School*; Woodruff, South Carolina: Timeless Texts, 1998 (original: 1982); p. 126.

Adams escreve, “O aprendizado ocorre quando uma pessoa sabe que o que ela deve estudar é essencial para realizar o que ela quer alcançar”.⁶⁷ Este será o produto — uma pessoa que conhece somente o essencial. Quantos estudantes de contabilidade estariam então interessados em cosmologia? Sem dúvida mui poucos perceberão a necessidade de ler Homer ou Milton. O conhecimento só é muito requerido para um determinado campo, e sob o esquema do aprender para fazer, uma pessoa não encontrará nenhuma justificativa para continuar seus estudos após ter alcançado o nível necessário de proficiência, e ainda menos razão para estudar materiais não relacionados com as suas necessidades.

O modelo correto que maximiza o aprendizado e a competência é perceber o conhecimento, especialmente o conhecimento teológico, como inerentemente valioso, quer a pessoa encontre ou não ocasião para aplicá-lo. Os americanos pragmatistas ficam horrorizados com a sugestão de que o conhecimento deve ser adquirido por causa dele mesmo, mas eu não tenho respeito pelo pragmatismo americano. Ele produz pensadores superficiais e trabalhadores incompetentes.

Contudo, certo conhecimento teológico demanda obediência e alterações drásticas no modo como pensamos e vivemos; se é assim, devemos obedecer, e isso é aplicação. Isso permite um busca interminável de conhecimento, especialmente com relação às coisas de Deus, assim como prepara a aplicação onde o conhecimento e as necessidades reais coincidem. Mas isso também significa que na aquisição de conhecimento, a aplicação nunca merece o foco principal.

Esse modelo de educação é pesado na teoria, e leve na aplicação; ele enfatiza mais o pensar do que o fazer — muito mais. Embora eu seja receoso de endossos empíricos, pesquisas na psicologia dos esportes sugerem que a repetição mental, com um mínimo de prática real, pode ser tão eficaz em aprimorar a performance como o treinamento físico regular. O ponto é que, com ou sem o apoio de tais estudos, essa estratégia de aprendizado se aplica até mesmo a áreas que parecem ser mais físicas do que intelectuais. Nós ensinamos para a mente, e aprendemos pela mente.

No final, essa forma de educação produz os mais brilhantes pensadores que acham suas tarefas diárias fáceis de manusear, visto que seu conhecimento e capacidade excedem em muito aos reais requerimentos. Na igreja, sejamos mais parecidos com Maria do que com Marta. A última “estava ocupada com muito serviço” (Lucas 10:40), mas Jesus disse que “Maria escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada” (v. 42), pois ela “ficou sentada aos pés do Senhor, ouvindo a sua palavra” (v. 39). Incidentalmente, essa passagem em Lucas mostra que é mais importante para as mulheres estudar teologia do que fazer os serviços diários de casa.

Ainda, muito insistem que palestras e livros-textos não são substitutos para a experiência de vida, mas isso é porque eles nunca leram um livro-texto onde o autor tenha registrado sua experiência de vida para outros lerem. Quem nos impedirá de ler sobre as experiências de centenas de pessoas ao invés de ter somente a nossa? Todavia, princípios derivados da experiência de vida, seja dos outros ou da nossa, não são confiáveis e são frequentemente claramente falsos. Na teologia, nossa experiência de vida nunca produzirá conhecimento que se aproxime do *status* da revelação divina, de forma que podemos abandonar também tal método de aprendizagem.

⁶⁷ Ibid., p. 127.

5. O USO DE ESTÓRIAS

Assumamos, após as páginas anteriores, que a legitimidade da pregação ou da palestra, como a maneira apropriada de ensinar, tem sido aceita. Ainda resta várias teorias e ênfases falsas entre aqueles que favorecem, ou pelo menos parecem favorecer, tal abordagem para com o ensino. Examinaremos duas delas; elas pertencem aos papéis do humor e das estórias na pregação.

Visto que eu pretendo gastar mais tempo discutindo os casos das estórias, descartaremos rapidamente uma ênfase sobre humor na pregação, mesmo que ela mereça um argumento mais extensivo em outro lugar. O humor pode ser conectado com a alegada necessidade de fazer os sermões interessantes, e assim, não negligenciaremos muito essa questão, visto que isso é algo que iremos contra mais tarde. Por ora, note que o humor não adiciona nenhuma informação inatingível através do discurso regular. Ele não tem justificação escriturística, e muitos podem considerar o seu uso, especialmente se aplicado em abundância, como sendo irreverente.

Algumas vezes as pessoas reivindicam achar certas partes da Bíblia como sendo humorísticas, mas isso não diz nada sobre se os autores bíblicos pretenderam entreter os seus leitores dessa forma. Apenas porque alguém acha algo divertido não significa que esse algo pretendia ser uma piada. Se os ouvintes encontram humor em algo que o ministro seriamente afirma, tudo bem — pelo menos o contexto denuncia a irreverência deles. De outra forma, que o pregador gaste tempo em seu estudo para ler um capítulo adicional de teologia sistemática antes do que confeccionar anedotas humorísticas. O uso de humor como um instrumento para aumentar a comunicação vem da teoria secular e da experiência humana, e não pode ser justificado a partir da Escritura.

Verdade, o “coração alegre é bom remédio” (Provérbios 17:22), mas quão bom é uma pessoa que pode ser alegre somente quando bombardeada com piadas? O versículo não indica como alguém se torna alegre — eu posso ficar totalmente feliz lendo o argumento ontológico de Anselmo ou a genealogia de Cristo. O que nós sabemos é que a Bíblia não é cheia de piadas. Para mim, a questão não é se devemos incluir humor em nossa pregação, mas se devemos deliberadamente nos abster dele. Sem estabelecer esse ponto final, procederemos a discutir o uso de estórias na pregação.

O uso de estórias é frequentemente recomendado na pregação por duas razões: fazer a mensagem mais acessível e sustentar a atenção e interesse da audiência. Visto que estaremos em breve tratando da alegada necessidade de fazer os sermões interessantes, aqui endereçaremos somente a primeira razão, principalmente mostrando que estórias frequentemente impedem a comunicação.

Desde o início, devemos apontar que estórias podem ser muito difíceis de entender. Isso é ilustrado por como os estudantes americanos lêem seus romances nas aulas de literatura. Muitas interpretações fantasiosas podem ser dadas, enquanto os autores podem não ter tentado nenhuma delas. Os professores dizem que isso não importa, contudo, realmente importa se um autor pretende comunicar informação definida ao leitor. A tolice da sala de aula americana tem sido levada para a igreja, de forma que os crentes tendem a derivar interpretações puramente subjetivas do texto bíblico, e se importam pouco com o significado pretendido de uma passagem.

Alice no País das Maravilhas é tão difícil de entender que ele requer as notas extensivas de *The Annotated Alice* [A Alice Anotada],⁶⁸ de Martin Gardner, para expor numerosas referências matemáticas, filosóficas, políticas e outros tipos de referências espalhadas por toda a estória. A sobrecapa diz que “foi Gardner quem primeiro decodificou muitos dos enigmas matemáticos e jogo de palavras que estão com perspicácia embutidos” nas estórias de Lewis Carroll. Mesmo então, alguém se maravilha se algumas de suas anotações não são mais especulativas do que factuais.

O estudante moderno não tem chance de entender Carroll sem muita assistência — dada no discurso claro ao invés da forma narrativa. E quantos podem perceber as referências teológicas em *As Crônicas de Nárnia* de C.S. Lewis e no *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien?⁶⁹ Até adultos nem sempre captam as lições nas fábulas de Aesop e do Dr. Suess. E precisamos mencionar Shakespeare? Estórias requerem explicações explícitas, pelos autores ou por outros indivíduos qualificados, ou se arrisca produzir uma miríade de interpretações falsas.

A Bíblia contém estórias que não contradizem o exposto acima, embora muito do que está na Bíblia deve ser apropriadamente chamado de *história*, e não de *estória*. A questão é o papel das narrativas na *pregação*. Como será demonstrado brevemente, a partir da Escritura, a pregação deveria explicar as estórias da Bíblia por meio do discurso claro e literal, ao invés de adicionar ainda mais estórias por parte do orador. Na pregação nós expomos a revelação verbal de Deus, ao invés de seguir sua forma de apresentação. Apenas porque a Bíblia contém muitos poemas, provérbios e salmos, não significa que o ministro deva pregar nessas formas literárias.

Marcos 4:33 pode parecer para alguns como inconsistente com o que tem sido dito até aqui com respeito às estórias: “Com muitas parábolas semelhantes Jesus lhes anunciava a palavra, tanto quanto podiam receber”. O versículo nos faz reconhecer que há um sentido no qual as parábolas podem ser entendidas sem explicação extensiva, mas qual é esse sentido ainda deve ser visto.

Primeiro, devemos ler tanto o versículo 33 como o 34: “Com muitas parábolas semelhantes Jesus lhes anunciava a palavra, tanto quanto podiam receber. Não lhes dizia nada sem usar alguma parábola. Quando, porém, estava a sós com os seus discípulos, explicava-lhes tudo”. Imediatamente podemos concluir que as multidões não entendiam tudo o que podia ser inferido das suas parábolas, de outra forma ele não precisaria explicá-las aos seus discípulos. Jesus fala às multidões em parábolas, e eles podiam entendê-las num certo sentido, e então ele se voltava aos seus discípulos e explicava-as em particular, de forma que o último grupo podia entendê-las num sentido ou numa extensão não aplicável às multidões.

Muitos comentaristas são tão ávidos em afirmar que Jesus desejava que as multidões entendessem o que ele dizia, que a exegese deles de Marcos 4:33 falha em levar em conta o versículo 34 e outras passagens que negam que as parábolas fossem fáceis de entender. Larry Hurtado relega Marcos 4:12 e 33 a algum tipo de “ironia profética”.⁷⁰ Matthew Henry é

⁶⁸ *The Annotated Alice: The Definitive Edition*; W. W. Norton & Company, 1999.

⁶⁹ Kurt D. Bruner and Jim Ware, *Finding God in the Lord of the Rings*; Tyndale House Publishers, 2001; Mark Eddy Smith, *Tolkien's Ordinary Virtues: Exploring the Spiritual Themes of the Lord of the Rings*; InterVarsity Press, 2002.

⁷⁰ Larry W. Hurtado, *New International Biblical Commentary: Mark*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 1983, 1989; p. 73-74.

melhor: “...ele buscou suas comparações daquelas coisas que eram familiares a eles...em condescendência à capacidade deles; embora ele não lhes levou ao *mistério* das parábolas...”⁷¹

John Gill observa que Jesus “condescendeu à fraqueza deles, se acomodou às capacidades deles... fez uso das similitudes mais claras; e tomou suas comparações das coisas na natureza, as mais conhecidas e óbvias”. Contudo, “ele falou a palavra a eles em parábolas, como se eles fossem capazes de ouvir, sem entendê-las; e de tal maneira, com o propósito de que eles não pudessem entender”.⁷² As parábolas ou estórias em si são simples o suficiente, mas as verdades teológicas representadas podem não ser claras aos ouvintes.

Mateus 13:1-23 segue o mesmo padrão — Jesus conta a parábola do semeador nos versículos 3-9, e explica seu significado aos seus discípulos nos versículos 18-23. No versículo 10, os discípulos perguntam a Jesus: “Por que falas ao povo por parábolas?”. Ao invés de dizer que as parábolas contribuem para o entendimento, Jesus responde: “A vocês foi dado o conhecimento dos mistérios do Reino dos céus, *mas a eles não...* Por essa razão eu lhes falo por parábolas: ‘Porque vendo, eles não vêem e, ouvindo, não ouvem nem entendem’. Neles se cumpre a profecia de Isaías: ‘Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão; ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão’” (v, 11,13-14).

Não importa o entendimento que as multidões podiam receber, as parábolas tinham a intenção de ocultar deles “o conhecimento dos mistérios do Reino dos céus”. Tal entendimento é dado somente àqueles a quem Cristo escolhe concedê-lo. À luz disso, Marcos 4:33 somente significa que as multidões eram capazes de entender o superficial das parábolas, e no máximo alguns princípios elementares.

Eles são capazes de entender as próprias estórias literais, mas perdem todas ou a maioria das verdades teológicas que elas pretendem comunicar. Um entendimento mais completo é dado aos discípulos em privado através de explicações claras. Por exemplo, a audiência geral pode entender que o semeador semeou as sementes no solo, mas somente umas poucas pessoas receberam a interpretação de que isso significa o ministro pregar a palavra de Deus. Todavia, alguns são capazes de entender as parábolas a um grau maior quando as insinuações são muito óbvias: “Quando os chefes dos sacerdotes e os fariseus ouviram as parábolas de Jesus, compreenderam que ele falava a respeito deles” (Mateus 21:45).

Entre as obras contemporâneas, uma declaração superior sobre Marcos 4:33 é a seguinte: “Havia um *velar* (ou revelação muito parcial) diante das multidões e uma *revelação* (mas somente entendimento parcial) aos discípulos. Esse é o padrão ilustrado no capítulo 4 e assumido por todo o evangelho de Marcos”.⁷³ Outros estudiosos observam, “...a parábola é um enigma...velando o entendimento deles como a Escritura tinha profetizado... A eles Jesus permaneceu um enigma provocativo...”⁷⁴

As parábolas são em geral difíceis de entender, mas as multidões foram capazes de derivar algumas idéias básicas delas. Por outro lado, os discípulos receberam instruções diretas, mas

⁷¹ *Matthew Henry's Commentary*, Vol. 5; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 2000; p. 384.

⁷² John Gill, *Exposition of the Old and New Testaments*, Vol. 7; Paris, Arkansas: The Baptist Standard Bearer, Inc., 1989 (original: 1809); p. 404.

⁷³ William L. Lane, *New International Commentary on the New Testament: The Gospel According to Mark*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1974; p. 173.

⁷⁴ *The Reformation Study Bible*; Nashville, Tennessee: Thomas Nelson Publishers, Inc., 1995; p. 1567.

a inaptidão espiritual deles os impediu do entendimento pleno do que Jesus disse. Somente essa interpretação explica todo o registro bíblico sobre o assunto, enquanto as outras falham em levar em conta a afirmação de Jesus de que as parábolas tinham o propósito explícito de impedir a iluminação espiritual.

Todavia, Jesus também usou discurso claro ao falar às multidões quando ele achou apropriado. Sem citar os versículos, em Lucas 4:18-21, Jesus lê o profeta Isaías, e então declara claramente que a profecia tinha sido cumprida. Nos versículos 24-27, ele cita o registro histórico com respeito a Elias e Eliseu, faz uma observação relevante com respeito ao ministério deles, e diz: “Nenhum profeta é aceito em sua terra” (v. 24). O discurso foi claro, e assim, as pessoas entenderam; como resultado, eles tentaram matá-lo (v. 28-29).

Para citar um exemplo do Antigo Testamento, Davi falhou em ver a si mesmo na história de Natã, até que o profeta disse: “Você é esse homem!” (2 Samuel 12:7). Então Natã fornece a explicação em linguagem clara: “Assim diz o SENHOR, o Deus de Israel: ‘Eu o ungi rei de Israel e o libertei das mãos de Saul. Dei-lhe a casa e as mulheres do seu senhor. Dei-lhe a nação de Israel e Judá. E, se tudo isso não fosse suficiente, eu lhe teria dado mais ainda. Por que você desprezou a palavra do SENHOR, fazendo o que ele reprova? Você matou Urias, o hitita, com a espada dos amonitas e ficou com a mulher dele” (v. 7-9).

Sem já conhecer o pleno contexto do incidente, seria impossível derivar tal interpretação somente a partir da história nos versículos 1-4. Para testar isso, leia os versículos 1-4 a alguém que seja totalmente ignorante dessa parte da Bíblia, e veja se ele chegará ao entendimento dos versículos 7-9 por si próprio. Novamente, isso mostra que as histórias são difíceis de entender sem explicações explícitas.

João 10:6 diz: “Jesus usou essa comparação, mas eles não compreenderam o que lhes estava falando”. E em João 16:29-30, seus discípulos lhe disseram: “Agora estás falando claramente, e não por figuras. Agora podemos perceber que sabes todas as coisas e nem precisas que te façam perguntas. Por isso cremos que vieste de Deus”. Jesus respondeu: “Agora vocês crêem?” (v. 31). Para facilitar o entendimento e a fé, alguém deve minimizar o uso de histórias, e explicar em linguagem clara qualquer narrativa sobre a qual ele escolhe pregar.

Explicando a morte sacrificial do Messias aos seus discípulos abatidos, em seu estado pós-resurreição (Lucas 24:17), Jesus prova a proposição “o Cristo [tinha que] sofrer estas coisas, para entrar na sua glória” (v. 26), não pelo uso de histórias e ilustrações, mas pelo processo de exegese bíblica, considerada tediosa por muitos: “...começando por Moisés e todos os profetas, explicou-lhes o que constava a respeito dele em todas as Escrituras” (v. 27).

O versículo 45 diz: “Então ele lhes abriu o entendimento, para que pudessem compreender as Escrituras”. Pode algo ser mais claro do que isso? As histórias e outros artifícios retóricos não ajudam no entendimento, mas o falar claro capacita alguém a declarar seu significado com clareza e precisão. Então somente pela graça de Deus a mente de uma pessoa será aberta para entender teologia.

Portanto, o fato de que a Bíblia contém muitas narrativas não significa que devemos adotar tal procedimento em nossa pregação; apenas significa que devemos palestrar sobre o significado dessas histórias. Os apóstolos palestraram e escreveram claramente sobre o significado e implicações das narrativas bíblicas, bem como exposições sobre novas

revelações dadas a eles através de inspiração especial; eles não usaram estórias com um meio para ensinar as verdades bíblicas.

Admitidamente, o Apocalipse foi escrito pelo apóstolo João, e está cheio de elementos figurados. Quantas pessoas o entendem? Se um ministro prega sobre o Apocalipse, ele deve dar explicações claras e literais de suas passagens, antes do que usar um apocalipse para explicar outro.

Novamente, os apóstolos disseram a Jesus que a linguagem clara é mais fácil de entender do que as estórias, parábolas e figuras de linguagem (João 16:29-30). Portanto, embora Jesus tivesse suas próprias razões para usar parábolas, se um orador quer realmente ser entendido, ele deve limitar seu uso de estórias. Certamente ele deve expor sobre as narrativas e parábolas bíblicas, e até mesmo sobre os apocalipses de Daniel e João, mas isso usando a linguagem clara para explicar as estórias e figuras de linguagem, e não usando estórias para explicar verdades divinas.

6. UM MINISTÉRIO ABRANGENTE

Todas essas páginas são apenas para desvelar os significados e implicações da primeira palavra em 2 Timóteo 4:2. O restante do versículo, entre outras coisas, nos diz algo sobre o conteúdo de nossa pregação: “Pregue a Palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina”. Nós temos descoberto o que significa pregar; agora consideraremos o que devemos pregar.

“Pregue a Palavra”, Paulo ordena. A *Palavra*, ou *logos*, tem uma tamanha significância teológica e filosófica que alguém pode escrever um livro inteiro sobre ela. Aqui estamos interessados somente no que ela pode nos dizer sobre o conteúdo das mensagens que devemos pregar. Seria mais fácil se chegássemos a esse ponto em nosso estudo como um resultado de já ter exposto tudo de 1 Timóteo, e todas as porções anteriores de 2 Timóteo. Mas visto que não temos feito, eu apontarei diversas passagens que parecem ser diretamente relevantes.

Paulo escreve no início de 2 Timóteo: “Portanto, não se envergonhe de testemunhar do Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro dele, mas suporte comigo os meus sofrimentos pelo evangelho, segundo o poder de Deus, que nos salvou e nos chamou com uma santa vocação, não em virtude das nossas obras, mas por causa da sua própria determinação e graça. Esta graça nos foi dada em Cristo Jesus desde os tempos eternos, sendo agora revelada pela manifestação de nosso Salvador, Cristo Jesus. Ele tornou inoperante a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade por meio do evangelho. Deste evangelho fui constituído pregador, apóstolo e mestre” (1:8-11).

Esses versículos contêm referências à eleição divina, à encarnação, à expiação e à vida eterna (v. 9-10). A ressurreição é também implicada no fato de ser dito que Cristo “tornou inoperante a morte” (v. 10). É essa mensagem que Paulo proclama como um “pregador, apóstolo e mestre” (v. 11). Obviamente, diversos versículos não podem sumarizar tudo o que Paulo pregava, mas em outro lugar descobrimos que ele proclamava aos seus ouvintes “toda a vontade de Deus” (Atos 20:27).

Então, nos versículos 13-14, o apóstolo instrui Timóteo a guardar a mensagem que ele tinha ouvido: “Retenha, com fé e amor em Cristo Jesus, o modelo da sã doutrina que você ouviu de mim. Quanto ao que lhe foi confiado, guarde-o por meio do Espírito Santo que habita em nós”. Por “guarda o bom depósito”⁷⁵, Timóteo não deve apenas reter e viver o ensino de Paulo, mas deve também espalhá-lo, visto que ele lhe diz: “E as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros” (2 Timóteo 2:2).

Se Paulo proclama “toda a vontade de Deus”, e Timóteo deve continuar a pregar tudo o que ele ouviu do apóstolo, isso significa que Timóteo deve pregar “todo o corpo de verdade revelada”⁷⁶ também. Além do mais, Jesus ordena seus discípulos a ensinarem seus ouvintes “a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei” (Mateus 28:20). O conteúdo da pregação é, portanto, tudo o que a Bíblia diz e implica.

⁷⁵ Nota do tradutor: Na NIV, versão do autor: “Guarda o bom depósito que lhe foi confiado, guarde-o com a ajuda do Espírito Santo que habita em nós”.

⁷⁶ Wuest, p. 154.

Não subestime a importância de estabelecer o escopo de nossa pregação. Há aqueles que, usando 2 Timóteo 4:2 ou outras passagens,⁷⁷ tentam limitar o conteúdo da pregação, pelo menos ao incrédulos, ao que eles chamam materiais “evangelísticos”. Eles podem apontar que 2 Timóteo 4:5 diz para “fazer a obra de um evangelista”. Contudo, como temos visto anteriormente, baseado no contexto de 4:2 nessa carta, a audiência consiste principalmente de crentes e de falsos mestres. Timóteo tinha sido instruído para instruir e advertir os primeiros, e refutar os últimos. Mesmo que o versículo 5 pretendesse ser um mandamento para evangelizar incrédulos, isso não controla o conteúdo de pregação que o versículo 2 pretende expressar.

Também, os anti-intelectuais que desejam limitar o escopo da pregação não podem definir o número mínimo de verdades doutrinárias requeridas que devemos pregar para realizar o que eles consideram ser evangelismo. Talvez eles concordariam que é necessário pregar sobre a expiação. Mas a expiação pressupõe a encarnação; a encarnação pressupõe a deidade de Cristo; a deidade de Cristo pressupõe a Trindade. A necessidade de uma expiação pressupõe a queda do homem; a queda do homem pressupõe a doutrina do homem como a imagem de Deus; que o homem é a imagem de Deus pressupõe a criação; criação pressupõe Deus e suas criaturas; e também o supralapsarianismo.

Estudar a Trindade resulta nas formulações doutrinárias com respeito à geração eterna do Filho, a definição de personalidade (que então carrega a doutrina do homem), e um exército de outros assuntos. A encarnação de Cristo deve ser harmonizada com a imutabilidade de Deus, e seu nascimento sem pecado com a representatividade federal de Adão, e esse último com a justiça e soberania de Deus. Afirmar todas essas doutrinas pressupõe a inspiração e infalibilidade da Escritura. Isso é apenas uma pequena demonstração de como todas as doutrinas bíblicas estão inter-relacionadas, mostrando que não é possível para alguém que restringe o escopo bíblico de sua pregação ter um ministério adequado.

“Toda a Escritura”, Paulo diz, “é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra” (2 Timóteo 3:16-17). O ministério doutrinário não deve ser somente acurado, mas também abrangente. Paulo foi capaz de dizer: “Portanto, eu lhes declaro hoje que estou inocente do sangue de todos. Pois não deixei de proclamar-lhes toda a vontade de Deus” (Atos 20:26-27). Alguém que prega somente materiais “evangelísticos” aos incrédulos e somente verdades “práticas” aos crentes não tem cumprido seu ministério, e é culpado aos olhos de Deus.

Nossa incapacidade de mortalidade pode nos impedir de ensinar às pessoas absolutamente tudo o que há para se saber, mas devemos nos esforçar para sermos abrangentes. A Escritura também prescreve a profundidade do ministério doutrinário: “Entretanto, falamos de sabedoria entre os que já têm maturidade...falamos da sabedoria de Deus, do mistério que estava oculto, o qual Deus preordenou, antes do princípio das eras, para a nossa glória...O Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as coisas mais profundas de Deus....Nós,não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito procedente de Deus, para que entendamos...” (1 Coríntios 2:6-7,10,12). Devemos tomar o apóstolo Tiago seriamente quando ele diz: “Meus irmãos, não sejam muitos de vocês mestres, pois vocês sabem que nós, os que ensinamos, seremos julgados com maior rigor”. Assumir a função, e sua honra, traz também com ela todas as responsabilidades implicadas pela posição.

⁷⁷ Uma passagem dessas pode ser 1 Coríntios 2:2, mas isso é uma interpretação errônea, como pode ser visto a partir do versículo 6, na pregação de Paulo em Atenas, e em suas cartas.

7. NOTAS E ENTREGA

Uma pergunta comum feita pelos pregadores é se alguém deve escrever a mensagem que ele irá pregar, ou se um esboço pode ser suficiente. Dado a abrangência e profundidade requerida na pregação mencionada anteriormente, escrever o sermão inteiro parece ser preferível. Mas alguns argumentam que a pregação deveria ser feita sem quaisquer notas — não que possamos fazer sem preparação, mas somente que os materiais devem ser absorvidos o suficiente de forma que a pessoa não precise de nenhuma nota para a apresentação real.⁷⁸

A preocupação dessa última visão é que usar nota impede que a entrega do sermão seja eficaz, visto que o orador pode se tornar monótono e rígido, e falhar em engajar apropriadamente sua audiência. É desnecessário dizer que esse ponto de vista é especialmente oposto a se escrever o sermão palavra por palavra. Endereçaremos uma questão relacionada mais abaixo, que torna essa e outras preocupações semelhantes sem importância, e assim, nega os argumentos que favorecem a pregação sem notas. Minha posição é que as notas não são requeridas se alguém conhece seus materiais muito bem, mas é preferível usá-las.

De qualquer modo, poucos objetariam a se seguir um esboço quando pregando uma mensagem. Um esboço preparado capacita o orador a estruturar os seus pensamentos, assegurando assim uma apresentação coerente dos materiais, e ajuda a evitar o tipo de livre associação ou fluxo de consciência no estilo da pregação, que se passa por inspiração tão comumente nos sermões contemporâneos.

O debate real é se um sermão inteiro deve ser escrito e lido para a audiência durante a entrega. Karl Barth insiste que isso deve ser feito; ele dá suas razões:

O pré-requisito básico na execução é escrever o sermão... um sermão é um discurso que preparamos palavra por palavra e escrevemos. Somente isso está de acordo com sua dignidade. Se é verdade em geral que devemos dar conta de cada palavra ociosa, devemos agir assim especialmente em nossa pregação. Porque a pregação não é uma arte que alguns podem ser mestres porque são bons oradores e outros somente trabalhando com o sermão escrito. O sermão é um evento litúrgico... eles podem entrar nesse ministério somente após completa reflexão, para o melhor do seu conhecimento, e com uma clara consciência. Cada sermão deveria estar pronto para impressão, assim como deveria estar antes da entrega...

Essa demanda é uma regra absoluta para todos. Podemos roubá-la de sua validade universal, aplicando-a somente a pregadores jovens até que eles tenham a prática necessária. Há grande perigo nesse tipo de pensamento...⁷⁹

Advogados da pregação sem notas geralmente dão somente razões pragmáticas, tais como que elas impedem a entrega, e quando falando contra escrever cada palavra, apresentam o esforço extra demandado do pregador. Contudo, alguém pode sempre encontrar um contra-exemplo pra cada objeção pragmática. Jonathan Edwards escrevia seus sermões e lia seus manuscritos durante a entrega. Relatos de testemunhas oculares indicam que ele dificilmente tirava os olhos de suas notas, e, todavia, ele foi um dos maiores reavivalistas que já existiram. Essa foi a forma na qual ele entregou seu famoso *Pecadores nas Mãos de um Deus Irado*, e

⁷⁸ Charles W. Koller, *How to Preach Without Notes*; Baker Book House, 1997.

⁷⁹ Karl Barth, *Homiletics*; Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 1991; p. 119-120.

seus ouvintes foram mais do que um pouco afetados, alguns gritavam tão alto que num certo ponto ele teve que parar e pedir-lhes que ficassem quietos, para que ele pudesse terminar de ler o seu manuscrito.

Outro exemplo podem ser os discursos via rádio de Winston Churchill. Para citar Mortimer Adler:

Ouvi-o no rádio durante os primeiros dias da Segunda Guerra Mundial; eu escutei com admiração o que parecia ser um discurso belamente organizado, eloquentemente entregue com todas as hesitações e pausas que indicam improvisação da sua parte. Houve muitos momentos quando ele parecia estar buscando a palavra certa chegar. Mas a verdade da questão era, como descobri mais tarde, que o discurso foi completamente escrito e entregue com tanta perspicácia que ele tinha todas as qualidades de um discurso improvisado.⁸⁰

Certamente, isso tem a ver com transmissões via rádio, e não com um discurso apresentado em pessoa. Mas ela ainda mostra que as objeções baseadas na entrega, embora eu argumentarei que elas não são importantes, podem ser sobrepujadas.

Argumentos pragmáticos são quase sem valor. Alguém deve dar o tipo de razões teológicas que Barth oferece acima. Enfatizar a entrega é pragmático, e assim, falha em convencer, mas as preocupações teológicas nos compelem a preferir a profundidade e a precisão em nossos sermões. Escrever os sermões em sua inteireza ajuda a alcançar essas qualidades.

Tendo feito desta uma questão teológica ao invés de pragmática, alguns podem argumentar que os apóstolos nunca escreveram os seus sermões; antes, eles foram inspirados pelo Espírito Santo. Esse argumento é irrelevante visto que ninguém possui inspiração do mesmo tipo hoje. O Espírito Santo pode nos “inspirar” no sentido de fazer nossas mentes eficazes e capazes, mas o tipo de inspiração que os apóstolos e profetas tinham era única a eles. Certamente ninguém pode adicionar nada à Escritura, pois o cânon do Novo Testamento já foi completado.

Muitas pessoas não entendem 1 Coríntios 2:13, e tentam em vão aplicá-lo diretamente a si mesmos: “Delas também falamos, não com palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas com palavras ensinadas pelo Espírito, interpretando verdades espirituais para os que são espirituais”.⁸¹ Isso se refere à inspiração dada à companhia apostólica de forma que, quando um apóstolo fala como um apóstolo, ele fala as próprias palavras de Deus. Ele não usa as palavras que ele formou para descrever um pensamento que Deus colocou em sua mente, mas as próprias palavras são lhes dada pelo Espírito Santo. Alguém que reivindica inspiração desse tipo hoje é um herege, em cujo caso o problema se torna diferente daquele que estamos discutindo aqui; de qualquer forma, “devemos preparar sermões com oração e trabalho”.⁸²

Contudo, é enganoso dizer que os apóstolos e os cristãos primitivos nunca escreveram os sermões dele. Alguns crêem que 1 Pedro pode ter sido um sermão batismal escrito pelo apóstolo cujo nome ele carrega,⁸³ e Ronald Nash argumenta que “a Epístola aos Hebreus é

⁸⁰ Adler, p. 69.

⁸¹ Sem colocar a disputa ao redor desse versículo, permanece a questão de que os apóstolos foram inspirados de uma maneira única. Veja João 14:26, 16:13; 1 Coríntios 14:37; 1 Tessalonicenses 4:2, 8; 2 Pedro 3:2; 1 João 4:6.

⁸² Barth, p. 120.

⁸³ Mas veja Wayne Grudem, *Tyndale New Testament Commentaries: 1 Peter*; Grand Rapids, Michigan; William B. Eerdmans Publishing Company, 2000 (original: 1988); p. 40-41.

realmente um tipo de sermão escrito”,⁸⁴ de autoria de Apolo. Mesmo que nada disso seja verdade, Paulo diz que suas cartas devem ser lidas às igrejas: “Depois que esta carta for lida entre vocês, façam que também seja lida na igreja dos laodicenses, e que vocês igualmente leiam a carta de Laodicéia” (Colossenses 4:16); “Diante do Senhor, encarrego vocês de lerem esta carta a todos os irmãos.” (1 Tessalonicenses 5:27). E se os apóstolos nunca escreveram seus sermões, os pais da igreja primitiva escreveram o suficiente para encher volumes.

Há boas razões, portanto, para escrever nossos sermões em sua inteireza, e ler a partir dos manuscritos durante a entrega. Mas se essa prática se torna um dever moral para o pregador, como Barth mantém, não investigaremos.

⁸⁴ Ronald H. Nash, *The Meaning of History*; Nashville, Tennessee: Broadman and Holman Publishers, 1998; p. 47.

8. LITERATURA CRISTÃ

Isso me permite uma transição natural para discutir o lugar das publicações escritas no ministério doutrinário. Lembre-se do que Barth afirma: “Cada sermão deveria estar pronto para impressão, assim como deveria estar antes da entrega”.⁸⁵ Note também que: “Nos encontros de sociedades cultas ou de associações acadêmicas... O orador sabe de antemão que é esperado submeter seu discurso, como entregue, para subsequente publicação nos procedimentos da conferência”.⁸⁶

Visto que sermões e palestras que são plenamente escritos já estão preparados para publicação, devemos considerar o lugar da leitura no ministério doutrinário e no desenvolvimento espiritual do crente. É verdade que um sermão escrito pode ser diferente em diversos aspectos daquele que é pretendido ser um artigo sem a intenção para entrega orar, mas para os nossos propósitos as diferenças são insignificantes.

Os dois não devem ser totalmente diferentes em primeiro lugar — eu não encontro nenhum problema em entregar o presente artigo como um sermão (ou dividi-lo numa série de sermões), ou pregar lendo um capítulo de um dos meus livros. Lembre-se, eu tenho estabelecido que um sermão é uma palestra; o que eu escrevi como um sermão não tem que ser totalmente diferente de um artigo ou parte de um livro. Portanto, nessa seção não iremos nos referir somente aos sermões escritos, mas a toda literatura cristã em geral.

Pode ser uma coisa perigosa ser de alguma forma proficiente em estudos da palavra sem conhecer o suficiente sobre a revelação bíblica como um sistema. O significado da palavra é finalmente determinado pelo seu uso e fundo teológico, não meramente por sua definição no dicionário. Falhando em observar esse princípio, William Barclay escreve: “O próprio fato de que a palavra *logos* é usada para a mensagem cristã é muito significativa. Ela significa uma *mensagem falada*, e, portanto, significa que a mensagem cristã não é algo que é aprendida de livros, mas algo que é transmitido de pessoa para pessoa”.⁸⁷

Se isso é verdade, seu comentário inteiro de 17 volumes sobre o Novo Testamento não contém a mensagem cristã, nem podem os seus diversos outros livros nos iluminar sobre a natureza do Cristianismo. Muito mais perplexo é o fato de que temos lido a Bíblia durante todo esse tempo. A partir do que ele diz, ela certamente não pode ser a mensagem cristã.

Contudo, no mesmo parágrafo ele diz: “A mensagem cristã vem muito mais frequentemente através do viver a personalidade do que através de uma página impressa ou escrita”.⁸⁸

Contudo, se “a mensagem cristã não é algo que é aprendido de livros”, então isso deve significar que ela *sempre* vem a partir da palavra falada. Para ele então dizer que ela somente “muito mais frequentemente” vem dessa forma significa que ela *algumas vezes* vem a partir da página escrita, e assim, contradiz sua declaração anterior. Mas “algumas vezes” ainda não é bom o suficiente — tudo o que sabemos sobre a mensagem cristã vem a partir dos escritos dos apóstolos e profetas.

Sinclair Ferguson traz nossa atenção para o exemplo de Lutero:

⁸⁵ Barth, p. 119.

⁸⁶ Adler, p. 73.

⁸⁷ William Barclay, *New Testament Words*; Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 1964, 1974; p. 179.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 179.

No começo do seu ministério, Martinho Lutero, o reformador, tinha pouco tempo para a literatura cristã. Como outros desde então, ele tendia a considerar a literatura cristã como antagonista ao espírito do evangelho. O evangelho, ele dizia, é sobre a palavra pregada e a que devemos pregar. Todavia, o mesmo Martinho Lutero (incrível como possa parecer) foi responsável por um terço de todos os livros publicados no idioma alemão na primeira metade do século 16! Em toda estante de livros na Alemanha, um a cada três livros tinha provavelmente Lutero como autor!

Por que isso? Lutero viu que escrevendo ele poderia espalhar a mensagem do evangelho e a alegria da Reforma; lendo, o povo cristão poderia crescer em graça e a igreja de Jesus Cristo seria edificada e fortalecida.

Pense sobre as biografias que você já leu. Não é verdade que a maioria dos cristãos grandemente usados foram homens e mulheres que estavam sempre usando, num sentido ou noutro, material impresso? Assim, no propósito de Deus, usar literatura cristã tem sido um sinal de vitalidade no povo de Deus...Há muitas razões para isso. Uma é que a fé cristã é uma fé da mente...⁸⁹

Eu fico feliz por Ferguson mencionar a natureza da fé. Romanos 10:17 diz: “Conseqüentemente, a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo”. A partir desse versículo, eu tenho ouvido o argumento feito de que a fé vem por se ouvir, não por se ler, e, portanto, somente a pregação estimula a fé. Os menos extremos pensam que ouvir é pelo menos melhor para produzir fé do que ler. Mas o versículo não nega que a fé possa vir da leitura, nem diz que ouvir é melhor.

Lançar dúvida sobre a eficácia de se ler baseando-se nesse versículo é contradizer o ensino bíblico. O apóstolo João diz: “Jesus realizou na presença dos seus discípulos muitos outros sinais miraculosos, que não estão registrados neste livro. Mas estes foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e, crendo, tenham vida em seu nome” (João 20:30-31).

Observe: “...estes foram *escritos* para que vocês *creiam*...”. A fé vem do ler assim como do ouvir. Essa passagem por si só é conclusiva contra a idéia de que “a mensagem cristã não é algo que é aprendida de livros”. Além da Bíblia, nenhuma literatura escrita carrega a autoridade divina, mas isso é também verdadeiro com respeito à pregação. À extensão em que nossa mensagem escrita é fiel à Escritura, ela é um meio eficaz através do qual Deus pode gerar fé nas mentes dos leitores. A regeneração vem somente da ação direta de Deus dentro da pessoa, mas a mensagem cristã em si *pode* ser aprendida de livros.

Ferguson percebe que “a fé cristã é uma fé da mente”. A questão crucial, portanto, não é se a mensagem é falada ou escrita, embora as palavras escritas sejam superiores quando elas vêm com precisão e permanência. O que importa é se a informação intelectual adequada tem sido transmitida com sucesso. Isso sendo assim, a mensagem cristã produz fé mesmo quando comunicada através de linguagem de sinais, como pode ser feito quando ministrando aos surdos.

Se fosse apontar que a longevidade das idéias escritas tende a ser maior do que aquelas meramente falas, alguns iriam invariavelmente objetar que Jesus nunca escreveu um livro.

⁸⁹ Sinclair B. Ferguson, *Read Any Good Books?*; Carlisle, Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, 1992; p. 2-3.

Esse ponto tem sido repetido continuamente, usualmente no contexto de tentar mostrar quão influente Jesus tem sido a despeito dele não ter escrito nada. Mas é embaraçoso como tal argumento pode ser feito por pessoas que têm lido os quatro evangelhos e as cartas de Paulo, onde a vida, as palavras e as idéias de Cristo foram registradas na forma escrita. É insignificante se o próprio Cristo escreveu algo — a questão é: qual seria o *status* do Cristianismo hoje, se o Novo Testamento nunca tivesse sido escrito?

Objecções contra escrever e ler literatura cristã pode parecer ser o resultado de um preconceito contra itens e atividades que carregam conotações acadêmicas. O Cristianismo, de acordo com eles, é supostamente para ser cheio de vida, dinâmico, criativo e pessoal. E para eles, livros não são nenhuma dessas coisas. Que devemos então enfatizar a pregação, uma forma de comunicação verbal e, assim, uma atividade intelectual, já lhes causa dor suficiente. Uma vez que rejeitamos tal absurdo anti-intelectual, a oposição contra os materiais escritos será deixada de lado sem justificação.

9. REFUTE! REPREENDA! RELEMBRE!

Consideraremos o restante de 2 Timóteo 4:2: “Pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina”. Além de ordenar Timóteo a pregar a palavra de Deus, Paulo também o dirige sobre quando ele deve pregar, e que formas sua pregação tomará. O apóstolo lança o princípio de que a pregação é universal em diversas formas: ela deve propagar o escopo todo da revelação bíblica, ela é sempre apropriada como uma forma de expressão ministerial, e ela funciona para endereçar todos os tipos de necessidade — para “corrigir, repreender e encorajar” (NIV).

Que toda a Escritura deve ser proclamada através da pregação já tem sido estabelecido, mas Paulo continua e diz que esse ministério deve ser realizado em todo o tempo: “esteja preparado a tempo e fora de tempo”. As palavras “esteja preparado” significa “estar pronto”, “ser persistente”, ou “esteja a postos”. Lenski prefere “esteja à mão”, pelo qual ele pretende dizer “esteja pronto imediatamente!”.⁹⁰ Timóteo deveria estar ali pregando, não importa qual condição houvesse.

Quanto ao significado de “a tempo e fora de tempo”, uma tradução melhor é a da NRSV, que traz “quer o tempo seja favorável ou desfavorável”. Pode parecer razoável assumir que tipos diferentes de ministério são próprios para ocasiões diferentes. Há um tempo para oração, um tempo para música, um tempo para comunhão, um tempo para aconselhamento e um tempo para pregação. Contudo, Paulo diz que a pregação é apropriada para todos os tempos. Não faz diferença se a ocasião é um funeral ou um casamento, se estamos na igreja ou na mesa de jantar, se a audiência é amigável ou hostil, se ela consiste de adultos ou de crianças — a pregação deve ser feita em todas as ocasiões, ela tem prioridade sobre todos os outros ministérios. Até quando alguém pensar que certa situação é “desfavorável” para com a pregação, esse é o tempo para pregar. E quando o tempo de tornar “favorável”, Paulo diz, pregue novamente.

A pregação pode tomar diversas formas. Como mencionado anteriormente, embora uma palestra possa informar, ela também “corrige, repreende e encoraja”. Por “corrige”, o “desaprove”⁹¹ de Lattimore é aceitável, dado o “demandar explicação, mostrar a alguém a sua falta...”⁹² de Thayer. Deveríamos “sobrepular em argumento” e “refutar conclusivamente”⁹³ os falsos mestres. A palavra é usada para “a exposição e reprimenda dos falsos mestres do Cristianismo”⁹⁴ em Tito 1:9: “E apegue-se firmemente à mensagem fiel, da maneira como foi ensinada, para que seja capaz de encorajar outros pela sã doutrina e de *refutar* os que se opõem a ela”. Mounce tem “confrontar”.⁹⁵ Se como Wuest diz, a palavra “fala de um repreensão que resulta na confissão da pessoa de sua culpa, ou se não sua confissão, sua convicção de pecado”,⁹⁶ então “convencer”⁹⁷ de

⁹⁰ R. C. H. Lenski, *Commentary on the New Testament: The Interpretation of St. Paul's Epistles to the Colossians, to the Thessalonians, to Timothy, to Titus, and to Philemon*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 2001 (original: 1937); p. 852.

⁹¹ Richmond Lattimore, *The New Testament*; New York: North Point Press, 1996; p. 462.

⁹² Thayer, p. 203.

⁹³ Merriam-Webster's Collegiate Dictionary, Tenth Edition; “confute”.

⁹⁴ Thayer, p. 203.

⁹⁵ William D. Mounce, *Word Biblical Commentary, Vol. 46: Pastoral Epistles*; Nashville, Tennessee: Thomas Nelson Publishers, Inc., 2000; p. 574.

⁹⁶ Wuest, p. 155.

⁹⁷ Lenski, p. 853.

Lenski transmite o significado com sucesso. O ministro deve *desaprovar* (ou refutar por argumento) o herege, e possivelmente trazê-lo a uma *convicção* sobre os seus erros.

”Repreenda” na NIV é acurado, mas alguém precisa perceber que a palavra refere-se a uma reprimenda dura, não uma advertência gentil. Ela é usada em conexão com exorcismo no ministério de Jesus: “Quando Jesus viu que uma multidão estava se ajuntando, *repreendeu* o espírito imundo, dizendo: “Espírito mudo e surdo, eu ordeno que o deixe e nunca mais entre nele” (Marcos 9:25).

Um falso conceito de amor bíblico tem feito muitos considerar diversas reprimendas como comportamento anti-cristão, mas a Escritura indica outra coisa: “Melhor é a repreensão feita abertamente do que o amor oculto” (Provérbios 27:5); “Os que pecarem deverão ser repreendidos em público, para que os demais também temam” (1 Timóteo 5:20); “Tal testemunho é verdadeiro. Portanto, repreenda-os severamente, para que sejam sadios na fé” (Tito 1:13); “É isso que você deve ensinar, exortando-os e repreendendo-os com toda a autoridade. Ninguém o despreze” (Tito 2:15).

O amor bíblico requer que uma pessoa repreenda a outra duramente sob certas circunstâncias. Aqui em particular, Paulo diz para Timóteo repreender outros por sustentarem falsas doutrinas. Isto é, para reprová-los duramente, com uma ameaça de “penalidade iminente”.⁹⁸ Thayer define a palavra como “taxar com falta...desaprovar, repreender, reprová-lo, censurar severamente”.⁹⁹ Tanto “repreender” como “reprovar” são boas traduções, enquanto os leitores ingleses entenderem a força da palavra, e a severidade da reprimenda intencionada.

Gordon Fee prefere “urgir”¹⁰⁰ antes do que “encorajar”. A palavra pode ser mais gentil do que as duas primeiras, mas Lenski pensa que, talvez dado o contexto, “o significado dificilmente pode ser... confortar”, e, ao invés disso, prefere “admoestar”.¹⁰¹ “Exortar” recebe múltiplos endossos. Uma ternura para a aliteração pode justificar a tradução: “Refute! Repreenda! Relembre!” — embora *relembre* possa não ser preciso o suficiente, a menos que entendido como “admoestar”; de qualquer forma, “refute, reprove, exorte”¹⁰² é mais do que aceitável.

Há cinco imperativos aoristos no versículo, e assim, Mounce os traduz da seguinte forma: “Pregue a palavra! Esteja preparado quando for oportuno ou importuno! Confronte! Repreenda! Exorte! — com toda paciência e ensino”.¹⁰³ O segundo parece qualificar o primeiro, como assumido quando as palavras foram discutidas acima. O ministro deve pregar; o conteúdo de sua pregação é toda a palavra de Deus. Em sua pregação, ele deve refutar aqueles que crêem em falsas doutrinas, refutá-los de forma que eles possam ser sãos na fé, e exortá-los ou urgi-los a crer e obedecer a verdadeira fé. Isso pode ser uma tarefa muito cansativa, e, portanto, requer “grande paciência” (2 Timóteo 4:2).

A base sobre a qual alguém executa tudo do exposto acima é a “doutrina” (v. 2, KJV). Nós refutamos com argumentos o herege, de forma que ele possa ver o erro de sua falsa

⁹⁸ Wuest, p. 155.

⁹⁹ Thayer, p. 245.

¹⁰⁰ Fee, p. 285

¹⁰¹ Lenski, p. 853

¹⁰² Lattimore, p. 462.

¹⁰³ Mounce, p. 553

doutrina; nós o repreendemos de forma que ele possa ser advertido das conseqüências de aderir a tal *doutrina*; nós então o exortamos a crer e viver de acordo com a verdadeira *doutrina*. “A doutrina é o fundamento e a fonte de toda vida religiosa, a falsa doutrina de uma vida religiosa falsa, a doutrina verdadeira da religião genuína e da vida verdadeiramente cristã. Toda Escritura, que é cheia de fatos religiosos, é doutrina...Estar sem esta doutrina é ser deixado nas trevas...é ser levado de um lado para o outro por todo vento de falso ensino, como um navio desprotegido que está à mercê das ondas...uma condição lastimável”.¹⁰⁴ Mounce pensa que a ênfase aqui está sobre o ato de ensinar antes do que sobre o que é ensinado; contudo, ele admite que “é o evangelho, a palavra, que é ensinado”.¹⁰⁵ Um ministro excelente possui tremendos *insights* doutrinários, ele é capaz de conduzir o povo de Deus com “conhecimento e entendimento” (Jeremias 3:15), e ensina a verdade a eles com grande paciência e perseverança.

¹⁰⁴ Lenski, p. 853-854.

¹⁰⁵ Mounce, p. 574.

10. DEUS DÁ O CRESCIMENTO

Nós temos sumarizado o ministério da pregação como ensinado no versículo 2, e agora chegamos a uma objeção que pode ter sido levantada na mente do leitor há muito tempo atrás: Como pode tal abordagem intelectualista, autoritária, não-prática, sem humor, e sem imaginação ganhar o interesse da audiência? A apresentação não será tediosa, se não repulsiva? E o sermão semelhante a uma palestra, já escrito num manuscrito e lido pelo ministro, não se tornará monótono, senão insuportável?

A questão é colocada nos termos pejorativos que provavelmente refletem a atitude do objetor, mas temos que tratar com os assuntos relacionados a intelecto, autoridade, pragmatismo, humor e narrativas na pregação, bem como com as vantagens de escrever o sermão. A objeção agora sendo considerada é uma pragmática, a saber, alguém que acha difícil aceitar que tal atitude para com a pregação atrairá alguém, ou produzirá efeito positivo. Podemos repetir nossa afirmação anterior que as preocupações pragmáticas não podem formar nenhuma objeção de forma alguma, mas há mais respostas detalhadas.

Para começar, podemos citar o final do versículo do nosso texto para esse estudo: “Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; ao contrário, sentindo coceira nos ouvidos, juntarão mestres para si mesmos, segundo os seus próprios desejos” (2 Timóteo 4:3). Timóteo é ordenado a pregar da maneira descrita no versículo 2 precisamente porque “virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina”. Ele deve refutar, repreender e exortá-los, antes do que se acomodar a eles. A solução bíblica é confrontação, não acomodação.

Adicionalmente, Paulo escreve que essas pessoas “não suportarão a sã doutrina”, pelo contrário, “juntarão mestres para si mesmos, segundo os seus próprios desejos”. Para a pregação de alguém ser naturalmente de interesse para tais indivíduos, tal pessoa deve ser um desses professores que “dizem o que os ouvidos deles com coceira querem ouvir”. O pregador que tem o atrair os seus ouvintes como a sua prioridade, deve então mudar a sua doutrina, não apenas a sua apresentação.

Charles Swindoll fala por muitos quando diz: “A teologia precisa ser interessante”,¹⁰⁶ mas ele está errado. Pelo contrário, *os verdadeiros cristãos estão interessados* em teologia — o conhecimento de Deus é inerentemente desejável aos regenerados, e os separa daqueles que não são. Os pregadores são obrigados a apresentar todo o escopo da revelação bíblica com clareza e exatidão, mas ser atencioso é responsabilidade do ouvinte. Alguém que já não está interessado em teologia deve examinar a si mesmo, para ver se ele está de fato na fé. O versículo 3 diz que muitos não ouvirão; a crise não é que muitos pregadores serão tediosos.

Assumindo que a doutrina do pregador é pura, a Bíblia repreende os ouvintes por não produzirem fruto espiritual, mas com a soberania de Deus como o fator determinante. Jesus explica a parábola do semeador da seguinte forma:

¹⁰⁶ Charles R. Swindoll, *Growing Deep in the Christian Life*; Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1986, 1995; p. 10.

Quando alguém ouve a mensagem do Reino e não a entende, o Maligno vem e lhe arranca o que foi semeado em seu coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho. Quanto ao que foi semeado em terreno pedregoso, este é aquele que ouve a palavra e logo a recebe com alegria. Todavia, visto que não tem raiz em si mesmo, permanece pouco tempo. Quando surge alguma tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo a abandona. Quanto ao que foi semeado entre os espinhos, este é aquele que ouve a palavra, mas a preocupação desta vida e o engano das riquezas a sufocam, tornando-a infrutífera. E, finalmente, o que foi semeado em boa terra: este é aquele que ouve a palavra e a entende, e dá uma colheita de cem, sessenta e trinta por um. (Mateus 13:19-23)

“Quem tem ouvidos, ouça” (v. 8), Jesus diz. Quando Deus enviou o profeta Ezequiel para falar a Israel, ele ordenou: “Filho do homem, vá agora à nação de Israel e diga-lhe as minhas palavras” (Ezequiel 3:4, também 12:2). Contudo, ele também diz: “Mas a nação de Israel não vai querer ouvi-lo porque não quer me ouvir, pois toda a nação de Israel está endurecida e obstinada” (v. 7). Israel estava indisposto para ouvir Ezequiel porque suas mentes estavam “endurecidas e obstinadas” contra Deus, não porque Ezequiel era um orador ineficaz.

Assim, Deus disse ao profeta: “Você lhes falará as minhas palavras, quer ouçam quer deixem de ouvir, pois são rebeldes. Mas você, filho do homem, ouça o que lhe digo. Não seja rebelde como aquela nação; abra a boca e coma o que vou lhe dar” (2:7-8). 2 Timóteo 4:2 prescreve para nós o ministério da pregação segundo a tradição dos apóstolos, e recusar falar de uma maneira quando temos sido comissionados para falar dessa forma, é rebelião contra Deus.

Não somente os ouvintes são culpados por rejeitar a mensagem, mas uma recepção positiva da mensagem é correspondentemente creditada à audiência: “Também agradecemos a Deus sem cessar o fato de que, ao receberem de nossa parte a palavra de Deus, vocês a aceitaram, não como palavra de homens, mas conforme ela verdadeiramente é, como palavra de Deus, que atua com eficácia em vocês, os que crêem” (1 Tessalonicenses 2:13).

Para a explanação ser completa, mencionaremos que tudo isso é verdade no nível humano, mas no final das contas é Deus quem opera numa pessoa para desejar e agir: “...pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele” (Filipenses 2:13). Outras passagens relevantes incluem 1 Coríntios 3:6-7 e Romanos 9:18: “Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fez crescer; de modo que nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas unicamente Deus, que efetua o crescimento”; “Portanto, Deus tem misericórdia de quem ele quer, e endurece a quem ele quer”.

Contra a objeção que o tipo de pregação proposta nessas páginas é impossível para a maioria dos ouvintes compreender, a Escritura novamente coloca o dever de captar a mensagem sobre os ouvintes, e enfatiza que Deus é aquele que dá entendimento: “Reflita no que estou dizendo, pois o Senhor lhe dará entendimento em tudo” (2 Timóteo 2:7). Antes do que acomodar aos ouvintes de formas não garantidas por preceitos bíblicos, o pregador deve urgir a congregação a ser mais estudiosa. Contudo,

é Deus somente quem dá entendimento. Na pregação eu informo, argumento, repreendo, e exorto com a sã doutrina, mas depende da graça soberana de Deus, que usa as palavras por meio das quais converte e edifica os ouvintes. Portanto, o “livre-arbítrio” dos humanistas é negado.

O pragmatismo é impraticável, o humor distrai, e a narrativa é ambígua — dê-me uma palestra teológica ao invés disso. Pregue a palavra para mim; refute as falsas doutrinas que desejam me seduzir; repreenda-me nas áreas onde eu posso estar enganado; exorte-me a renovar meu comprometimento de crer e obedecer a Escritura. Passar por todos os tipos de ginásticas retóricas para ocultar a falta de substância do sermão somente gera desdém pelo pregador na minha mente. Se ele estiver fora de si, eu preferiria ouvir um capítulo de um livro-texto de seminário ou de um comentário bíblico, no lugar do que ele pensa ser um sermão apropriado.

Tudo depende da condição dos ouvintes e da obra de Deus dentro deles. Muitas pessoas consideram a Bíblia desinteressante, mas os verdadeiros cristãos não ousam tentar modificar sua mensagem ou apresentação por causa disso, nem eles sentem a necessidade de assim o fazer. Eles percebem que a falta está nos ouvintes, não na Bíblia. Da mesma forma, é responsabilidade dos ouvintes apreciar o tipo de pregação advogada aqui. Do ministro não é requerido fazer o sermão apelativo ao povo. Em resposta à objeção de que ele pode, todavia, tentar fazer algo para capturar a atenção deles, o modo apropriado de fazer um sermão mais interessante é aumentar o seu conteúdo doutrinário, não adicionar piadas e estórias.

Há muito que ser dito ainda, mas tenho delineado muitas das idéias principais. Ao invés de ajustar a apresentação deles à cultura contemporânea, os ministros são autorizados a ordenar os cristãos a serem interessados em ouvir sermões doutrinários. Aquele que odeia entendimento pode continuar odiando-o, mas a necessidade mais urgente na igreja hoje é uma maior compreensão e apreciação intelectual de teologia, que conseqüentemente fornecerá o único fundamento a partir do qual podemos proceder para resolver as outras questões importantes. O caminho para efetuar tal aprimoramento é através de palestras teológicas, uma forma de ensino que até mesmo o sermão regular deveria assumir.

3. ENSINAI AS NAÇÕES

Então, Jesus aproximou-se deles e disse: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”.

Mateus 28:18-20

A Igreja é a reunião do povo de Deus. Essas pessoas se reúnem por causa da eleição e providência soberana de Deus, e elas se reúnem ao redor de um credo e uma causa comum. Elas não deveriam ser um grupo de pessoas que estão apenas sendo levadas pela vida, esperando a morte, pois isso descreve a existência deplorável dos não-cristãos, da qual nosso Pai nos libertou por sua graça através de Cristo.

Esse credo e causa comum não devem ser reduzidos a quase nada, simplesmente para que eles possam continuar sendo comuns entre o povo de Deus. Mas Cristo é aquele que define nosso credo e nossa causa. É ao redor do *seu* credo e da *sua* causa que os verdadeiros cristãos estão unidos. Aqueles que rejeitam o seu credo e a sua causa denunciam a falsa profissão deles.

O credo e a causa de Cristo não são mínimos, mas sim significativos, substanciais e detalhados. E para que a Igreja permaneça uma comunidade fiel e eficaz do povo de Deus, é imperativo que ela tenha uma firme compreensão do seu credo e de sua causa, sua doutrina e o seu propósito.

Uma igreja pode ser fiel, distintiva e conservadora em seu propósito e identidade neste mundo somente conhecendo a doutrina que ela deve promover. E somente conhecendo a missão que ela deve cumprir é que a Igreja pode permanecer eficaz, focando seus recursos e designando suas atividades e alcances com essa finalidade apropriada em vista. Além do mais, quando o credo e a causa da Igreja são especificamente esclarecidos, torna-se mais fácil para indivíduos dentro da Igreja se alinharem com a sua doutrina e propósito, e isso conseqüentemente os tornam mais fiéis e eficazes como crentes individuais.

Portanto, no que se segue, dirigirei nossa atenção para a passagem no Evangelho de Mateus que é comumente chamada de a Grande Comissão. A partir dessa passagem consideraremos o credo e a causa da Igreja como eles foram primeiramente declarados aos apóstolos pelo Cabeça da Igreja.

Embora os primeiros recipientes dessa comissão tenham sido os apóstolos, nunca foi pretendido que ela começasse e terminasse com eles. Antes, os apóstolos lançaram o fundamento necessário, e no curso de seus ministérios, eles ensinaram outros e os ordenou a continuar a missão, e assim, eles, por sua vez, ensinariam outros, que também ensinariam a geração após eles.

Dividiremos nossa discussão em três partes, e nessas três partes, consideraremos a responsabilidade, a mensagem e o poder do mandamento do nosso Senhor de ensinar a todas as nações tudo o que ele tinha ordenado.

1. A GRANDE COMISSÃO

No momento em que Jesus declarou aos seus apóstolos a Grande Comissão, no final do Evangelho de Mateus, ele estava perto de ser tomado ao céu e de se assentar à destra do Pai. No pano de fundo dessa comissão estão todas as coisas que aconteceram antes desse evento. Entre outras coisas, essas incluem a sua encarnação, tentação, proclamação, crucificação e ressurreição.

Seria instrutivo examinar todos esses itens antes de considerarmos a Grande Comissão, e de fato eles fornecem o pano de fundo necessário para entendermos completamente nossa passagem. Contudo, fazê-lo exigiria caminhar por todo o Evangelho desde o seu princípio, e isso seria uma tarefa muito maior do que a que podemos presentemente fornecer. Assim, a despeito das deficiências, teremos que limitar nosso estudo a esses poucos versículos.

Jesus começa dizendo: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra”. Uma exposição exaustiva da passagem deveria incluir uma explicação de como ele obteve essa autoridade. Mas como mencionado, não podemos gastar tempo para considerar tudo o que veio antes, e assim, devemos começar a partir daqui, e simplesmente observar que ele tinha essa autoridade, e então proceder sobre essa base. Todavia, podemos mencionar que essa autoridade pertence à sua natureza humana, e como nosso Mediador e o Cabeça da Igreja. Em sua natureza divina, ele sempre possuiu autoridade absoluta sobre todas as coisas.

Voltaremos a essa questão de autoridade mais tarde e a aplicaremos à Grande Comissão, a medida que precisarmos desse ponto para tratar de uma questão particular.

Ele continua: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações”. Previamente, os apóstolos tinham sido instruídos a permanecerem em Israel quando Jesus lhes enviou para pregar, e o próprio Jesus declarou diversas vezes que ele foi enviado ao povo de Israel. Contudo, o evangelho nunca foi rigidamente e totalmente retido dos gentios. De fato, Jesus até mesmo elogiou a grande fé de diversos gentios que reconheceram sua autoridade e poder especial.

Mas agora ele explicitamente encarrega seus discípulos de pregarem a todas as nações. As pessoas falam de graça universal e de salvação universal, mas esse é o único tipo de universalismo que a Bíblia conhece – não a salvação de todas as pessoas, e nem mesmo a possibilidade de salvação de todas as pessoas, mas a salvação de todos tipos de pessoas, pessoas de todas as nações e contextos

Deus escolheu todos tipos de pessoas para salvação. Por sua graça, nenhum grupo é mal demais para ser excluído de ouvir o evangelho. Pedro foi admoestado com as palavras: “Não chame impuro ao que Deus purificou” (Atos 10:15). Mas por outro lado, nenhum grupo é bom o suficiente para poder escapar da ira de Deus e ganhar acesso a ele sem o evangelho. Assim, a Igreja deve proclamar o evangelho a todas as nações, chamado os eleitos à fé em Cristo.

Quando os cristãos pensam sobre suas responsabilidades para com a Grande Comissão como indivíduos, por um lado eles se tornam insatisfeitos com uma mentalidade espectadora, mas por outro lado, é da mesma forma importante que eles rejeitem um individualismo extremado, como se um cristão não estivesse cumprindo seus deveres, a menos que ele esteja fazendo cada pequena coisa que a Igreja como um todo é suposta fazer.

Você sabe o que quero dizer por mentalidade espectadora. Pastores frequentemente advertem seu povo sobre isso. É a atitude de que a obra do evangelho é quase exclusivamente desempenhada pelos ministros profissionais, enquanto o resto dos crentes apenas se senta e assiste. Os melhores espectadores cristãos poderiam ser muito generosos com o seu dinheiro, de forma que embora eles não estejam fazendo nada, pelo menos os ministros deles podem continuar a obra. Mas isso não é suficiente. Cristo chama todos a ativamente e zelosamente trabalhar por seu reino. Além de serem generosos com o seu dinheiro, os crentes devem ser generosos com o seu tempo, sua força, e seus outros recursos também, e dedicar essas coisas para a obra do evangelho sob a direção dos líderes de sua igreja.

A mentalidade de espectador é muito comum, mas pelo menos há pessoas que pregam contra ela, e que urgem os crentes a se tornarem mais ativos em ajudar suas igrejas, bem como a se tornarem testemunhas mais agressivas de Cristo em suas vidas diárias, não importando em qual situação eles se encontrem. Por outro lado, o problema do individualismo extremo é menos óbvio, e é até mesmo encorajado e elogiado por alguns pregadores bem intencionados, os quais, todavia, falham em perceber que a Grande Comissão deve ser realizada pela Igreja como um todo, e não por indivíduos como considerados independentemente um dos outros.

Assim, algumas vezes você ouvirá um pregador dizer: “Você deve testemunhar para pelo menos uma pessoa todo dia”, ou “se alguém te conhece há uma semana e ainda não sabe que você é um cristão, então há algo de errado com você”. Ambas as declarações, e muitas outras semelhantes a essas, podem ser verdadeiras em algumas circunstâncias e para algumas pessoas, mas é destrutivo e irresponsável para os pregadores fazerem essas generalizações.

Algumas vezes eles falam como se cada crente fosse uma igreja inteira em si mesmo, de forma que, como um indivíduo, ele deve realizar todas as tarefas que uma igreja é suposta realizar. Agora, se alguém é excelente como um administrador de igrejas, mas é terrível na pregação do evangelho, certamente ele deveria tentar melhorar no evangelismo pessoal, e certamente ele deveria pregar o evangelho a quem quer que Deus traga até ele em sua providência. Mas não há nada de errado para ele o gastar mais do seu tempo na administração da igreja, de forma que outras pessoas, e a igreja como um todo, possa se tornar mais eficazes no evangelismo. Seria uma grande injustiça para alguém ignorar sua contribuição menos direta, mas todavia substancial, para o sucesso da igreja, e reprová-lo por fazer muito pouco evangelismo pessoal.

Se alguém parece estar fazendo muito pouco do que você considera importante, antes de repreendê-lo sobre isso, tente pensar se ele está contribuindo para outras áreas do ministério da igreja. Talvez o evangelismo pessoal seja a única área na qual ele parece ser inferior às outras pessoas, e suas contribuições em outras áreas colocam você e o restante da igreja à vergonha. E talvez seja precisamente por causa disso que ele não

tem sido capaz de gastar tanto tempo no evangelismo pessoal, enquanto fazendo possível para você e os outros o pregar eficazmente o evangelho.

Uma congregação consiste de vários indivíduos – cada um tem seu próprio dom, e cada um tem o seu próprio lugar. Ao invés de perguntar se alguém está fazendo *essa* coisa de maneira suficiente, deveríamos perguntar se ele estava fazendo uma parte, *sua* parte, na igreja. Podemos aplicar isso também às igrejas individuais. Cada congregação local não é esperada cumprir tudo da Grande Comissão por si mesma, de outra forma, cada igreja teria que enviar missionários para cada nação no mundo. Imaginem a confusão que resultaria e os recursos que seriam gastos se isso fosse de fato o que cada igreja tentasse fazer, isto é, quando cada igreja tentasse ser a Igreja toda.

Resumindo, enquanto seria errado pensar que você não precisa obedecer a Grande Comissão, e deixá-la com outras pessoas, seria também errado pensar que você é o único que a está obedecendo, de forma que você tentaria fazer tudo dela por si mesmo. Não aja como se outros indivíduos não existissem, ou como se outras igrejas não existissem. E antes de condenar alguém por fazer pouco, preste bem atenção para ver se ela não está de fato fazendo muito mais do que você, e talvez sendo aquela que torna o seu ministério possível e sustentável.

Agora, Jesus diz: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. *Portanto, vão e façam discípulos* de todas as nações, batizando-os..., ensinando-os...”. Como o Cabeça da Igreja, ele tem definido nosso propósito e nossa agenda. Qual é? O que é a Grande Comissão? É “fazer discípulos” – que é a resposta mais simples e mais inclusiva para a pergunta. Deixamos de fora muitas palavras dos versículos 19 e 20 que daremos mais detalhes, mas olharemos para elas mais tarde. Neste momento, nos focaremos naquelas palavras que deixei em itálico, e traçaremos algumas das suas implicações.

A Igreja deve fazer discípulos ativamente. O que isso envolve é explicado pelas palavras que seguem: “batizando-os..., ensinando-os...”. Mas a própria palavra “discípulo” nos diz muita coisa. Um discípulo é um aprendiz. Ele é certamente um estudante no sentido de “sala de aula”, visto que ele estuda os ensinamentos do seu professor através de instruções verbais e reflexões intelectuais. Contudo, seu relacionamento com o professor é mais envolvido do que o de um estudante de sala de aula típico, visto que ele também se submete às ordens do seu professor e segue a sua conduta. Em outras palavras, um discípulo é um estudante *total* – ele luta para aprender e adotar a filosofia, o estilo de vida, o propósito e a paixão do seu professor.

Porque os cristãos são os contatos humanos através dos quais o mundo aprende sobre Cristo, nesse sentido muito limitado e relativo as pessoas que trazemos à fé são nossos discípulos. Mas seria errado parar aqui, e permitir que os conversos não fossem além disso. Pelo contrário, devemos deixar claro que nós mesmos somos discípulos de Cristo, e que há realmente somente um Mestre (Mateus 23:8). Todavia, nem todos os cristãos estão no mesmo nível de maturidade, e Cristo de fato designou relacionamentos de professor-estudante entre os membros do seu Corpo. Assim, Paulo urge para que seus leitores o sigam, isto é, assim como ele segue a *Cristo* (1 Coríntios 11:1; veja também 4:15-16, Filipenses 3:17, 1 Tessalonicenses 1:6).

Devemos evitar seguir e reverenciar líderes cristãos particulares de uma forma que equivalha à idolatria. Por outro lado, há aqueles que se rebelam contra toda autoridade humana e reivindicam que seguem a Cristo somente. Mas isso é ser rebelde, e não espiritual. A razão real do desafio deles frequentemente não é um apego profundo a Cristo, mas uma resistência contra Cristo, e isso os leva a se afastar dos líderes humanos que se esforçam para lhes declarar e reforçar os mandamentos de Cristo. Em todo caso, a Bíblia diz: “Obedeçam aos seus líderes e submetam-se à autoridade deles” (Hebreus 13:17).

Observe que devemos fazer discípulos e não meros conversos. De fato, a Bíblia não faz uma distinção entre conversos, crentes e discípulos, como se alguém pudesse se tornar apenas um crente e parar aqui, sem se tornar um aprendiz de Cristo. Antes, todo converso verdadeiro tem também se tornado e permanecerá sendo um discípulo. Mas se em nosso uso fazemos uma distinção entre conversão e discipulado, então devemos dizer que a Grande Comissão é para fazer discípulos, e não fazer conversos.

Agora, se os discípulos são aprendizes, o que devemos lhes ensinar? Ou, para colocar de outra forma, qual mensagem devemos declarar a “todas as nações”? Qual é o “evangelho” que devemos pregar às pessoas? Nós abordaremos essas questões mais tarde, mas antes de podermos até mesmo discutir a *mensagem* da Grande Comissão, já há uma objeção sobre o *fato* da Grande Comissão.

Os não-cristãos se ofendem não somente com a mensagem de evangelismo, mas com o próprio ato de evangelismo. Eles pensam que não há nada fundamentalmente errado com eles, e assim, eles consideram a missão cristã de “converter” as pessoas como um tremendo insulto. Várias objeções específicas contra o evangelismo são vociferadas sobre a base desse antagonismo geral contra a própria idéia de conversão, ou a necessidade de conversão.

Por exemplo, é dito que a ênfase missionária da Igreja equivale a um desdém para com as crenças e costumes de vários grupos de pessoas. Ao invés de serem portadores de boas novas, os cristãos são, portanto, invasores de culturas e destruidores de tradições, urgindo para que seus ouvintes abandonem a fé e as práticas que eles têm tentado preservar por centenas de anos. Protestando contra o evangelismo cristão, esses incrédulos sugerem que ao invés de lhes dizerem para mudar e converter, deveríamos celebrar a diversidade e respeitar suas crenças e estilos de vida.

E assim, eles desafiam a Igreja: “O que? Você pensam que são superiores a todas essas pessoas? Que direito vocês têm de impor suas crenças sobre eles? Como vocês ousam subverter as próprias crenças e práticas que têm distinguido e identificado eles como um povo por centenas de anos? Por que todo mundo deve se comportar como vocês, ou crer no que vocês crêem? Quem são vocês para lhes dizer que eles estão errados e que vocês estão certos, que somente vocês têm a verdade?”.

Como é a prática usual dos cristãos, muitos crentes têm respondido à objeção através de apaziguamento e concessão. Isto é, sempre que os não-cristãos desafiam as crenças e as práticas da Igreja, os crentes tipicamente respondem tentando mostrar que os não-cristãos exageraram a lacuna entre a Igreja e o mundo, e que eles exageraram a ameaça que o Cristianismo coloca às suas crenças, costumes e preferências.

Mas na verdade, a situação é *muito pior* do que os não-cristãos percebem, e tristemente, do que muitos cristãos estão dispostos a admitir. A lacuna é a distância entre o céu e o inferno, mas os não-cristãos podem nem mesmo crer no inferno. A diferença é entre a luz e as trevas, mas muitos não-cristãos crêem somente no cinza. Assim, os não-cristãos de fato geralmente subestimam a lacuna entre a Igreja e o mundo, e a ameaça que o Cristianismo coloca contra as coisas que eles amam.

Certamente nós somos superiores – se fôssemos iguais ou até mesmo inferiores, porque então estaríamos tentando convertê-los? Certamente sabemos mais; de outra forma, porque estaríamos pregando para eles? Mas a chave é que não somos superiores ou melhores *em nós mesmos* . E assim, lhes dizemos: “Sim, nós de fato somos superiores, e de fato sabemos mais do que vocês, mas não em nós mesmos, pois antes de nos tornarmos cristãos, éramos justamente como vocês, sem Deus e sem esperança neste mundo. Mas Deus, que é maior do que todos, iluminou nossas mentes e nos concedeu entendimento. Ele nos mudou e nos fez diferentes – melhores – do que antes. E ele tem nos dado um mandato para declarar a mesma mensagem para vocês, e para advertir-vos sobre o julgamento vindouro”.

Se isso não é a verdade, então deveríamos deixá-los sozinhos. Se isso não é muito superior ao que eles conhecem, então não há nenhuma razão em seu buscar a conversão deles. Buscar a conversão deles significa que pensamos que há algo de errado com eles. Por que não admitir isso? “Sim, há algo de errado com vocês, e esse é o porquê vocês devem se converter”.

A resposta apropriada não é fazer concessão, ou enfraquecer nossa posição, mas devemos retornar ao fundamento da Grande Comissão, que é a autoridade de Jesus Cristo. O desafio do incrédulo contra a Grande Comissão é, no final das contas, um desafio contra aquele que expediu a comissão. Mas Jesus declara que ele possui “toda autoridade nos céus e na terra”, e é sobre *essa* base que ele dá o mandamento de discipularmos todas as nações.

Porque ele tem toda autoridade “nos céus”, o céu inteiro está fechado para qualquer pessoa que recuse entrar através dele. Como ele declara em outro lugar: “Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim” (João 14:6). E porque ele tem toda autoridade “sobre a terra”, a terra toda está aberta para o cristão através de Cristo. Portanto, nossa resposta à objeção contra o evangelho é o próprio evangelho. A medida que saímos para todas as nações para obedecer a Grande Comissão, não estamos transgredindo, pois estamos agindo sob a autoridade de Cristo, que governa sobre toda a terra. Na verdade, o mundo é nosso através de Cristo – ele não pertence aos incrédulos. Cristo nos autoriza a entrar em todo território e engajar qualquer pessoa a medida que obedecemos a Grande Comissão. Os incrédulos não têm o direito de reclamar.

Quanto à acusação de que o evangelismo exala arrogância intelectual e cultural, nossa resposta deve ser que o intelecto e a cultura cristã são de fato superiores, quer sejamos humildes ou arrogantes sobre ela ou não. Além do mais, não somos arrogantes o suficiente para desafiar a Jesus Cristo, que nos deu a Grande Comissão. E certamente não somos estúpidos o suficiente para lhe dizer: “Somos muito humildes para lhe obedecer!”.

Tendo declarado o acima exposto, e sem se arrepender de nada do que tenhamos dito, somos ordenados a pregar o evangelho, e não a transmitir ideais do Ocidente ou os valores da América. O que é ocidental não é necessariamente cristão, e o que é americano não é sempre bíblico. É verdade que muitos cristãos têm misturado a distinção, e têm pregado as suas próprias tradições não-bíblicas – étnicas, culturais ou nacionais – juntamente com o evangelho. Fomos comissionados a ensinar às nações um sistema cristão de pensamento e um modo de vida cristão.

Assim, estamos indo além do que Cristo nos autorizou se entramos numa nação para tirar seus palitos e lhes darmos garfos no lugar. Isso pode parecer trivial, mas não somos autorizados a fazer essas mudanças, isto é, a menos que seus costumes contradigam ensinamentos cristãos. Num nível mais importante, não somos chamados a pregar nossas teorias não-bíblicas de política, ciência, educação, e assim por diante. Mas é verdade que uma filosofia bíblica deveria afetar e controlar cada área do pensamento e conduta humano – temos apenas que nos assegurar que é realmente uma filosofia *bíblica* que estamos ensinando, e não simplesmente o modo americano.

Eu estive preocupado em mostrar que os cristãos têm sido comissionados e autorizados a entrar e engajar cada nação e cada pessoa com os ensinamentos de Cristo. E visto que Cristo nos ordenou a fazermos discípulos e não meros conversos, não devemos apenas entrar e engajar, mas devemos também permanecer e ensinar. Que Deus possa infundir e reforçar em nós um senso de missão, de dever, e de obrigação prazerosa, para entrar em cada canto do mundo e declarar o evangelho com autoridade. Isso acontece a medida que abraçamos esse grande mandato de Cristo, e verdadeiramente entendemos que ele nos enviou para declarar sua salvação e domínio por sua autoridade e ao seu comando.

2. A MENSAGEM CRISTÃ

Jesus nos ordena a “fazer discípulos de todas as nações”, e temos visto que discípulos são aprendizes. Assim, o que eles supostamente devem aprender? Quando nos aproximamos de potenciais conversos, o que supostamente devemos lhes dizer? Agora que já definimos o mandato cristão, devemos definir também a mensagem cristã.

Contudo, antes de considerarmos *o que* devemos ensinar às pessoas, devemos considerar primeiro o fato *que* devemos ensiná-los. Essa característica da Grande Comissão carrega tremendas implicações que definem nossa inteira aproximação dos não-cristãos. A Igreja hoje tem frequentemente falhado em confrontar o mundo com poder parcialmente porque ela tem adotado uma filosofia de discurso dos incrédulos, a qual é contrária ao método ditado por Cristo na Grande Comissão.

Uma forma de indicar um erro comum que tenho em mente é observando o que Cristo *não* diz – isto é, ele não diz: “Aprendam a partir de todas as nações” ou “Dialoguem com todas as nações”. Algumas pessoas pensam que é menos abrasivo dar a impressão de que estamos promovendo respeito e entendimento mútuo ao invés de impor nossas crenças sobre as pessoas. Tal atitude gera menos desconforto e hostilidade nos outros, e talvez alguns deles no final verão as coisas do nosso modo.

Mas se dermos a impressão de que estamos dispostos a ouvir ou até mesmo aprender a partir dos não-cristãos, assim como demandamos que eles nos ouçam e aprendam de nós, então estaremos implicando também que é possível para nós mudarmos nossas crenças ao ouvir as visões não-cristãs. Assim como demandamos que eles abandonem seja qual for a visão não-cristã que agora sustentem para se submeterem aos ensinamentos de Cristo, tal atitude dá a impressão de que também estamos dispostos, ou até mesmo com o mesmo nível de disposição que demandamos deles, a abandonar o Cristianismo e adotar crenças não-cristãs.

Se dermos a impressão de que em cada encontro com não-cristãos estamos buscando o entendimento mútuo, e que em cada encontro é possível para nós abandonarmos o Cristianismo, então ou nossa fé é falsa ou somos mentirosos. Isto é, se você está *sinceramente preparado* a abandonar as crenças cristãs toda a vez que você fala ou debate com um não-cristão, então você *já* é um não-cristão. A fé verdadeira crê que o Cristianismo é a verdade, e não somente que ele é a melhor opção dentro do que você já encontrou até aqui em sua vida. Considere o provérbio chinês: “Cavalgue sobre uma vaca para procurar um cavalo” – você permanece com o que você tem enquanto procura algo melhor. Isso é o contrário da fé bíblica, que afirma que já temos encontrado e abraçado a verdade última em Cristo, e que não há *nenhuma chance* de estarmos errados sobre ela. Por outro lado, se não há de fato nenhuma possibilidade de você considerar as visões não-cristãs como verdadeiras, ou de abandonar o Cristianismo, então seria desonesto dar a impressão do oposto.

Portanto, quando abordo um incrédulo, não irei mentir para ele e deixar que ele pense que estou pessoalmente interessado em suas idéias, ou que somos duas pessoas a busca de descobrir a verdade que está “fora dali” em algum lugar. Eu *sei* que já descobri a verdade, que Cristo revelou a verdade para mim, e me concedeu fé para

crer nela e ser transformado por ela. Assim, estou interessado nas idéias do incrédulo somente para o propósito de refutá-las, e adaptar minha apresentação para antecipar objeções e mal entendimentos.

Jesus me enviou para *ensinar* ao incrédulo a verdade, para lhe *dizer* o que eu sei, e não para insinuar ou negociar com ele a verdade. Muito menos estou ali para procurar a verdade juntamente com ele. Estou numa missão, não numa busca pela verdade – eu já encontrei a verdade, e estou ali para lhe contar. Isso não implica que devo ser duro e hostil. Dependendo da pessoa e da situação, poderei ser gentil, ou poderei ser rigoroso, mas eu não farei nada menos do que lhe dizer o que crer e como se comportar se acordo com os ensinamentos de Cristo.

Certamente isso é ofensivo aos incrédulos, e sem dúvida também para muitos que se consideram crentes, mas isso é a Grande Comissão. Ou você pensa que devemos supor que os incrédulos apoiarão a Grande Comissão, dando-lhe a aprovação deles e nos aplaudindo? Não, aqueles que estão caminhando para a destruição são escandalizados pelo evangelho. Somente aqueles cujos corações Deus tem preparado receberão e abraçarão, não somente a mensagem de evangelismo, mas o próprio ato de evangelismo também.

Um problema é que muitos crentes são muito concentrados em si mesmos em seu pensamento – eles vão porque *eles* querem ir, porque *eles* querem compartilhar algo útil com outros. Eles não agem sobre a base de uma autoridade espiritual externa e objetiva. Para ilustrar, se como um embaixador você visita uma nação estrangeira com a possibilidade de deserção já em mente, então a partir de sua perspectiva você não está executando uma missão de forma alguma, mas você está ali para ajuntar informação e avaliar as vantagens para você mesmo. Embora você pense que está numa melhor situação permanecendo do seu lado, você está disposto a abrigar outras opções. Por outro lado, eu vou aos incrédulos porque Jesus me enviou, e estou ali para entregar uma mensagem, para *dizer* às pessoas o que o meu Rei requer delas. Não há possibilidade de concessão ou deserção, e eu seria um arauto miserável se permitisse uma impressão contrária.

Assim, na Grande Comissão devemos ensinar, não aprender a partir dos incrédulos ou através de um diálogo com eles. Mas então, Jesus não diz que é os Estados Unidos que ensinariam todas as nações, mas é a Igreja que deve ensinar. Ela deve entregar uma mensagem, para dizer as coisas com os ensinamentos de Cristo. É uma filosofia de ensinar todas as nações, incluindo os Estados Unidos. Portanto, devemos discipular os Estados Unidos também. Essa nação é um vasto e duro campo missionário. Ele é vasto porque muitas pessoas não são cristãs, e é duro porque a maioria delas pensam que são. A Grande Comissão é relevante em qualquer lugar, até mesmo nos Estados Unidos, e até mesmo na Igreja.

Agora devemos considerar a mensagem em si. Subordinados à ordem “fazei discípulos” e explanatórios da mesma estão os mandamentos de batizar e ensinar. Nos focaremos sobre o aspecto de ensino, de forma que não tomaremos tempo discutindo o significado do batismo na Grande Comissão. Isso não significa que achamos que o batismo não seja importante para a Grande Comissão. Um estudo completo dessa passagem deveria explicar seu papel e sua função no fazer discípulos, mas esse não é um estudo completo.

Todavia, podemos dizer isso: o batismo com água não pode salvar ninguém, e ele acontece somente uma vez para uma pessoa, enquanto que é o ensino do evangelho que leva à conversão e à maturidade, e que deve ser uma busca constante e por toda a vida. Pensar sobre seu o papel e implementação na Grande Comissão tomará o restante do nosso tempo. Novamente, isso pode destacar a importância do ensino, mas não diminui o significado do batismo com água.

Nossa passagem especifica pelo menos duas coisas que devem caracterizar nossa atitude a medida que discipulamos as nações:

Primeiro, nossa mensagem deve ser *cristã*. Nós fazemos discípulos “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. Observe que o Pai, o Filho, e o Espírito, cada um deles, recebe um artigo definido, indicando uma clara distinção entre os três, mas a palavra “nome” permanece no singular, indicando a unidade e igualdade essencial deles. A construção gramatical é tal que se o Pai é Deus, então o Filho e o Espírito também devem ser Deus, e que se o Pai e o Filho são pessoas, então o Espírito também deve ser uma pessoa.

Assim, a construção gramatical fortemente sugere uma Divindade Triuna, se é que não a prova totalmente. Certamente, a doutrina da Trindade não reside no que podemos derivar desse versículo somente, mas ela é o ensino consistente de toda a Bíblia. Neste momento, o ponto é que a religião cristã é uma na qual o Pai, o Filho e o Espírito são distintivamente três, mas essencialmente um, e na qual o Filho é Deus e o Espírito é uma pessoa. Isso torna a nossa religião muito específica e exclusiva, e entre outras coisas, é esta doutrina da Trindade que a torna cristã.

E se os discípulos devem ser batizados em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, como podemos fazer discípulos sem afirmar e ensinar a Trindade? Devemos reconhecê-la como um dos elementos controladores numa teologia distintivamente cristã. Além do mais, se os discípulos devem ser batizados nesse nome, parece absolutamente impossível reconhecer aqueles que negam a Trindade como discípulos cristãos. Dizer que é crucial para a mensagem cristã ser trinitariana é dizer também que ela é crucial, antes de tudo, para a mensagem cristã ser verdadeiramente cristã.

Somente esse primeiro requerimento exclui eficazmente o Mormonismo, os Testemunhas de Jeová e todos os grupos similares que reivindicam ser cristãos, mas que negam a Trindade, de serem verdadeiramente cristãos. Mas esse é apenas um requerimento, e não é o único, de forma que até mesmo o fato de um grupo parecer ser trinitariano não faz dele necessariamente um grupo cristão. Por exemplo, o Catolicismo Romano afirma a Trindade, mas em cada outro assunto essencial ele contradiz o Cristianismo, quer estejamos falando sobre hermatologia (pecado), soteriologia (eleição, justificação, santificação), eclesiologia (governo de igreja, autoridade bíblica, os sacramentos), ou escatologia (purgatório, céu, inferno). O Catolicismo é uma oposição *extrema* do Cristianismo – os dois nunca devem ser identificados ou unidos.

Em segundo lugar, nossa mensagem deve ser *abrangente*. Jesus diz que devemos discipular as nações ensinando-as “a obedecer tudo” o que ele ordenou. Isto é, novamente, o porquê dizemos que um discípulo é um estudante *total*, visto que não é

suficiente para nós ensinarmos as pessoas a memorizarem os ensinamentos da Escritura, mas devemos também nos assegurar de que elas estão obedecendo todos eles.

Não podemos limitar o “tudo” em “tudo o que eu lhes ordenei” como se referindo somente às porções em vermelho dos Evangelhos,¹⁰⁷ visto que o todo dos Evangelhos reflete os ensinamentos de Cristo, e não somente as citações diretas. Não podemos limitar “tudo” nem mesmo aos próprios Evangelhos, visto que Jesus reconheceu a autoridade do Antigo Testamento e ensinou a partir dele. Então, ele disse aos discípulos que ele tinha “ainda muito que lhes dizer” (João 16:12), mas que eles não poderiam ainda suportar, e que ele lhes enviaria mais tarde o Espírito Santo para lhes transmitir esses ensinamentos adicionais (João 16:13-15).

Paulo explicou que ele falava “com palavras ensinadas pelo Espírito” (1 Coríntios 2:13), e que o que ele escreveu era “mandamento do Senhor” (1 Coríntios 14:37). Ele disse que ele proclamava “toda a vontade de Deus” (Atos 20:27) e não reteve nada. Uma passagem importante de Colossenses explica seu pensamento. Ali ele escreve: “Nós o proclamamos, advertindo e ensinando a cada um com toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo. Para isso eu me esforço, lutando conforme a sua força, que atua poderosamente em mim” (1:28-29).

O apóstolo não estava interessado em pregar o “indispensável”, nem tinha como objetivo produzir pessoas que eram apenas cristãs. Ele estava interessado em apresentar todos “perfeitos em Cristo”, e foi para *esse* fim que ele labutou. De fato, de acordo com a Grande Comissão, o indispensável que devemos ensinar a todas as nações é *tudo* – toda a revelação bíblica, e tudo o que é Cristianismo.

Uma das coisas mais importantes para a Igreja perceber nessa hora é que a Grande Comissão certamente *não* é “evangelismo”, isto é, no sentido limitado que frequentemente usamos a palavra, mas ela é “fazer discípulos”, batizá-los no nome do Deus Triuno e ensiná-los *tudo* o que Deus revelou na Bíblia. “Evangelismo” é apenas um dos primeiros passos no caminho de cumprir a Grande Comissão. Assim, a igreja cujo objetivo primário é o “evangelismo” é também uma igreja que despreza a Grande Comissão de Cristo na sua cara. Fazer do “evangelismo” o foco principal é recusar obedecer à melhor parte da Grande Comissão.

Embora ele não tenha sido tão duro, Lloyd-Jones é muito claro sobre esse ponto em um dos seus sermões sobre Romanos:

‘O evangelho de seu Filho’ não é só evangelização – e eu penso que vocês concordarão que é preciso dar ênfase a isso na presente hora. Creio que atualmente há o real perigo de que todas as energias da Igreja estejam sendo aplicadas à evangelização. Será que alguém vai me entender mal, ou vai pensar que eu estou dizendo que não deveria haver nenhuma evangelização? Estou dizendo exatamente o oposto. Tudo o que eu estou dizendo é que a atividade da Igreja não deve ser *unicamente* evangelística. Penso que nos dias atuais há o real perigo de que a ênfase à evangelização se torne uma ênfase

¹⁰⁷ Nota do tradutor: O autor está fazendo referência às Bíblias que trazem todas as palavras ditas diretamente por Jesus grafadas em vermelho.

exclusiva, com a Igreja evangelizando sempre, e ficando nisso. Esse caminho leva à ruína. Não! O evangelho do Filho de Deus começa com a mensagem evangelística, mas não pára aí. Vai adiante, e ensina – na verdade, o ensino é parte integrante da evangelização. De fato, deixe-me fazer esta colocação – todas as profundas doutrinas da Epístola aos Romanos podem vir sob o título, o “evangelho de seu Filho”. Tudo são as boas novas, do começo ao fim, e nada deve ser deixado fora. (*Romanos, Capítulo 1: O Evangelho de Deus*; Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1985; 273-274.)

Hoje, o mundo não está familiarizado com os ensinamentos cristãos. Não podemos assumir que nossos ouvintes possuem algum conhecimento bíblico, e ainda menos podemos assumir que eles já concordam conosco em certos pontos e que precisamos apenas abordar as diferenças. Isso é devido ao fato que os incrédulos realmente não têm nenhum conhecimento bíblico, mas frequentemente muitos preconceitos, suposições e mal entendimentos. Isso se aplica até mesmo àqueles que vivem numa nação com uma herança cristã como os Estados Unidos. Se aplica até mesmo à Igreja, visto que nos dias de hoje você não pode assumir nem mesmo o monoteísmo com muitos daqueles que reivindicam ser cristãos.

Portanto, não é suficiente pregar “As Quatro Leis Espirituais” ou alguma outra mensagem que seja incompleta ou desconectada com o sistema inteiro da revelação bíblica. Certamente Deus pode converter uma pessoa com muito menos, mas neste momento não estão considerando o que Deus pode fazer, mas o que somos ordenados a fazer.

Assim, em geral, a melhor forma de você abordar um incrédulo é primeiro fornecer um sumário de toda a cosmovisão bíblica, adaptando o tamanho e a profundidade da apresentação de acordo com a quantidade de tempo disponível. Então, como a Providência arranjar as oportunidades adicionais, você deve extensivamente expor os pontos que você mencionou no sumário.

Note que isso realmente faz do “evangelismo” o primeiro passo para um programa de discipulado completo. Agora, se uma pessoa recusa crer, ela provavelmente terminará a discussão em algum ponto. Mas se Deus a escolheu para salvação e abriu o seu coração, então, em algum ponto em seu programa de ensino, essa pessoa será convertida. Embora algumas coisas possam precisar mudar na maneira como você conta para ela, não haverá nenhuma mudança drástica em seu programa, visto que você já estará na trilha do discipulado. Importa pouco se a conversão acontece em sua primeira discussão, ou se ela acontece meses depois, após muitas discussões – o ponto principal do método permanece o mesmo.

Que tópicos devemos tratar em nossa pregação? Com os judeus que reivindicam crer no Antigo Testamento, você pode incluir uma apresentação da teologia bíblica, ou um aspecto da “história da redenção” em sua mensagem. Se fizermos isso, isso tomará o resto do nosso tempo, de forma que apenas te remeterei a Atos 7 para o exemplo de Estevão. Contudo, a maioria das pessoas que você enfrentará, incluindo aqueles que reivindicam ser cristãos, serão totalmente não familiarizados ou até mesmo hostis à

cosmovisão bíblica. Portanto, você precisará de um esboço lógico que cubra os tópicos principais. Um bom exemplo disso é encontrado em Atos 17:22-31.

Como eu já produzi anteriormente uma exposição detalhada de Atos 17 em meu livro *Presuppositional Confrontations*, no qual defendi minha interpretação da passagem, não repetirei o que escrevi, mas assumirei aqui o que já estabeleci ali. Em adição, visto que nosso objetivo é derivar um esboço simples para a nossa apresentação da mensagem cristã, ignoraremos alguns dos detalhes na passagem, tais como as citações dos poetas pagãos, dos quais também tratei em minha exposição da passagem.

Paulo começou dizendo que ele diria aos seus ouvintes o que eles não sabiam. Assim, ele declarou a mensagem a partir de uma posição de autoridade e conhecimento, como um arauto oficial de Deus, e não como apenas um outro investigador confuso em busca da verdade. Ele *encontrou* a verdade em Jesus, mas seus ouvintes não. Ele conhecia a verdade, mas seus ouvintes não, e ele estava ali para ensiná-los.

Mas como Paulo tinha conhecido? Como ele aprendeu a verdade? Pela graça soberana de Deus, que abriu seus olhos espirituais; ele a aprendeu a partir da Escritura e a partir da revelação de Jesus Cristo. Agora nós temos a mesma Escritura que ele tinha, e temos também o que ele aprendeu de Cristo e deixou escrito para nós. Portanto, temos a mesma mensagem, o mesmo conhecimento, e a mesma plenitude de revelação.

Quando falamos com os incrédulos, falamos a partir da Escritura, e assim uma posição de autoridade profética e apostólica, e uma posição de conhecimento. Os não-cristãos estão numa posição de impiedade e ignorância. Isso é ofensivo aos incrédulos, mas não deveria ser assim para os cristãos. E se isto te ofende, a Grande Comissão não fará sentido para você, e irá contra as sensibilidades de sua mente não-regenerada, e você não será capaz de obedecê-la corretamente

Então, sobre esse fundamento, observamos que a mensagem de Paulo toca coerentemente numa ampla extensão de tópicos: teologia (idolatria, Deus, criação, providência), antropologia (criação, herança comum, mandato cultural), hermatologia (ignorância, arrependimento, julgamento), cristologia (eleição, ressurreição), soteriologia (chamado, arrependimento), escatologia (justiça, julgamento, ressurreição). Em outras palavras, Paulo fala sobre Deus, homem, pecado, Cristo, salvação, e a consumação (que inclui a ressurreição e julgamento).

Isso lembra um esboço padrão de teologia sistemática, não somente no que diz respeito aos tópicos abordados, mas também a ordem na qual eles são tratados. Contrário a uma objeção contra a teologia sistemática, o discipulado não é arbitrário, mas bíblico e lógico. Certamente os tópicos interpenetram, e certamente nenhuma apresentação – adaptada à situação, a audiência, e ao orador – é completamente “pura” e rígida, mas é inegável que Paulo deu uma apresentação do que chamaríamos de teologia sistemática. E *essa* é a resposta ao que devemos incluir em nossa pregação, e como devemos organizá-la.

Tal esboço é muito útil em direcionar uma apresentação positiva da teologia cristã, mas podemos também traduzi-la em termos filosóficos para fazê-la ainda mais adaptável. Ela poderia parecer de certa forma com isso: epistemologia, metafísica, moralidade, soteriologia e escatologia.

Por que precisamos de um esboço filosófico? Numa apresentação positiva da fé, não há de fato nenhuma dele; de fato, o esboço teológico seria melhor para esse propósito. Contudo, o esboço teológico não pode ser diretamente usado para engajar o incrédulo devido ao fato de que ele poderia não ter as categorias correspondentes em seu pensamento. Uma pessoa que nunca ouviu de Cristo não terá muito de uma cristologia; contudo, é quase certo que ela terá uma visão do que é certo e errado (mesmo que ela creia que não haja certo e errado), e uma opinião sobre qual é a solução para os erros na humanidade – isto é, o que “salvaria” a humanidade. Pelo menos quando pressionada para pensar sobre isso, ela poderá também ter uma visão com respeito ao destino final da humanidade, individualmente e corporativamente falando.

Assim, um esboço filosófico é mais amplo, e pode guiar o engajamento entre a cosmovisão bíblica e a cosmovisão do incrédulo. Ele pode direcionar a apresentação positiva da cosmovisão bíblica, bem como guiar o crente a fazer as perguntas corretas e mapear a cosmovisão do incrédulo, para o propósito de refutação. Mas eu repetirei que o esboço teológico é superior para uma apresentação positiva da cosmovisão bíblica, e visto que ele é mais detalhado e específico, o mesmo é útil para assegurar uma apresentação completa e coerente.

Todavia, outro esboço pode ser derivado de Atos 17. Mesmo que fosse desnecessário reduzir nosso esboço a um mais simples, esse outro é útil por nenhuma outra razão que não a de ser fácil de lembrar: autoridade, realidade, moralidade e mortalidade. A “autoridade”, certamente, refere-se ao princípio epistemológico controlador que produz e restringe o resto do sistema. Discutir mortalidade é discutir a visão da pessoa sobre a morte, sobre o fim, e para onde os itens precedentes de seu sistema o levam.

Repetindo, embora alguém possa seguir em linhas gerais tal esboço num monólogo, um plano rígido geralmente não é possível numa conversação. Cada tópico implica em outros, e a discussão andará para frente e para trás entre esses assuntos principais. Por exemplo, se a visão do não-cristão da *realidade* nega uma alma incorpórea, então isso afetará sua visão de *mortalidade*, e provavelmente até *moralidade*. E se ele nega a alma, podemos lhe perguntar por qual *autoridade* ele sabe isso.

O esboço pode facilitar também o engajamento. Por exemplo, se o incrédulo afirma a *autoridade* da ciência, como isso se relaciona com a sua crença na autoridade da Escritura? A autoridade científica refuta a autoridade bíblica? Se sim, como? Ou é a própria ciência que está em problema, de forma que ela não tem nenhuma autoridade para nos dizer algo sobre a realidade, moralidade e mortalidade? Assim, a interrelacionalidade dos tópicos não é um problema, e uma discussão estritamente linear é desnecessária, enquanto que cada área maior é no final das contas coberta em alguma profundidade.

3. A PRESENÇA PERMANENTE

Se o ato de evangelismo é ofensivo aos incrédulos, a mensagem é ainda mais escandalosa. Ela conflita com os sistemas de crença deles em cada ponto e sobre cada assunto. Ela é intrusa, subversiva, um insulto, e um agouro. Para os escolhidos, ela é uma “fragrância de vida”, mas para aqueles que Deus rejeitou, ela é o próprio “cheiro de morte”. Tal ministério não deve ser considerado fácil. Como Paulo pergunta: “Mas quem está capacitado para tanto?” (2 Coríntios 2:16).

Agora, eu não gosto quando pregadores e teólogos citam uma declaração da Bíblia que parece conduzir a uma certa direção, quando a mesma Bíblia imediatamente responde isso a fim de apontar a direção oposta. Uma das melhores ilustrações é 1 Coríntios 2:9, que diz: “Todavia, como está escrito: ‘Olho nenhum viu, ouvido nenhum ouviu, mente nenhuma imaginou o que Deus preparou para aqueles que o amam’”. Muitas pessoas simplesmente param aqui, e isso dá a impressão oposta do que Paulo está dizendo, pois ele continua: “MAS Deus o revelou a nós por meio do Espírito” (v. 10).

Nós *sabemos* o que Deus tem preparado para aqueles que o amam. Nenhum olho tinha visto, mas Deus o revelou. Nenhum ouvido tinha ouvido, mas Deus o fez conhecido. Nenhuma mente o concebeu, mas Deus nos ensinou. Como? Por seu Espírito. *Esse* é o ponto, de forma que se não formos citar o versículo 10, então não devemos citar o versículo 9 também. A passagem não afirma mistério, mas conhecimento; não afirma algo oculto, mas a revelação.

Algo similar tem sido feito com 2 Coríntios 2:16. Pregadores e teólogos lamentam: “Oh! Quem está capacitado para tanto?”. Mas Paulo não nos deixa em desespero, pois quase imediatamente ele diz: “Não que possamos reivindicar qualquer coisa com base em nossos próprios méritos, mas a nossa capacidade vem de Deus. Ele nos capacitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do Espírito; pois a letra mata, mas o Espírito vivifica” (3:5-6). Nós não somos competentes em nós mesmos, mas Deus tem *nos feito* competentes como ministros da aliança por seu Espírito.

Neste momento nosso problema é que Cristo tem nos dado uma tarefa aparentemente impossível. Ele tem nos ordenado a fazer algo que as pessoas acham intrusiva para lhes dizer algo que elas acham ofensivo. Ele requer de nós algo que ele sabe que é difícil e algumas vezes perigoso.

Mas o Senhor não nos deixa indefesos e sem esperança. Quando Jeremias disse: “Mas eu disse: Ah, Soberano Senhor! Eu não sei falar, pois ainda sou muito jovem. O Senhor, porém, me disse: “Não diga que é muito jovem. A todos a quem eu o enviar, você irá e dirá tudo o que eu lhe ordenar. Não tenha medo deles, pois eu estou com você para protegê-lo”, diz o Senhor.... E hoje eu faço de você uma cidade fortificada, uma coluna de ferro e um muro de bronze, contra toda a terra: contra os reis de Judá, seus oficiais, seus sacerdotes e o povo da terra. Eles lutarão contra você, mas não o vencerão, pois eu estou com você e o protegerei”, diz o Senhor” (Jeremias 1:6-8, 18-19, mas veja também o v. 17).

Aqui temos a maior das promessas na Grande Comissão – Jesus diz: “E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”. O pronome “eu” está incluso no verbo, mas ele é pronunciado como uma palavra separada para ênfase, como se dissesse: “Eu, eu mesmo, e ninguém menos do que eu mesmo, estarei sempre com vocês”. Não alguma outra pessoa, não um anjo, não uma força, mas o próprio Cristo nos conduzirá e nos acompanhará a medida que obedecermos a Grande Comissão.

A Grande Comissão seria impossível sem a presença de Cristo, pois a tarefa é fazer discípulos, mas somente ele pode mudar o coração humano. Somente ele tem o poder de controlar diretamente a mente do homem, e dirigi-la para a direção que ele quer. Sem esse poder espiritual para encher nossa pregação, e torná-la eficaz, ninguém jamais seria convertido.

Paulo escreve: “a mensagem da cruz é loucura para os que estão perecendo” (1 Coríntios 1:18). Isso não é porque o evangelho é realmente louco de uma perspectiva racional, mas é porque os pecadores são tão tolos, tão irracionais, e suas mentes têm sido tão obscurecidas e danificadas que é impossível para eles reconhecer a verdadeira sabedoria. Os pontos de referência deles estão tão longe da verdade que até mesmo a mais alta sabedoria pareceria para eles como a maior falsidade, e a tolice mais absurda. Os intelectos deles estão tão debilitados que eles não podem julgar corretamente nem mesmo as provas mais claras e os argumentos mais perspicazes.

Nós podemos oferecer provas e razões, e o Espírito frequentemente os usará em sua obra de conversão e santificação. Mas em si mesmos, até mesmo os argumentos mais sólidos, aqueles que são irrefutáveis e inegáveis, não podem convencer os não-cristãos da verdade do evangelho, pois suas mentes tem sido destruídas de uma maneira abrangente pelo pecado, de forma que há barreiras morais e intelectuais neles que são impenetráveis pelo discurso humano ordinário, não importa quão verdadeiro e sólido ele possa ser. Os incrédulos são muito teimosos para ouvir, e muito estúpidos para entender.

Esse é o porquê a conversão requer um poder espiritual para agir diretamente sobre a mente humana, e para desfazer os laços do pecado num nível mais profundo. Isso é o que chamamos de regeneração, e quando o Espírito faz com que isso ocorra num dos escolhidos de Deus, então ele também concede soberanamente fé no evangelho a essa pessoa. E assim Paulo escreve: “O deus desta era cegou o entendimento dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus... pois Deus, que disse: “Das trevas resplandeça a luz”, ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo. Mas temos esse tesouro em vasos de barro, para mostrar que este poder que a tudo excede provém de Deus, e não de nós” (2 Coríntios 4:4, 6-7).

Paulo lembra aos tessalonicenses que o evangelho chegou até eles “em poder, no Espírito Santo e em plena convicção” (1 Tessalonicenses 1:5), e ele diz aos coríntios: “Minha mensagem e minha pregação não consistiram de palavras persuasivas de sabedoria, mas consistiram de demonstração do poder do Espírito, para que a fé que vocês têm não se baseasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus” (1 Coríntios 2:4-5). Visto que já escrevi uma exposição suficientemente detalhada das duas passagens em meu livro *Questões Últimas*, não farei nada mais do que mencioná-las aqui. Para o nosso propósito, é suficiente concordar que precisamos de poder

espiritual para desempenhar eficazmente a obra do evangelho, e as boas novas é que esse poder nos é prometido com a Grande Comissão.

Esse poder não é algo que podemos produzir. Você não pode manipulá-lo com sua voz, seus maneirismos, sua personalidade, ou sua força de vontade. Você não pode aumentá-lo ou controlá-lo nem mesmo com muita oração, mas estamos falando sobre a ação soberana do Espírito Santo. Sua parte é tornar a mensagem clara, e o Espírito opera de acordo com a vontade de Deus.

A promessa da presença e do poder de Deus não significa que todos aqueles que te ouvirão crerão – longe disso. Embora todos sejam moralmente requeridos a se arrepender e crer no evangelho, e aqueles que rejeitam o evangelho serão punidos por isso, não é a todos que o arrependimento e o crer são dados, mas somente àqueles que Deus escolheu e amou antes da fundação do mundo. Nesses o Espírito operará, e ele os regenerará e converterá. Eles serão recebidos com alegria e com braços abertos. Outros, por outro lado, se oporão a você, lhe caluniarão e lhe insultarão. Mas mesmo então o Espírito estará em ação, endurecendo aqueles que ele deseja endurecer, diretamente e ativamente confirmando o mal em seus corações.

Se eles têm pensado muito sobre isso de alguma forma, a maioria dos cristãos tem uma teologia lamentavelmente inadequada do poder espiritual, uma que não somente falha em reconhecer plenamente a obra do Espírito na conversão e santificação, mas que falha ainda mais em confrontar com honestidade as reivindicações de poder do ocultismo, da bruxaria, das falsas religiões, e das adoração demoníacas.

Algumas pessoas tomam a posição de que os poderes demoníacos não são reais, e que Satanás não tem nenhum poder sobrenatural real, mas a palavra “sobrenatural” é frequentemente ambígua. Embora nem todos eles vão tão longe, alguns deles clarificariam isso dizendo que todas as demonstrações aparentes de poderes satânicos são de fato ilusões. Essa posição parece terrivelmente ingênua, a menos que sua verdade seja estabelecida por sólida exegese bíblica, mas até aqui não estou convencido pelas tentativas com as quais tenho me deparado. E se o significado é que Satanás tem de fato poder para manipular objetos e forças físicas, mas ele não pode fazer nada mais, ou como alguns dizem, que ele tem poder sobre-humano, mas não pode sobrenatural, então ainda precisamos formular uma perspectiva bíblica a partir da qual confrontarmos isso.

Algumas vezes é apontado que a Escritura refere-se aos “falsos” sinais e maravilhas, e a partir disso, têm sido feitas inferências com respeito à natureza dos “milagres” satânicos, no que diz respeito se eles são sobrenaturais, ou apenas sobre-humanos, ou até mesmo nada mais do que ilusões naturais que qualquer mágico de festa pode produzir. Mas precisamos mais do que isso, visto que “falso” tem diversos significados, e chamar alguém de “falso” profeta não significa que a pessoa não exista, mas que religiosamente falando, ele representa uma mensagem falsa. Uma “religião” falsa ainda é uma religião, apenas a sua mensagem é incorreta.

Da mesma forma, o termo sinais “de mentira” não indica imediatamente a falta de poder sobrenatural real, visto que pode ser que a mentira está na mensagem que acompanha tais sinais, e não no fato de que os sinais sejam meras ilusões. Além do mais, mesmo que alguns milagres “falsos” sejam de fato ilusões, e não sobrenaturais

de forma alguma, isso não significa automaticamente que todos esses milagres não sejam nada mais do que ilusões naturais.

A perspectiva bíblica com respeito aos poderes demoníacos, me parece, nunca é negá-los, ou negar que eles sejam sobrenaturais, mas afirmar a superioridade do poder de Deus. Isso não significa que todos os sinais satânicos sejam necessariamente reais, no sentido de maravilhas sobrenaturais e não ilusões, mas que a Bíblia não os confronta a partir de tal perspectiva.

Agora, a Bíblia relata muitos casos de encontros de poder entre os seguidores de Deus e os seguidores de Satanás, Quando Moisés confrontou os mágicos de Faraó, ele jogou seu cajado no chão e ele se tornou uma serpente. Os mágicos jogaram os deles, e eles se tornarão em serpentes também. Quer os mágicos tenham realizado meras ilusões ou não, e os seus cajados nunca tenham de fato se tornado serpentes reais, ou que por um truque de prestidigitação eles trocaram os cajados por serpentes, não é o aspecto mais importante e relevante do assunto. O ponto a ser captado e aplicado é que o cajado de Moisés, transformado numa serpente, consumiu os cajados ou serpentes dos mágicos. E pelo menos a partir dessa perspectiva, pouco importa se os seguidores de Satanás possuem poder sobrenatural real ou não. O que importa é que o poder de Deus sempre é real e triunfante.

Deixe-me lhe contar a história da garota Wiccan¹⁰⁸ sacudida. Eu devo deixar de lado muitos detalhes interessantes e instrutivos sobre esse incidente por causa da falta de tempo, mas eu lhe direi aquelas coisas que são necessárias para entender a história e que são relevantes para a nossa presente discussão.

Isso aconteceu quando eu ainda era um adolescente na escola secundária. Naquele tempo, eu pregava todo Domingo para um grupo de adultos fora do campus. Havia um grupo de estudo bíblico no campus que se encontrava todas as Quartas-feiras à noite, mas eu não tinha nenhum contato com ele. Até aquele momento, eu nunca tinha pregado para outros adolescentes, isto é, exceto em diversas discussões privadas com amigos sobre o evangelho.

Então, um dia encontrei a irmã de alguém que era meu amigo desde a escola primária. Agora ela estava na mesma escola secundária na qual eu estava, embora seu irmão tivesse ido para um outro lugar. Ele tinha me dito sobre ela, mas eu sabia sobre ela também. A medida que conversamos, ela mencionou que estava indo para o estudo bíblico da escola. Ela me convidou para ir, mas quando hesitei, ela sugeriu que eu me encontrasse com o supervisor do grupo da faculdade. Talvez ele pudesse fazer o grupo parecer mais apelativo e mudar minha mente sobre ele.

Assim, eu encontrei o supervisor, e imediatamente nos entendemos muito bem, principalmente porque ele era um homem extremamente sociável e hospitaleiro, e mais do que um pouco jovial também. Ele abria sua casa do campus todos os dias de forma que os estudantes cristãos pudessem orar e socializarem uns com os outros. Nas próximas diversas semanas, encontramos-nos diversas vezes, e após ele descobrir mais sobre mim, algumas das coisas que tinha estado fazendo, e talvez algumas das minhas forças, ele me convidou para me dirigir ao seu grupo de estudo bíblico.

¹⁰⁸ Nota do tradutor: Adapta da Wicca, que uma religião neopagã, fundada originalmente pelo funcionário público britânico Gerald Gardner. Embora essa fundação tenha ocorrido provavelmente na década de 1940, só foi revelada publicamente em 1954.

Seria correto dizer que o grupo praticava uma estrutura busca-amigável quando eles se reuniam. De fato, era tão “amigável” que, como descobri mais tarde, uma garota Wiccan tinha visitado as reuniões durante todo o ano e se sentia completamente em casa ali. Mais tarde, eu descobriria que o supervisor da faculdade tinha lhe perguntado porque ela estava indo em todas aquelas reuniões quando ela não tinha nenhuma intenção de se tornar uma cristã, nem estava convencida ou perturbada por algo que foi dito ali. Sua resposta foi: “eu gosto dos cânticos”.

Você pode entender que tipo de atmosfera eles tinham estado fornecendo para aqueles que chegavam. Ninguém sentia ameaçado ou desafiado de forma alguma, e essa era a forma que eles queriam fazer. Assim, conhecendo agora um pouco sobre o tipo de pessoa que eu era, o tipo de coisas que eu provavelmente diria, e a forma como provavelmente iria dizê-las, o supervisor da faculdade e os líderes dos estudantes, estavam ao mesmo tempo um pouco apreensivos sobre a minha aparência.

Para o supervisor, isso foi uma decisão mais ousada – poderia haver grande problema, e havia muita coisa em jogo. Embora eu pensasse que ele era muito “soft”, e tenha lhe dito isso, ele já tinha recebido pressão da escola para encorajar mais o falar sobre o Cristianismo no campus, mesmo que isso fosse numa variedade de busca-amigável. E assim, o que eu iria fazer e dizer ali, ao seu convite, poderia colocar seu trabalho em grande risco. Talvez ele pensasse que eu tinha algo que seu grupo necessitava, mas seja qual tenha sido a razão, ele decidiu me deixar livre a despeito do perigo.

Quanto a mim, o incidente apresentou vários desafios pessoais que eu tive que sobrepujar. Mais tarde, percebi que o incidente marcou um momento decisivo em minha fé e ministério, não por causa do que aconteceu quando eu me dirigi ao grupo, mas por causa do que requereu de mim estar ali. Mas isso é outra história, e tomaria muito tempo dizer o que aconteceu.

O dia finalmente chegou, e após cantar vários cânticos e uns poucos minutos de leitura da Bíblia, o supervisor fez uma breve introdução e eu me levantei para falar. Eu falei sobre o que pensava que o grupo mais necessitava ouvir – sobrenaturalismo bíblico. Eu afirmei o relato da criação contra a evolução biológica, e a historicidade da narrativa do Éden contra as teorias mitológicas. Falei sobre a inerrância da Escritura e afirmei que os milagres na Bíblia de fato aconteceram. Condenei os eruditos liberais nos “cemitérios” (seminários) que estavam subvertendo a fé daqueles adolescentes que estavam tentando seguir, ou pelo menos tentando investigar. Foi de fato um discurso de “busca-amigável” – estou certo que fui agradável para aqueles que estavam realmente buscando. Para o restante, isso foi um som de condenação e um aroma de morte.

A reação geral foi muito positiva. Os cristãos ficaram excitados e encorajados na fé. Um dos líderes dos estudantes me disse, brincando, que o Espírito devia ter estado sobre mim, visto que ele achou que eu estava surpreendentemente entretido – ele geralmente me achava muito sério.

Mas nem todo mundo foi entretido. No dia seguinte, a garota Wiccan foi até o supervisor da faculdade e disse-lhe que, quando comecei a falar, ela sentiu um poder dominá-la e lhe sacudi-la fisicamente, e o mesmo continuou durante toda a noite até a

manhã do dia seguinte. Ele se sentia culpada, e muito amedrontada, e foi até o supervisor para uma explicação. Eu não poderia ter manipulado a situação daquela forma, visto que eu não estava ciente de que havia tal pessoa na audiência até que fui informado sobre ela mais tarde.

Eu posso lhe contar muitas histórias como essa, algumas das coisas muito mais espetaculares do que isso, nas quais o Espírito de Deus operou no e sobre o povo de formas que estavam além da minha ciência e controle. Mas *esse* incidente é especialmente relevante porque ele nos apresenta um contraste entre duas abordagens e seus respectivos resultados. Por um lado, você tem um ambiente de busca-amigável no qual até mesmo uma Wiccan poderia se assentar ali, semana após semana, por quase um ano completo, sem nenhuma convulsão nem mesmo na consciência. Então, por outro lado, você tem uma declaração poderosa da verdade da Escritura, da realidade histórica da criação, e dos milagres e da ressurreição de Cristo, juntamente com uma condenação sem desculpas das teorias incrédulas. A promessa da primeira é a aceitação humana inadequada, mas a recompensa da última é a visitação do Espírito. Uma te recebe com abraços e tapas nas costas; a outra te confronta com verdade e poder.

Imaginem! A garota Wiccan não cria, mas ela gostava dos cânticos! Por meses ela tinha estado cantando:

Deep, deep, deep, deep, deep, deep, down, down,
 deep down in my heart, I love you Jesus!
 Deep down in my heart.

No fundo, no fundo, no fundo, no fundo, no fundo, no fundo,
 no fundo, no fundo
 No fundo do meu coração, eu te amo Jesus!
 No fundo do meu coração.

Alguns de vocês considerariam um cântico como esse muito superficial, e vocês estariam corretos, especialmente se você cantar só cânticos como esse. Todavia, isso é algo que um crente pode cantar com significado – eu *de fato* amo Jesus no fundo do meu coração. “Oh Dia Feliz” não é uma adoração profunda, ou nem mesmo uma adoração, mas é suficiente para me deixar em lágrimas. Foi de fato um “dia feliz” quando “ele lavou os meus pecados”.

Contudo, “Oh Dia Feliz” não converteu aquela garota Wiccan, e ela *não* amava Jesus no fundo do seu coração, ou em algum lugar em sua pessoa, no que diz respeito. Ela estava apenas achando divertido e desfrutando das melodias. Todos estavam confortáveis, e a única pessoa ofendida era Deus.

Mas então, e não até então, alguém apareceu e pregou o evangelho para ela, e talvez pela primeira vez lhe fez perceber que havia uma pessoa e um poder associado com essa mensagem que ela nunca tinha conhecido antes. Ela percebeu que havia algo de errado com ela que ela não poderia corrigir por si mesma, e que ela precisava da salvação de Deus.

Paulo escreve que ele não se envergonhava do evangelho, porque ele é o poder de Deus para salvar todos aqueles que crêem. Se não nos envergonharmos do evangelho, então Cristo não se envergonhará de nós, e nem seremos envergonhados de nós mesmos no dia do julgamento. Mas o que há no evangelho do que se envergonhar? Que promessa! Que poder! Que beleza! Que coerência perfeita! É fácil ter confiança no evangelho.

Para o cristão que abraça a Grande Comissão, e que a obedece em fé, amor, alegria e dever ao Senhor, o poder de Deus em toda sua plenitude é uma realidade presente e ativa. Eu posso pregar com confiança e ensinar com autoridade todas as vezes, e em qualquer contexto, pois eu sei que a presença e o poder do Senhor Jesus Cristo está comigo. Num nível subjetivo, minha confiança descansa no chamado de Deus sobre a minha vida, que é mais real para mim do que o meu próprio nome. Ela ocupa minha consciência durante todo o tempo, e define todos os meus pensamentos, planos e ações. Mas a base objetiva para a confiança é ainda mais forte. Ela é a revelação bíblica do propósito eterno de Deus e seu poder soberano para realizá-lo. Ele terá misericórdia daqueles a quem ele quer ter misericórdia, e ele endurecerá aqueles a quem ele quer endurecer. Ele realizará sua vontade, e não há chance para fracasso. Com a mesma mensagem, ele salvará o eleito e destruirá o ímpio. E porque isso lhe agrada, agrada a mim também.